

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS:
CULTURA, DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**GORDOFOBIA, RESISTÊNCIA E ATIVISMO A PARTIR DO
MOVIMENTO *VAI TER GORDA* EM SALVADOR/BA**

Rosimere da Paixão Santos

CACHOEIRA – BAHIA

2021

**GORDOFOBIA, RESISTÊNCIA E ATIVISMO A PARTIR DO
MOVIMENTO *VAI TER GORDA* EM SALVADOR/BA**

ROSIMERE DA PAIXÃO SANTOS

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Figueiredo

CACHOEIRA – BAHIA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

S237g Santos, Rosimere da Paixão.

Gordofobia, resistência e ativismo a partir do movimento vai ter gorda em Salvador/Ba. /
Rosimere da Paixão Santos. Cachoeira, BA,
2022.

111f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Lucia Figueiredo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes
Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura,
Desigualdade e Desenvolvimento, 2021.

1. Imagem Corporal – Aspectos Sociais - Bahia. 2. Beleza Feminina (estética). 3.
Imagem Corporal em Mulheres - Bahia. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Centro de Artes, Humanidades e Letras.

II. Título.

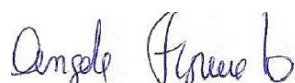
CDD: 305.42

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS:
CULTURA, DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**GORDOFOBIA, RESISTÊNCIA E ATIVISMO A PARTIR DO
MOVIMENTO VAI TER GORDA EM SALVADOR/BA**

Comissão Examinadora da Defesa da Dissertação de
Rosimere da Paixão Santos


Aprovada em: 6 de outubro de 2021



Profa. Dra. Angela Lucia Silva Figueiredo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Orientadora



Profa. Dra. Márcia da Silva Clemente
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 LILIANE DE JESUS BITTENCOURT
Data: 25/02/2022 07:33:59-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Liliane de Jesus Bittencourt
Universidade Federal da Bahia
Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

A Deus, pela proteção e providencias.

A meu pai, Raimundo Martins. À minha mãe, Neuza Paixão (*in memoriam*), que me deixou o legado de ir em busca da educação como base primordial para o nosso crescimento, sendo um grande exemplo para mim, como professora. Aos meus irmãos, que me permitiram alcançar os meus sonhos. Gratidão!

A toda a minha família, sem vocês não sou nada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto de amor. É reconhecer as pessoas importantes que deixaram uma marca indelével em nossa vida. Por isso, agradeço:

A Deus e a Nossa Senhora, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos tristes e alegres, segurando a minha mão e cuidando de mim. Obrigado por me dar forças para conseguir alcançar mais uma vitória nesse momento tão difícil, secando minhas lágrimas, para eu pudesse prosseguir com a escrita.

À Professora Angela Figueiredo, pela competência na condução da orientação. Agradeço a paciência e o auxílio nos momentos mais delicados.

À Dailza Araújo, que foi um grande anjo em minha trajetória. A Luciana Falcão, Wellington Pereira e Taliane Oliveira, vocês contribuíram para a realização desta pesquisa. Sem a disponibilidade de vocês, certamente nada disso teria sido possível. Muito obrigado!

Ao Coletivo Angela Davis, pelos momentos de convivência e de rico aprendizado. As orientações coletivas e as partilhas de conhecimento foram significativas para meu crescimento acadêmico.

Às meninas do grupo que reunimos para estudar Gordofobia: Grasielle Mota e Renata Argolo. À minha turma do mestrado, vocês foram incríveis.

Às minhas amigas, em especial à Érica Taíse e Eliene, pela força nos momentos de angústia vividos durante o mestrado.

Agradeço também aos professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que me incentivaram a estar aqui. Em especial, aos professores Macela Mary, Márcia Clemente, Diogo Valença, Luciana Brito, dentre outros, que acreditaram que eu poderia chegar mais longe.

Às professoras que compõem a banca examinadora: Márcia Clemente e Liliene de Jesus, pelas contribuições imprescindíveis à pesquisa. A partir das importantes indicações, o meu trabalho foi melhorado e amadurecido.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha vida e história.

EPÍGRAFE

“Não importam as circunstâncias e não importam as adversidades, por mais difícil que seja, eu vou seguir em frente e vou reunir todas as forças para que eu me transforme cada vez mais na pessoa que eu decidi ser.”

Madre Tereza de Calcutá

GORDOFOBIA, RESISTÊNCIA E ATIVISMO A PARTIR DO MOVIMENTO VAI TER GORDA EM SALVADOR/BA

RESUMO: Esta dissertação tem como objetivo analisar a trajetória e atuação do Movimento *Vai Ter Gordas* em Salvador/BA e sua articulação nas redes sociais em meio à pandemia da Covid-19, que vem assolando o Brasil e o mundo. Em tempos em que o isolamento social é uma orientação sanitária, neste contexto se intensificaram as piadas gordofóbicas nas redes sociais, através de vários memes, configurando-se também como atos de violência contra pessoas gordas. Serão elencadas as ações estrategicamente pensadas e articuladas nos espaços virtuais ocupados pelo Movimento, que ganham o âmbito público e pautam indagações aos padrões estabelecidos para os “corpos de verão”, reunindo mulheres de biquíni que vão às praias com o objetivo de incentivar outras mulheres gordas a valorizarem seus corpos. O Movimento *Vai Ter Gordas* identifica e busca combater a redução do padrão de beleza a uma determinada estética corporal, enquanto um modelo que se deve aspirar e consumir, pois identifica que a pessoa gorda acaba caindo nas graças do capitalismo, que cria um nicho de mercado, formando um público consumidor para gerar cada vez mais lucro. Assim, surge a problemática que norteia esta pesquisa, o impacto do Movimento *Vai Ter Gordas* na luta contra a gordofobia na vida das mulheres gordas, em especial das mulheres negras e gordas. Enquanto objetivos específicos, temos: 1) Analisar a constituição do Movimento e compreender as intersecções entre as categorias gênero, raça, classe e beleza no seu interior; 2) Refletir sobre a importância do ciberativismo e a construção de redes contra a gordofobia; e 3) Investigar como o Movimento *Vai Ter Gordas* em Salvador está se articulando em meio ao contexto da pandemia da Covid-19. O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica e análise das *lives* realizadas através do *Instagram* do Movimento *Vai ter gordas*. Ampliar os estudos sobre gordofobia é urgente, para que mulheres gordas sejam ouvidas e consideradas na construção de políticas públicas dentro dos espaços de poder, para os quais devemos levar a discussão sobre a estigmatização do corpo gordo e suas consequências, bem como a despatologização do corpo gordo como questão de direitos humanos.

Palavras chave: Ações do Movimento *Vai Ter Gordas*; Gênero e Raça; Gordofobia.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the trajectory and performance of the Vai Ter Gorda Movement in Salvador/BA and its articulation in social networks in the midst of the Covid-19 pandemic, which has been ravaging Brazil and the world. In times when social isolation is a health guideline, in this context the fat-phobic jokes on social networks have intensified, through several memes, also configuring themselves as acts of violence against fat people. The actions strategically thought out and articulated in the virtual spaces occupied by the Movement will be listed. These actions gain public space and question the standards established for the "summer bodies," bringing together bikini-clad women who go to the beaches with the goal of encouraging other fat women to value their bodies. The Vai Ter Gorda Movement identifies and seeks to combat the reduction of the standard of beauty to a certain body aesthetic, as a model to be aspired to and consumed, because it identifies that the fat person ends up falling into the hands of capitalism, which creates a market niche, forming a consumer public to generate more and more profit. Thus, the problematic that guides this research arises, the impact of the Vai Ter Gorda Movement in the fight against fatphobia in the lives of fat women, especially fat black women. As specific objectives, we have: 1) Analyze the constitution of the Movement and understand the intersections between the categories gender, race, class and beauty within it; 2) Reflect on the importance of cyberactivism and the construction of networks against fatphobia; and 3) Investigate how the Vai Ter Gorda Movement in Salvador is articulating itself amid the context of the Covid-19 pandemic. The work was carried out through bibliographic research and analysis of the lives performed through the Instagram of the Vai Ter Gorda Movement. Expanding the studies on fatphobia is urgent, so that fat women are heard and considered in the construction of public policies within the spaces of power, to which we must take the discussion about the stigmatization of the fat body and its consequences, as well as the depathologization of the fat body as a human rights issue.

Keywords: Actions of the Vai Ter Gorda Movement; Gender and Race; Fatphobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Passageira denuncia gordofobia por parte de motorista de ônibus em Salvador/BA.....	11
Figura 2	Postagem sobre o Projeto de Lei 3003/2019.....	13
Figura 3	Card de <i>live</i> promovida pelo Movimento <i>Vai Ter Gorda</i> no Instagram.....	19
Figura 4	Movimento <i>Vai Ter Gorda</i> na praia de Itapuã, Salvador/BA.....	26
Figura 5	Thais Carla é vítima de gordofobia.....	29
Figura 6	Atriz Cacau Protásio vestida de bombeira.....	33
Figura 7	Adriana Santos, fundadora do Movimento <i>Vai Ter Gorda</i> em Salvador/BA.....	37
Figura 8	Mulheres do Movimento <i>Vai Ter Gorda</i> realizam ato público....	39
Figura 9	<i>Prints</i> de comentários no <i>Facebook</i>	42
Figura 10	Card da <i>live</i> “Gordofobia na pandemia: o preconceito virou brincadeira?”.....	43
Figura 11	Postagem sobre Gordofobia Médica.....	44
Figuras 12 a 15	Memes gordofóbicos na quarentena, uma forma de <i>body shaming</i>	47
Figura 16	Modelo gorda menor <i>versus</i> modelo gorda maior.....	56
Figura 17	Movimento <i>Vai Ter Gorda</i> promove a exposição “Gorbeleza”..	63
Figura 18	Anitta apresenta as suas bailarinas <i>plus size</i>	65
Figura 19	Bailarina da Anitta, Alline Azevedo recebe ataques por ter engordado.....	68
Figura 20	MC Carol lança o <i>single</i> “Levanta mina”.....	75
Figura 21	Bielo Pereira fala sobre gordofobia, racismo e militância.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS

BA	Bahia
CF	Constituição Federal
FGM	Fundação Gregório de Matos
GG	Grande, Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PL	Partido Liberal
PL	Projeto de Lei
SAC	Serviço de Atendimento ao Cidadão
SUCOP	Superintendência de Obras Públicas
SUS	Sistema Único de Saúde
TICS	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	01
1	ATIVISMO CONTRA A GORDOFOBIA EM TEMPOS DE CRISES	07
1.1	Gordofobia e resistência da mulher gorda.....	07
1.2	Não basta não ser gordofóbica, é preciso ser antigordofóbica.....	08
1.3	Todos os dias mulheres gordas são xingadas nas redes sociais	28
2	AÇÕES DO MOVIMENTO VAI TER GORDA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	36
2.1	“Nosso corpo carrega a nossa história”	36
2.2	Corpos gordos são sinônimo de revolução.....	43
2.3	Não adianta disfarçar sua gordofobia com piada	47
2.4	Todos os dias mulheres gordas são rejeitadas em entrevistas de emprego.....	51
2.5	Por uma moda <i>plus size</i> mais inclusiva	55
3	INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA E GORDA NO BRASIL	60
3.1	Gordofobia recreativa: piadas que devemos apagar do dia a dia.....	86
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender as abordagens políticas do Movimento *Vai Ter Gorda* em Salvador/BA, fundado em janeiro de 2016 por Adriana Santos¹ – que se autodenomina ativista, feminista interseccional e antirracista. Tal Movimento surgiu a partir de um protesto realizado contra o preconceito sofrido pelas pessoas que estão acima do peso, nomeado de “gordofobia”². Desse modo, o Movimento ganhou as ruas e também passou a ocupar as redes sociais, desenvolvendo diversas ações com o intuito de combater a gordofobia e incentivar a valorização das mulheres gordas. Atualmente, Adriana Santos ocupa a posição de coordenadora nacional do Movimento, que já se expandiu para Portugal, Itália, Suíça, Noruega e Angola e, no Brasil, além da Bahia, está presente em estados como Rio de Janeiro, Recife e Fortaleza, com ações que reivindicam políticas públicas para incluir mulheres gordas no mercado de trabalho, além de abraçar outras demandas dos direitos humanos.

O perfil do Movimento no *Instagram* possui mais de 15 mil seguidoras/es e suas pautas partem de um público específico que sempre foi invisibilizado, entre elas, a luta pela acessibilidade na vida cotidiana, pela inclusão no mercado de trabalho, além de outras políticas públicas que precisam ser voltadas para pessoas gordas. Dentre as maiores solicitações e queixas das participantes, estão: o desafio de utilizar transportes públicos com degraus tão altos e o fato de assentos e catracas serem tão pequenos e estreitos; os constrangimentos ao tentar aferir a pressão arterial, devido ao tamanho do equipamento que não cabe no nosso braço; e também a dificuldade de utilizar macas hospitalares, que são terrivelmente inadequadas. Ou seja, vivemos em uma sociedade estruturada para pessoas magras, e para desconstruir essa realidade é necessária uma luta diária.

O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa parte inicialmente da minha própria experiência em busca de um “corpo bonito” e dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade capitalista moderna, através da moda e da mídia.

¹ Baiana, é funcionária pública, produtora de eventos, modelo, *Miss Plus Size Bahia* e ativista.

² Segundo a Adriana Santos, em depoimento publicado no *Instagram* do *Vai Ter Gorda*, ela sofreu gordofobia desde a infância, e quando cresceu foi percebendo que havia outras mulheres que sofrem também com esse preconceito. Assim, surgiu a ideia de criar um movimento pelos direitos e pela valorização das mulheres gordas.

Nessa procura, sempre foi demarcada em minha existência a necessidade de ter um corpo feminino magro e, preferencialmente, “branco” e de cabelos lisos.

Sou Rosimere Santos, uma mulher negra, gorda e natural do Recôncavo da Bahia, região conhecida pela força da cultura negra. De acordo com os modelos de padronagens estabelecidos nos manequins atuais, sou considerada uma mulher gorda menor³, sendo que foi diante desse perfil que me vi em conflito ao longo da minha adolescência. Durante a minha trajetória de vida, sempre vivenciei o conhecido “efeito sanfona”, fazia regime, emagrecia e depois engordava novamente. Essas mudanças corporais, ainda na adolescência, passaram a preocupar minha família, que me orientou a buscar um endocrinologista, um especialista para compreender as razões que levavam a essa variação no meu peso.

Durante a realização da consulta, o profissional médico me fez vários questionamentos referentes à minha alimentação e indicou a realização de exames, a fim de conseguir identificar o meu estado de saúde. Com os resultados em mãos, retornei ao consultório, mas os exames não apontavam nenhuma alteração na minha saúde, o que, para mim, leiga no assunto, deveria ser um ótimo sinal.

Mesmo não apresentando nenhuma alteração que necessitasse de um tratamento medicamentoso, o endocrinologista resolveu receitar um medicamento indicado para o emagrecimento, e eu deveria fazer uso de três caixas, para que pudessem ser visualizados os seus efeitos. Com o uso do medicamento, minha garganta começou a sangrar, mas por ser um período de inverno, achei inicialmente que fosse algo relacionado à estação do ano. Depois, interrompi o uso do medicamento, pois achei que se tratava de um efeito colateral, foi quando percebi que se continuasse com o seu uso eu poderia chegar a um estado grave de saúde. Refleti sobre isso e levantei uma série de questionamentos, entre eles: Porque, mesmo apresentado resultados satisfatórios nos exames clínicos, o médico havia me indicado o uso de um medicamento ao invés de uma reeducação alimentar e a prática de atividades físicas?

Diante da possibilidade de aquilo ser um atentado contra a minha saúde e até contra a minha vida, provocado pela medicação, iniciei um verdadeiro processo de

³ Vale destacar que os manequins são classificados no mercado da moda em: *Curvy*, para mulheres “nem gordas e nem magras”; *Plus Size*, “Tamanhos Maiores”, em Inglês. *Gorda Menor*, para mulheres gordas, mas que se “sentem mais magras”; e *Gorda Maior*, que são mulheres mais gordas. Disponível em: <https://flaviadurante.blogosfera.uol.com.br/2018/03/14/mulheres-nao-sao-plus-size-e-sim-gordas-mais-glossario-da-moda-gg>. Acesso em: 12 nov. 2020.

compreensão e aceitação do meu corpo, que era e ainda é considerado fora dos padrões. Não foi uma decisão fácil, pois tive que me impor e aceitar o meu corpo, mesmo contra o desejo de minha família, já que até hoje sou chamada de “gordinha”, e sempre escuto um parente ou outra pessoa falar: “Vai emagrecer!”, como se a minha estrutura corpórea fosse uma agressão ou resultado de uma falta de cuidado comigo mesma.

Diante desse desafio diário, passei a me aceitar da maneira que sou e fui trilhando um caminho de leituras e construindo análises críticas sobre as razões pelas quais existe a imposição de um “corpo perfeito”. Nesse sentido, vivenciar a universidade, como uma estudante de graduação, além de fazer parte de grupos de estudos e coletivos, me permitiu perceber diversos aspectos relacionados às minhas experiências e ao próprio episódio do uso de uma medicação que pôs em risco minha saúde.

Nesse percurso, pude perceber como as pessoas que não conseguem se adequar a um padrão de magreza vivenciam sofrimentos emocionais, chegando até a desenvolver patologias que podem levá-las à morte, como a anorexia e a bulimia⁴. Percebi também que todo o aparato social não é construído para atender às pessoas gordas, falo dos acentos nos aviões e nos ônibus, no cinema, do tamanho das catracas, além do preconceito diário sofrido pelas pessoas gordas, que são marginalizadas por não apresentarem o “peso ideal”. Foi com base nessas experiências que se edificou o meu desejo em aprofundar os estudos sobre a gordofobia.

Segundo Jarid Arraes – feminista, colunista, poeta e cordelista, em seu texto “Gordofobia: um assunto sério”, publicado em 2013 no Portal Geledés⁵, entre as possíveis definições, gordofobia “[...] é uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos”. Além disso, acrescenta a autora, as atitudes de preconceito nesse campo reforçam estereótipos e segregam as pessoas: “a gordofobia está presente não apenas nos

⁴ A anorexia é um transtorno alimentar caracterizado por um medo intenso de engordar e uma preocupação exagerada com o peso. Enquanto que a bulimia é um distúrbio alimentar caracterizado pela ingestão compulsiva de grandes quantidades de alimentos num curto espaço de tempo, seguida de vômitos induzidos, uso de laxantes e diuréticos, jejuns prolongados e prática exagerada de atividade física para não engordar. Disponível em: <https://www.significados.com.br/bulimia>. Acesso em: 13 mar. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gordofobia-um-assunto-serio-por-jarid-arraes>. Acesso em: 20 fev. 2021.

tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas”. Jarid Arraes também aponta para a dificuldade de se compreender a gordofobia como um preconceito, uma vez que os comportamentos intrusivos na vida alheia se justificam enquanto uma “preocupação” com a saúde. As pessoas gordas têm uma vigilância constante do olhar do outro em atividades simples do cotidiano, que pessoas magras não têm. “Acontece que, culturalmente, quem é magro é visto inicialmente como saudável, independente de outros fatores” (ARRAES, 2013, s/p.).

É preciso lembrar que estamos em um mundo cada vez mais tecnológico e conectado, onde as subjetividades são evidenciadas a todo o momento, aliado a isso, é comprovado que o capitalismo exacerbado mercantiliza tudo o que existe. E é em meio a esse contexto paradoxal, construído através da relação entre subjetividade e lucro, que crescem ações ativistas pela inserção de corpos gordos nas redes sociais, tal como faz o Movimento *Vai Ter Gordas*, que milita ativamente contra a gordofobia, nas ruas e nas redes sociais, por meio da comunicação e da informação sobre o preconceito sofrido pelas pessoas gordas, trazendo o debate sobre acessibilidade e pautando a necessidade de políticas públicas para essa parcela da população. Por causa da pandemia, foi necessário que o Movimento se reinventasse para reafirmar a luta contra a gordofobia, intensificando suas ações no *Facebook*, *Instagram* e outros espaços na internet.

O Movimento *Vai Ter Gordas* identifica e busca combater a redução do padrão de beleza a uma determinada estética corporal, enquanto um modelo que se deve aspirar e consumir, pois identifica que a pessoa gorda acaba caindo nas graças do capitalismo, que cria um nicho de mercado, formando um público consumidor para gerar cada vez mais lucro.

Assim, surge a problemática que norteia esta pesquisa: Qual o impacto do Movimento *Vai Ter Gordas* na luta contra a gordofobia na vida das mulheres gordas, em especial das mulheres negras e gordas?

Para tanto, foi elencado como objetivo geral: Analisar o impacto do Movimento *Vai Ter Gordas* na luta contra a gordofobia em Salvador. Enquanto os objetivos específicos são: 1) Analisar a constituição do Movimento e compreender as intersecções entre gênero, raça, classe e beleza no seu interior; 2) Refletir sobre a importância do ciberativismo e a construção de redes contra a gordofobia; e 3)

Investigar como o Movimento *Vai Ter Gorda* em Salvador está se articulando em meio ao contexto da pandemia.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, considerando o estado da arte, em artigos e livros, para conhecer os estudos que vêm sendo produzidos sobre o tema de investigação, como também serão apresentadas algumas reflexões a partir de publicações virtuais, em blogs, sites e no *Instagram* sobre o Movimento *Vai Ter Gorda*, no período entre 2018 a 2021. Através disso, será realizada a análise de conteúdo das postagens, onde buscaremos compreender como essas mulheres se articulam e expressam sua indignação sobre a gordofobia, além da movimentação política que promovem, no sentido de viabilizar uma transformação social e legal/jurídica sobre a problemática.

Para responder aos objetivos propostos, o presente texto se encontra estruturado da seguinte forma:

No Capítulo I, intitulado “Ativismo contra a gordofobia em tempos de crise”, trago uma explanação mais ampla sobre minha própria experiência de vida relacionada ao caso de gordofobia médica que sofri, buscando ressaltar a relevância do tema e relacioná-lo à interseção entre as categorias de gênero, raça, classe e beleza. Também abordo o surgimento do Movimento *Vai Ter Gorda*, assim como trago discussões sobre como a gordofobia influencia na promoção de paradigmas que muitas vezes enquadram as pessoas e promovem discursos e práticas preconceituosas e discriminatórias.

No Capítulo II, nomeado de “Ações do Movimento *Vai Ter Gorda* durante a pandemia da Covid-19”, será abordado o debate sobre a gordofobia e seus impactos nas subjetividades das mulheres, além da importância do ciberativismo na construção de novas representações nas redes sociais, como espaços de formação de movimentos para várias frentes de luta, inclusive sobre uma visão social do corpo que se configura como um esforço de reversão da lógica arraigada em estereótipos e estigmas sociais que deslocam as identidades do princípio da diferença, que vem assolando o Brasil e o mundo, em tempos em que o isolamento social é uma orientação sanitária e, nesse contexto, surgiram muitas piadas gordofóbicas, através de vários memes, configurando-se também como atos de violência nas redes sociais contra pessoas gordas. Serão trazidas ações estrategicamente pensadas e articuladas nos espaços virtuais ocupados pelo Movimento, que ganham o âmbito público e pautam indagações aos padrões estabelecidos para os “corpos de verão”,

que reúne mulheres de biquíni que vão às praias com o objetivo de incentivar outras mulheres gordas a valorizarem seus corpos.

No Capítulo III, intitulado como a “Invisibilidade da Mulher Gorda e Negra no Brasil”, será tratada a gordofobia e o racismo como estigmas culturais, estruturalmente institucionalizados em nossa sociedade, através de uma reflexão interseccional entre gênero, classe, raça e padrões de beleza ou “formas corporais aceitas”. Ao longo da história, as mulheres, sobretudo as mulheres pobres e negras, têm sido as maiores vítimas de desigualdades de gênero. Esse preconceito se manifesta, entre outras formas, pelas linguagens que naturalizam um ideal de beleza e saúde que exclui diversos corpos. A exigência de que as mulheres sejam sempre bonitas, como se fosse uma obrigação, é mais enfatizada quando se trata de mulheres gordas.

1 ATIVISMO CONTRA A GORDOFOBIA EM TEMPOS DE CRISES

Apesar de as redes sociais serem, muitas vezes, ferramentas utilizadas por aquelas/es que se escondem em perfis para praticarem a gordofobia e outros tipos de preconceito, ao mesmo tempo, elas podem ser um instrumento importante na luta pelo empoderamento de mulheres gordas. A criação de páginas no *Facebook* e no *Instagram* são práticas cada vez mais comuns para compartilhar o cotidiano, bem como defender causas sociais, incluindo-se o combate à gordofobia, identificando usuários gordofóbicos e encorajando as mulheres a aceitarem seus próprios corpos.

1.1 Gordofobia e resistência da mulher gorda

Considerando o contexto da pandemia causada pela Covid-19, que no Brasil já ceifou a vida de mais de 627 mil pessoas, durante o período de isolamento social muitas ações foram realizadas de modo *online*, dentre elas, destacamos os *webinários*, *lives* e *webconferências*. Diante disso, criamos estratégias de coleta de dados, incluindo o acompanhamento das atividades realizadas *online* pelo Movimento *Vai Ter Gorda*. Durante as *lives* realizadas na sua página no *Instagram*, foi possível observar como as integrantes do Movimento vêm se articulando em meio ao contexto em que vivemos.

Desde o início da Pandemia foram promovidas discursões com temas diversos, os quais se alinham no combate à gordofobia, além de outras temáticas, como por exemplo: saúde da mulher na Pandemia, gordofobia e obesidade, movimento antigordofóbico nas universidades, gordofobia e agressão da sociedade aos corpos gordos, protagonismo das mulheres negras na pandemia, representatividade gorda no cinema e na política, inclusão e visibilidade das mulheres nos espaços de poder, dentre outras. As *lives* são mediadas pela coordenadora nacional do Movimento *Vai Ter Gorda*, Adriana Santos.

Assim, considerando não apenas os discursos sincronicamente materializados, mas considerando, ainda, a construção de um *corpus* heterogêneo em si mesmo, o intuito desta pesquisa é analisar o impacto do Movimento *Vai Ter Gorda* na luta contra a gordofobia em Salvador, e trazer uma observação participante sobre o corpo gordo feminino negro, a partir das memórias que temos

dos padrões de beleza e dos acontecimentos discursivos que as ressignificam na atualidade.

Observamos que há um interesse do mercado na relação entre gordura e consumo, com a imposição de padrões até sobre a construção da classificação dos corpos gordos femininos na sociedade. É possível perceber que mulheres com corpos maiores que o padrão cultural de corpo feminino estabelecido sustentam diversos nichos ascendentes de mercado: o consumo *plus size*, o consumo dietético, o consumo médico e a indústria pornográfica, por exemplo, embora sejam consumidoras excluídas de outros mercados, principalmente pela associação entre forma física e classe social, uma vez que o corpo gordo é identificado como um corpo típico de grupos sociais menos favorecidos.

Esses debates têm a intenção de colaborar na desconstrução de preconceitos e mostrar para a sociedade que nós queremos respeito, inclusão, dignidade e políticas públicas que realmente contemplem nossos corpos gordos. Particularmente, se esse corpo estiver com alguma comorbidade é necessária uma estrutura humana para acolhê-lo com respeito, oferecendo-lhe um atendimento qualificado nos hospitais, afinal, nós também pagamos impostos, portanto, queremos ter o mesmo atendimento no Sistema único de Saúde – SUS, bem como nos demais espaços da sociedade.

Na minha trajetória de pesquisa com o Movimento *Vai Ter Gordas* aprendi com muitas experiências e relatos de mulheres que sofrem com a gordofobia, e como as políticas públicas têm negado o acesso aos direitos a essas mulheres. Pude perceber que as opressões vivenciadas pelas mulheres brancas e gordas se diferenciam das experiências das mulheres negras e gordas; e também observei que quando elas se aceitam ocorre a elevação da autoestima e a valorização do próprio corpo. Essas experiências me permitiram perceber aspectos da minha própria história, que inclui a minha opção em ser gorda, o que me possibilitou reafirmar que não estou sozinha nessa luta de resistência relacionada ao meu corpo.

1.2 Não basta não ser gordofóbica, é preciso ser antigordofóbica

As discursões sobre a gordofobia têm tido cada vez mais destaque na sociedade atual. Mas, ainda nos perguntamos: Como enfrentar esse preconceito contra pessoas gordas e estigmatizadas? Como as pessoas gordas podem se

defender dos ataques e violências cotidianas? De que modo os movimentos recentes, que lutam contra a gordofobia, estão se articulando em relação ao empoderamento e à autoaceitação de pessoas gordas?

A gordofobia é um preconceito direcionado às pessoas gordas em função de um padrão corporal estabelecido pela sociedade, que a cada dia é reforçado pela mídia, quando considera o corpo ideal é o corpo magro e branco. As pessoas gordofóbicas se comportam de forma a julgar as pessoas gordas, criticando-as, ridicularizando-as, fazendo com que se sintam anormais, e é importante destacar que esse estigma tem aumentado no contexto da pandemia da Covid-19, onde surgem vários memes ridicularizando o corpo gordo, classificando-o como um corpo doente.

As primeiras pesquisas sobre a gordofobia surgiram nos Estados Unidos da América, país onde se encontram os/as pesquisadores/as pioneiros/as nos estudos sobre a obesidade, onde surge uma produção científica considerável a partir de meados dos anos 2000 sobre a temática (RANGEL, 2017), nas áreas das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, tendo como protagonista os estudos psicológicos.

Segundo Rangel (2017, p. 1):

Os movimentos sociais, em especial, o movimento feminista a partir das interpretações sociais considerando o machismo e o patriarcado centrais na opressão feminina, passou a problematizar a questão da pressão estética sobre o corpo da mulher, e assim influenciou na distinção sobre a opressão que sofrem as mulheres gordas. A estigmatização que sofrem as pessoas gordas é chamada de gordofobia. O conceito de *fatphobia* (SYKES, 2011; CAHNMAN, 1968; ALLON, 1981). Segundo os autores afirmam que a expressão vem do inglês *fatphobia* e significa: aquele que teme ou tem uma percepção negativa de pessoas gordas e/ou da obesidade.

Podemos perceber que o padrão de beleza sofreu alterações ao longo do tempo, pois já vivemos épocas em que o padrão era de mulheres mais gordinhas, enquanto que hoje é a ausência da gordura que é valorizada, e o capitalismo tem influenciado muito essas transformações, como aponta Ariele **Souza**⁶:

No entanto, já no século XIX o corpo gordo caracterizado pela cintura grossa, costas volumosas, coxas e braços arredondados e seios generosos caracterizavam a mulher honesta e mãe de família. Ter

⁶ O uso do negrito a cada primeira vez que uma autora/autor negra/o é citada/o é uma orientação da Escola Internacional Feminista Negra Decolonial, como forma de visibilizar essas/es intelectuais na produção acadêmica.

um corpo volumoso era sinônimo de beleza, fartura e riqueza. É no século XX, período pós-guerra, quando a epidemia da obesidade começa a ter um crescimento acentuado, que o corpo gordo deixa de significar abundância e passa a significar desleixo. O corpo magro passa também a ser valorizado e fortemente influenciado pela cultura e pela mídia, onde as modelos transmitem uma imagem de poder, fama e sucesso (SOUZA, 2017, *online*).

É importante destacar que a indústria capitalista estabeleceu um padrão de beleza magro e branco, quase impossível de se alcançar, com o objetivo de obter lucro na venda de diversos produtos que prometem o corpo perfeito em poucos meses. Tal situação reforça a gordofobia, que é a aversão ao corpo gordo. Nesse contexto, o estereótipo do gordo não saudável, além de ter um crescimento que é infundado, haja vista que o fato de estar acima do peso por si só não caracteriza o indivíduo como portador de alguma doença, também dá margem para o fortalecimento de outras formas de preconceito, como o machismo e o racismo.

Assim, Ligia Amparo da Silva Santos (2008, p. 42) observa que:

O culto ao corpo e/ou autocuidado envolve um conjunto de práticas cotidianas. A prática da atividade física e a promoção das práticas alimentares saudáveis são dois pilares fundamentais das orientações/recomendações/prescrições que regem esta nova maneira de lidar com o corpo. Deste modo, o corpo está mais próximo a uma matéria-prima bruta a ser permanentemente lapidada e moldada. Transformá-lo, cuidá-lo, torna-se uma questão de realização pessoal.

Na sociedade contemporânea há uma elevação do culto ao corpo que se coloca hoje como uma inquietação relacionada à imagem e à estética. Isso nos leva a pensar que a imagem da “eterna” juventude, associada à ideia de corpo perfeito e ideal, atravessa todas as faixas etárias e classes sociais. Dessa maneira, as fábricas de imagens, como o cinema, a televisão, a publicidade, as redes sociais etc., têm contribuído muito para isso.

Entende-se por ativismo digital ou ciberativismo a utilização da internet (e outras hipermídias) por movimentos politicamente engajados nas lutas contra as injustiças e as diversas formas de exclusão, que ocorrem também na própria rede social. A fala das ativistas denuncia como a gordofobia é também um modo de negar o acesso de corpos gordos às políticas públicas, na luta contra o padrão estético, enquanto conformidade social. Não encontramos frequentemente adaptações para obesos/as em assentos no transporte público, aviões, macas dos hospitais e até em

bares e restaurantes. Muitas vezes a pessoa gorda não consegue se acomodar em uma poltrona, além de sofrer outras dificuldades para encontrar roupas adequadas e até conseguir um emprego, por conta da discriminação.

Podemos observar o quanto as mulheres gordas estão expostas todos os dias nos transportes públicos, no município de Salvador/BA, onde a cidadã abaixo (Figura 1) deveria gozar dos mesmos direitos de ir e vir de qualquer outra pessoa, conforme a Constituição Federal, mas não consegue.

Figura 1 – Passageira denuncia gordofobia por parte de motorista de ônibus em Salvador/BA



Fonte: *Facebook* do Bahia Notícias⁷.

Além do olhar de reprovação de muitas pessoas, quem é obesa/o precisa enfrentar, diariamente, uma série de obstáculos ao circular pelos espaços públicos. A falta de acessibilidade no transporte coletivo é responsável por causar constrangimentos e, conseqüentemente, situações de gordofobia, desmotivando essas pessoas gordas a usarem esse sistema de transporte e, assim, prejudicando o acesso à cidade. Vejamos a exclusão que sofrem as mulheres gordas, consideradas fora dos padrões, através de um trecho de uma reportagem do Bahia Notícias⁸ sobre o acontecido:

⁷ Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/210720-passageira-denuncia-gordofobia-por-parte-de-motorista-de-onibus-em-salvador>. Acesso em: 12 nov. 2020.

⁸ Idem.

Uma passageira do transporte público de Salvador foi submetida a um constrangimento no transporte público da capital no último sábado 5 de agosto de 2017. Thauanna Brandão pegou o ônibus Fazenda Grande, de número 20054, na Estação Pirajá, para ir a um ensaio de dança com um grupo de amigas. Em razão do seu tipo físico, ela não conseguiu passar na catraca e pediu que o motorista abrisse a porta do meio, ao que ele respondeu com uma negativa. “Perguntei por que ele não ia abrir, ele disse que só abria na presença de um fiscal. Eu desci e fui chamar o fiscal, ele arrastou o ônibus. No fundo tinha lugar pra sentar, ele disse que não ia abrir, mas mais na frente ele abriu para os amigos dele”, lembrou. Thauanna contou que insistiu na tentativa, suas amigas até tentaram convencer o motorista a abrir a porta, argumentaram que o que ele estava fazendo era errado. A tentativa foi registrada em vídeo e publicada no Facebook. O motorista só voltou atrás quando um agente da Transalvador foi chamado pelas mulheres e sinalizou que elas tinham razão. “Quando o rapaz veio, ele disse que tava errado o que ele fez, que ele poderia ter aberto a porta. Depois de toda essa conversa, ele abriu a porta do ônibus pra eu entrar. Ficamos indignadas”. Thauanna acredita ter sido vítima de gordofobia, preconceito que enfrenta cotidianamente com os olhares das pessoas que passam por ela na rua. “Eu me senti um nada, muito mal. Já vi amiga minha ficar entalada na catraca, via gente rindo. O motorista me fez ficar constrangida.

Diante do exposto acima, podemos observar a forma como o Estado é omissivo em várias situações, a exemplo do que ocorre em delegacias que não acolhem esse tipo de denúncia, enquanto que a Secretaria Municipal de Mobilidade de Salvador não garante um atendimento adequado no sistema de transporte às pessoas gordas. A gordofobia ainda não é vista pelos poderes públicos como uma maneira de ferir os direitos humanos e sociais.

Dessa maneira, o Movimento *Vai Ter Gordas* chama a atenção para a acessibilidade nos transportes públicos, em especial, para as terríveis catracas que tornam o uso do transporte um momento de sofrimento e constrangimento para as pessoas gordas, por isso, pressionou a criação do Projeto de Lei (PL) 3003/2019, enviado à Câmara Municipal de Salvador, que obriga a liberação do acesso ao transporte público de pessoas gordas pela porta do meio.

Tal Projeto de Lei aguarda a validação do atual prefeito de Salvador, Bruno Reis, e reflete sobre como as catracas têm sido um grande pesadelo para as pessoas gordas, pois o momento de usá-las lhes causa uma série de transtornos,

constrangimentos e violências: “Meu anseio é que haja uma sensibilidade e respeito pelo corpo das pessoas”, enfatiza Adriana Santos⁹.

Figura 2 – Postagem sobre o Projeto de Lei 3003/2019



Fonte: *Instagram do Movimento Vai Ter Gorda*¹⁰.

Outro PL que está em tramitação na Casa Legislativa é o de número 284/2019, para instituir 10 de setembro como o Dia Municipal de Luta contra a Gordofobia. Em 23 de julho de 2020 foi realizada uma audiência pública virtual para discutir esse PL, solicitada por Adriana Santos, e contou com mais de 70 pessoas na sala, entre elas: Hélio Ferreira, vereador pelo Partido Liberal (PL) e autor da PL; Marta Rodrigues, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT); Fabíola Mansur, deputada estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e doutora em gênero e diversidade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Naiana Ribeiro, jornalista; Nélia Almeida, advogada e presidente do Coletivo da Obesidade; Maria França, turismóloga e também coordenadora do Movimento *Vai Ter Gorda* na Bahia; Sandra

⁹ Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/movimento-vai-ter-gorda-cobra-aprovacao-de-projetos-de-lei-sobre-acessibilidade-de-pessoas-gordas>. Acesso em: 12 set. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCsS7KTIG-k/?igshid=1xq5kybkl5ctk>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Priscila, artesã e coordenadora do Movimento Gordo da Bahia; e outras ativistas, pesquisadoras/es e pessoas interessadas.

Acerca do Projeto de Lei nº 199, a Lei do Transporte, da deputada Laura Carneiro, o Congresso Nacional assegura o acesso a pessoas gordas.

Art. 19 Aos obesos fica garantida a utilização dos transportes coletivos públicos urbanos e semiurbanos, seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares, com acesso exclusivo pela porta localizada em oposição à roleta sem que seja cobrado o valor de mais de uma passagem por passageiro.

§ 1º Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão adaptados dez por cento dos assentos para os obesos, sendo retirados os braços das poltronas e garantida a utilização preferencial ao público que se destina ficando estes assentos identificados por placas.

§ 2º Fica vetada a cobrança de duas passagens para a pessoa obesa em qualquer tipo de transporte público que desempenhe a atividade de transporte de passageiros¹¹.

No documento acima, o órgão esclarece aos motoristas que, quando solicitado, poderão liberar a entrada da/o passageira/o pelas portas do meio do veículo, o que não implica na isenção da tarifa do transporte. Mas nem assim houve adesão de todos os municípios brasileiros diante dessa necessária e tão urgente demanda, como é o caso da sanção do PL 303/2019 em Salvador, que garante o acesso aos ônibus dessa parcela da população, e contou com a atuação do Movimento *Vai Ter Gorda* na criação do projeto, que ainda aguarda aprovação por parte do Executivo Municipal, e prevê o acesso de pessoas gordas pela porta de desembarque.

Caso os Projetos de Lei sejam sancionados, servirão de molas propulsoras para ampliar a discussão e o diálogo sobre a temática, além de garantir uma maior participação do poder público e da sociedade civil em ações afirmativas de conscientização e empoderamento de pessoas gordas e a potencialização de atividades de combate à gordofobia.

Estamos em processo de construção de uma sociedade que seja mais aberta a compreender temáticas como essa, no entanto, a pessoa gorda segue sendo vista

¹¹ Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1431850. Acesso em: 15 jun. 2021.

como portadora de doenças, e muitas vezes representa no imaginário social um ser humano fracassado. Segundo Jarid Arraes¹²:

Mesmo para quem rejeita o ódio internalizado, a batalha diária travada contra tantos estigmas e repúdio da sociedade é árdua. É culturalmente inimaginável que uma pessoa obesa possa demonstrar o menor sinal de autoaceitação ou amor próprio. A mídia e a indústria não só dão às pessoas a sensação de direito de inferiorizar pessoas obesas ou fora do padrão, como também instiga o ódio internalizado; tudo sob a pretensão de “preocupação com a saúde”. Toda refeição é transformada em oportunidade para constranger pessoas gordas, que são lecionadas sobre o que elas têm direito de comer para ficarem magras – o que é presumivelmente o maior objetivo da vida de toda pessoa gorda.

Diante desse panorama, pensar todas as possibilidades que a internet oferece, ao reunir imagens, textos, áudios e vídeos interligados numa rede de alcance mundial, é uma justa e frequente preocupação do meio acadêmico contemporâneo, de diferentes campos de estudo, pois a agilidade, a articulação e a velocidade que as informações chegam a várias partes do mundo despertam a atenção e o interesse de diversos ramos da sociedade, incluindo-se aí as/os ativistas de inúmeras causas.

O ciberativismo ou ativismo digital é marcado pela cibercultura com perspectivas de crescimento, na medida em que há um aumento na democratização do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Essas novas tecnologias inauguraram um modelo descentralizado e universal de circulação de informações, permitindo uma comunicação individualizada que, como sinaliza Santaella (2003, p. 27), cause “mudanças estruturais mais significativas na produção e distribuição de informações, pois as tecnologias digitais tanto alteram de modo relevante os padrões de produção quanto de difusão da cultura midiaticizada”. Assim, a internet pode ser usada ainda como um canal de comunicação adicional ou para coordenar ações *offline* de forma mais eficiente. Além disso, permite a criação de organizações *online*, possibilitando que grupos tenham sua base de atuação na rede.

A partir da movimentação de indivíduos e grupos em rede e na rede (internet), foi possível ampliar o alcance de protestos e discussões e o desenvolvimento de parcerias nas agendas de luta, surgindo assim estratégias de organização e

¹² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gordofobia-um-assunto-serio-por-jarid-arraes>. Acesso em: 20 fev. 2021.

mobilização, a partir das potencialidades do alcance das redes sociais. As tecnologias têm permitido não apenas a formação, mas também a existência de novos entes políticos no âmbito global.

Sabemos que o preconceito e a exclusão não são novidades para pessoas acima do peso, no entanto, para sairmos desse ciclo e desconstruirmos o senso comum, enquanto sociedade, precisamos falar sobre o assunto e dar visibilidade à questão. A gordofobia está presente nas conversas, nas “piadas” que causam constrangimento e na discriminação às quais a pessoa gorda é exposta. É evidente que a doença obesidade deve ser tratada como tal, pois pode acarretar uma série de complicações, mas cada caso é um caso, por isso a importância do olhar individualizado para cada pessoa.

Nossas experiências como mulheres negras têm relação direta com a discriminação. Digo isso, pois, ao falar da mídia hegemônica estamos dialogando sobre uma das formas com as quais se expressam o racismo e o sexismo em nossa sociedade. A ausência, a sub-representação ou a subalternização de pessoas negras nas mídias hegemônicas é uma realidade que retroalimenta as desigualdades sociais, raciais, econômicas e de gênero, que atingem, sobretudo, às mulheres negras.

Segundo Angela **Figueiredo** (2015, p. 159):

Na literatura brasileira relativa aos estudos raciais temos dado pouca atenção à compreensão das dinâmicas da reprodução do racismo e do sexismo no interior das famílias. Embora sejam corriqueiros os exemplos de que pessoas de pele mais escura são preteridas com relação aqueles de pele mais clara em diferentes aspectos da relação familiar, nas considerações aparentemente inofensivas no que se refere aos padrões de beleza ou mesmo nas expectativas do desempenho escolar e das carreiras profissionais.

As mulheres negras são as mais atingidas pelas desigualdades oriundas da ausência de mecanismos de proteção social do Estado. Considerando a intersecção das opressões que as atingem, podemos citar o racismo, o machismo, as desigualdades de classe e o padrão de beleza social. Além disso, não podemos desconsiderar o ponto de vista da população negra acerca da miscigenação, já que foi intensamente fruto de abusos e estupros das mulheres negras e indígenas, pois elas eram consideradas propriedades dos senhores brancos, relação esta em nada harmoniosa.

Nas palavras de Lélia **Gonzalez** (1988, p. 139):

O capitalismo patriarcal não consegue explicar as construções de gênero referentes às amefricanas, às mulheres negras, às indígenas, àquelas que estão nas margens, pois falta incluir “outro tipo de discriminação, tão grave como aquela sofrida pela mulher: a de caráter racial”. No seu pensamento, racismo e sexismo são apresentados como eixos estruturantes de opressão e exploração, e o redimensionamento do sexismo pela raça faz submergir as desigualdades de gênero que colocam as mulheres negras em uma dimensão das relações sociais diferente das mulheres brancas. Diz ainda que as mulheres negras, nas sociedades americanas, têm sua humanidade negada, são vistas como “corpos animalizados”, são: burros de carga do sexo (de que as mulatas brasileiras são um modelo) expressão das relações patriarcais racistas. Desse modo, se constata como a super exploração sócio econômica se faz aliada à super exploração sexual das mulheres africana.

A valorização e o resgate de saberes produzidos pelas mulheres negras e indígenas representam, por si só, uma prática política de descolonização do saber, na medida em que se redefine a orientação do vetor da concepção ocidental de mundo para as concepções filosóficas das sociedades africanas e indígenas, totalmente excluídas do chamado conhecimento hegemônico. Além disso, buscar fundamentação em valores/princípios que constituem tais saberes gera profundas rupturas com o paradigma ocidental moderno e faz emergir novas propostas epistemológicas.

Diante dessa triste realidade, com seus direitos violados, mulheres gordas se articulam nas redes, buscando unir forças para denunciar e combater as opressões sofridas em sociedade e lutar contra esse padrão veiculado pela mídia.

Se nos casos citados até aqui o ciberativismo é o próprio ativismo midiático em suas inúmeras expressões, podemos compreendê-lo como herdeiro da cultura *hacker* e diretamente relacionado à luta por visibilidade nas instituições hierarquizadas. Nas palavras de Ugarte (2008, p. 55):

Poderíamos definir “ciberativismo” como toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal.

No espaço virtual, o Movimento *Vai Ter Gordas* tem uma função importante na mobilização estética da valorização do corpo gordo, a qual tem sido desencadeada

de forma inegável com o passar dos anos. O Movimento propõe uma revisão crítica do “corpo padrão”, imposto pela mídia e pela moda, consciente de que esse é um processo lento e, com certeza, a mídia, a política e a jurisprudência podem colaborar muito com atitudes de representatividade para a desconstrução do preconceito em relação à pessoa gorda, que reverbera nos campos pessoal, social e profissional. Nesse sentido, é preciso criminalizar a gordofobia e promover ações afirmativas, a partir de muita discursão e compreensão dos aspectos que interferem nas vivências do corpo gordo.

Para Nancy Fraser (2006, p. 233):

Existem boas razões para se preocupar com essas interferências mútuas. Lutas de reconhecimento assumem com frequência a forma de chamar a atenção para a presumida especificidade de algum grupo ou mesmo de criá-la performaticamente e, portanto, afirmar seu valor. Desse modo, elas tendem a promover a diferenciação do grupo. Lutas de redistribuição, em contraste, buscam com frequência abolir os arranjos econômicos que embasam a especificidade do grupo (um exemplo seriam as demandas feministas para abolir a divisão do trabalho segundo o gênero).

Além disso, esses grupos trabalham com situações que colaboram para a construção e reconstrução da autoestima de mulheres negras, um processo importante para o fortalecimento da identidade através da valorização do corpo, mantendo-se saudável e respeitando os corpos diversos. É preciso incluir esses corpos na sociedade, assim como no mercado de trabalho, permitir o acesso a políticas públicas igualitárias, possibilitar o pagamento de valores acessíveis nas roupas *plus size*¹³ dentre outras pautas, a fim de desenvolver estratégias de combate a formas de opressão racistas, machistas e sexistas e gordofóbicas.

Nesse sentido, trago a evidência de como esses movimentos vêm crescendo em meio às redes sociais para colaborar no exercício da cidadania e lutar por direitos, através da participação social, com pautas que representam a voz de pessoas excluídas do processo democrático, que buscam ocupar espaços e adquirir direitos sociais.

Na foto abaixo (Figura 3), de uma *live* realizada no *Instagram* do *Vai Ter Gorda*, Maria França e Adriana Santos, integrantes do Movimento, trazem

¹³ Na roupa *plus size* é usada uma quantidade maior de tecido, mas é ilegal cobrar um valor para uma roupa tamanho 44 e outro superior para um modelo idêntico tamanho 54, por exemplo. Disponível em: <https://vilamulher.com.br/moda/estilo-e-tendencias/por-que-as-roupas-para-gordinhas-sao-tao-caras-14-1-32-2435>. Acesso em: 27 fev. 2021.

discursões importantes para chamar a atenção dos poderes públicos sobre acessibilidade, políticas públicas e inclusão social:

Figura 3 – Card de live promovida pelo Movimento *Vai Ter Gorda* no *Instagram*



Fonte: *Instagram* do Movimento *Vai ter Gorda*¹⁴.

É necessário enfatizar como esse Movimento cria estratégias e espaços de discussão em meio à pandemia para tratar de suas pautas. Aqui, trago o relato de Maria França, durante a *live* no *Instagram* do *Vai Ter Gorda*, realizada no dia 8 de julho de 2020, uma mulher feminista negra e gorda, coordenadora do Movimento *Vai Ter Gorda* na Bahia, que começou sua atuação em 2015, quando não havia muitas discussões sobre gordofobia, e por ser uma mulher negra, esse estigma era ainda mais agressivo. As mulheres gordas não se reconheciam como gordas, por conta do que a sociedade ressaltava com severas cobranças para seguir e/ou se adequar aos padrões de beleza. Desde o início do Movimento, muitas mulheres passaram a se reconhecer e se aceitar, desejando serem aceitas também na sociedade. Com a gordofobia, a mulher negra e gorda está muito mais sujeita a se tornar um ser invisível socialmente.

Adriana Santos e Maria França, na *live* supracitada, debateram questões com a presença de 15 seguidoras/es. Nas palavras de Maria França:

¹⁴Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCXfFMBII9G/?igshid=iwiu9ck41f7l>. Acesso em: 10 ago. 2020.

[...] depois do Movimento *Vai Ter Gordas* surgiram outros grupos de mulheres gordas, concursos, outros espaços. Elas criaram autonomia e empoderamento para falarem de si mesma e dos preconceitos sofridos diariamente. Quando foi formalizado o Movimento *Vai Ter Gordas*, poucos grupos falavam das mulheres gordas, ainda eram chamadas de “gordinhas”. O nome “gorda” é algo recente e teve maior visibilidade depois do Movimento *Vai Ter Gordas*, através da Sandra Priscilla, elas passaram a conhecer outros grupos. Priscilla é uma mulher gorda e negra, ela acolhe as mulheres gordas, com questões de baixo estima, solidão e falta de perspectivas. Hoje, dialogamos com o Movimento Gordo, que também luta contra a gordofobia. Trabalhamos para mostrar e conquistar nossos espaços, a nossa representatividade e expor para a sociedade que estamos qualificadas a atuar onde quisermos, como na moda, nos concursos, nas passarelas. Nós precisamos de um olhar mais benevolente dentro da saúde, ter mais dignidade, estrutura que comportem os nossos corpos, que não seja uma violência ao utilizarmos, garantido acessibilidade, ter acesso aos transportes públicos. Queremos ter garantidas pelos nossos direitos. As pessoas não estão acostumadas a presenciar as mulheres gordas nas passarelas. Os parlamentares precisam pensar no corpo gordo planejando, administrar pensando nos espaços públicos que comportem estes corpos, principalmente quando acessamos algum desses espaços, temos que pagar mais caro, como por exemplo, os aviões.

Adriana Santos atualmente é conselheira Estadual dos Direitos da Mulher (até 2024) e foi candidata à vereança em Salvador/BA, nas eleições de 2020. Ela afirmou na mesma *live*:

Nesse processo de empoderamento contra a mulher gorda e negra sofremos a rejeição das políticas públicas, vivemos na sociedade machista e patriarcal, sexista e muito preconceituosa com algo que foge dos padrões. Sou uma gorda menor, e busco a valorização do respeito e ao protagonismo da mulher gorda em diversos espaços de poder, sou grata em coordenar um Movimento que empodera tantas outras mulheres gordas [através] da empatia, confiança dos diálogos com cada mulher. Acredito que há ainda muito que construir nessa relação, pois são processos e realidades diferentes que cada um tem e passa a população se sentir representada e apoia muito nossas ações, porém os movimentos sociais, em sua maioria, ainda não despertaram para causa que nós mulheres gordas não estamos representada, nas reivindicações e pautas de outros movimentos, por isso criamos o movimento *Vai ter Gordas*, por serem demandas de públicos específicos que sempre foi visibilizado. São várias demandas, mas falta acessibilidade e inclusão no mercado de trabalho, políticas públicas são as maiores solicitação de queixas feitas pelas participantes, daí surge a iniciativa do Movimento *Vai ter gordas na Praia*.

Sempre nos reunimos, vamos à praia de biquíni e maiô para motivar outras mulheres a se aceitarem como gorda, terem orgulho do seu corpo e não sentirem vergonha. É imprescindível que as políticas públicas apoiem quem vem passando por esse processo, as

demandas das mulheres gordas dentro do contexto social são amplas e tudo isso tende a melhorar através das discussões dos saberes e com certos direcionamentos para que haja uma jurisprudência, ou seja, leis que traga um recorte para dentro das políticas, pois sabemos que as maiores mudanças na estrutura da sociedade são através das políticas.

Considerando o contexto da pandemia causada pela Covid-19, que temos vivido no Brasil desde março de 2020, os movimentos sociais encontraram, através das redes sociais, um modo para continuar o ativismo. Do ponto de vista estratégico, as publicações desses movimentos adquirem um alcance muito maior, uma vez que as redes sociais são uma ferramenta capaz de ampliar o número de pessoas atingidas/beneficiadas pela militância de grupos minoritários, permitindo-lhes uma maior articulação e a disponibilização de informações. Assim, o ciberespaço se tornou um modelo para as novas formas de militância, pois se trata de um espaço virtual com o potencial de trocar conhecimentos múltiplos, que congregam forças, ímpetos e interesses diversos. As redes sociais estão entre as maiores fontes de ações mobilizadoras hoje existentes no Brasil, como um “ambiente onde as ideias contra hegemônicas dos movimentos sociais encontram instrumento, divulgação e penetração na sociedade civil para exercer sua luta” (GÓES, 2011, p. 15).

Dentro de grupos de luta hegemônica, a interseccionalidade das opressões nem sempre é reconhecida, sobretudo por quem não as vive. Também, há a possibilidade de mobilização social e desconstrução de preconceitos relacionados a gênero e raça por meio do ciberativismo, conforme aponta Dayane **Assis** (2018, p. 12):

Na prática, a interseccionalidade lança novos olhares sobre o desafio de fazer emergir as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, que trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas e estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes, dentre outras.

O Movimento *Vai Ter Gordas* atualmente volta sua atenção para os estudos interseccionais, buscando não sobrepor uma opressão a outra, como ocorreu por um tempo dentro dos movimentos de esquerda, e sim cruzar as opressões, ao construir táticas de luta de maneira diferenciada. Portanto, em concomitância à opressão de classe, há em outro nível a opressão contra a mulher, outro nível de opressão contra

a mulher negra, outro nível de opressão contra a mulher gorda, e assim sucessivamente. Vale lembrar que o aumento da relevância da interseccionalidade dentro dos feminismos é ainda recente e não consolidada, revelando a necessidade de autonomização de um ativismo gordo.

Angela Figueiredo (2017) traz uma reflexão sobre o conceito:

Interseccionalidade resulta exatamente da iniciativa de mulheres não brancas que assinalavam para uma necessária fragmentação da categoria mulher, tendo em conta, principalmente, as diferenças raciais e de classe. Os conceitos de dupla ou tripla opressão propunham exatamente isso, e é desse modo que Angela Davis busca interseccionar as categorias de raça, gênero e classe para dar conta das múltiplas opressões. É evidente que a questão racial se coloca como particularmente importante em contextos racialmente estruturados, e o Brasil é um desses casos (FIGUEIREDO, 2017, p. 104).

Em acordo com essas formulações teóricas, o movimento feminista de mulheres negras potencializou a visibilização dos impactos do marcador racial na produção de subjetividades. Dessa forma, o conceito de interseccionalidade passou a produzir rachaduras nos discursos que focalizavam as corporalidades, interagindo contextual e conjunturalmente, de modo a promover potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquizações. Assim, o movimento contra a gordofobia tem dado visibilidade às teóricas feministas negras e seu pensamento. Temas como o empoderamento da mulher negra via valorização estética, o uso da escrita de mulheres negras como ferramenta emancipatória e o autoconhecimento e a valorização dos corpos negros estão entre as principais pautas difundidas pelos diversos feminismos negros na atualidade.

De acordo com Lemos (2004, p. 2):

O ciberativismo busca mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço. Diversos grupos organizados usam portais para veicular informações relevantes às suas causas, mobilizam pessoas para uma ação em um determinado espaço público e agem de forma eletrônica em diversos protestos ao redor do mundo.

Desse modo, nos espaços *online* encontramos uma maneira de burlar essa exclusão em meio à pandemia, para divulgar seus feitos e sua história e mobilizar pessoas. Seja por meio de artistas com representatividade no cinema, na música ou

através de apresentações artísticas, o Movimento *Vai Ter Gorda* traz discursões importantes para fomentar políticas públicas, o cuidado da saúde mental, a luta contra violência direcionada à mulher, a violência médica, dentre outras questões.

A presente estrutura midiática digital demonstra o quanto a internet se desenvolveu ao longo dos anos, desde as primeiras formas de comunicação mediadas por computadores, e o quanto se desviou de seus propósitos iniciais, direcionando-se para a sociabilidade e para o estabelecimento do processo de convergências midiáticas. Com esses resultados de apropriações e usos diversos, as informações veiculadas via rede se expandiram, atingindo os demais meios de comunicação, estabelecendo, além de novos modelos comunicacionais, novas práticas e formatos midiáticos, levando a mais pessoas a reflexão sobre questões materiais e sociais que envolvem processos comunicacionais que se desenvolvem através dos meios digitais e promovem o crescimento de uma cultura marcada pelo uso de novos tipos de ferramentas de comunicação.

Assim como os meios de comunicação são um meio de expansão da luta contra a gordofobia, essa também é uma forma de opressão contra as mulheres gordas, que têm suas identidades afetadas e acabam fazendo coro com esse sistema, colocando suas expectativas de felicidade no emagrecimento. Nesse sentido, é possível perceber a identidade como um pano de fundo nas discussões das teorias sociais. Na modernidade, a noção de identidade é percebida através de uma condição fragilizada do homem moderno, isso porque o indivíduo na contemporaneidade não é unificado, devido às amplas mudanças sociais, por onde constrói vários perfis, reflexo das coletividades, e que cria uma sensação de pertencimento.

De acordo com a autora Joana Novaes (2005), devido à socialização, as mulheres, principalmente, abstraem os discursos da ditadura da beleza e lutam de forma constante para manter um corpo esteticamente perfeito e sem vestígios de envelhecimento:

Nada mais cruel do que lutar contra um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo, as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas, consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam na verdade contra si, perdendo-se no espelho, à procura de si mesmas (NOVAES, 2005, p. 10).

O que se pode observar é que os interesses não são da ordem da preocupação com o bem-estar e a felicidade da pessoa em ser quem ela é, mas com a estrutura corpórea que ela possui. Assim, ações como essa se transformam em uma ferramenta a favor do capital e, mais uma vez, passam a estabelecer novos padrões – agora o ideal é conseguir identificar até que ponto se pode ser gordo.

No Brasil, os padrões que permeiam este nicho do mercado da moda, por vezes, também são questionáveis. Afinal, que medidas definem uma modelo plus size?

Algumas agências ouvidas pelo Terra costumam trabalhar com manequim a partir de 44, como é o caso da Casting Model, de São Paulo. De acordo com a booker Luciane Barão, na agência eles trabalham com numeração até 54. “Na verdade o que verificamos é beleza”, afirma.

Na agência São Paulo Plus Size, os números vão além. O proprietário, Paulo Gibo, conta que o seu casting aceita mulheres que vestem até 62. “Não temos um padrão, mas o corpo tem que ser proporcional, tronco grande com pernas grossas”, afirma.

Já para Adilton Amaral, da empresa Haz Editora, que faz eventos nesta área, a maioria das grifes prefere a modelo de manequim 48. “Ou seja, o meio termo não é a 'falsa magra', mas também não se trata de uma gordinha muito grande, que suscite a apologia à obesidade. As medidas mais solicitadas seriam entre 110 e 116 de busto, entre 90 e 95 de cintura, entre 115 e 121 de quadril.”

Ele explica que o essencial é que a modelo tenha um corpo proporcional. “No caso de editoriais e catálogos, a altura não é um fator relevante. Modelos abaixo de 1,70m de altura são selecionadas sem problema. Já para desfiles e outros eventos de exposição ao público, as grifes preferem modelos mais altas.”

No entanto na Ford Models, que tem apenas cinco modelos no seu casting de plus size, as exigências são um pouco maiores. Patrícia Gabriel, booker do departamento comercial da agência, conta que o padrão da casa vai do 44 ao 46. “Não é qualquer mulher que está acima do peso que pode ser considerada plus size, assim como não é qualquer pessoa magra que pode ser modelo”, ressalta¹⁵.

Mesmo sendo estabelecido um padrão paralelo, vale ressaltar que as indústrias dos produtos de academia, da dieta, dos cosméticos e das cirurgias plásticas investem de maneira intensa na ânsia humana de se tornar desejável e socialmente aceita/o e isso ainda consegue atingir uma gama de pessoas que se sentem afetadas por esses bombardeios de informações que estabelecem um jeito único de ser, o que pode gerar uma série de sofrimentos ao longo da existência da pessoa gorda, principalmente se ela é mulher e negra.

¹⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda/do-44-ao-62-confira-padroes-de-uma-plus-size-no-brasil,4adb572925ad7410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 1 set. 2020.

Segundo Rafael Tilio (2014), os corpos transformados pelo consumo como um meio de obter satisfação geram, na maioria das vezes, angústias devido às pressões para a adaptação do indivíduo aos padrões estéticos. “Vigorexia, cosmetologia, suplementação alimentar, regime da moda, emagrecimento, fortalecimento muscular, anorexia, bulimia, chás milagrosos” (MOISEIS FILHO *et al.*, 2015, p. 12) são algumas das palavras que fazem parte do léxico contextual das promessas em busca da perfeição do corpo na atualidade.

A ideia do corpo que é resistência à padronização estética capitalista como capacidade do acontecimento político de empoderamento, como momento fundamental para a abertura de possibilidades a novos mundos e a questionamentos do indivíduo imerso ao sistema, acaba levantando uma vontade de oposição ao que já se vive, ao capitalismo e à sociedade de controle, capturando e revelando fluxos de crenças e de desejos contra a naturalização do sistema, reafirmando a revolução que o indivíduo pode se propor à abertura de novos mundos possíveis.

Segundo Naomi Wolf, em sua obra *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* (1992, p. 35):

Esta sobreposição de mecanismos de controle faz com que as mulheres gordas sofram uma opressão peculiar: além da discriminação experimentada nas relações sociais, de forma velada ou não, da constante vigilância, da culpabilização e da cobrança por iniciativas que a encaixem no padrão estético hegemônico, elas enfrentam uma batalha contra si mesmas, apresentando auto reprovação, culpa e maior risco de desenvolvimento de transtornos psicológicos e alimentares.

As investidas de destruição da população gorda ocorrem por muitas tecnologias que recaem sobre esses corpos, algumas que trazem realmente a morte física, como os processos de medicalização, as intervenções cirúrgicas pressionadas pela sociedade e os muitos casos de suicídio, decorrentes de processos depressivos. Uma das principais lutas antigordofóbicas é tirar o estigma de doente dos corpos gordos. Diante disso, o Movimento *Vai Ter Gordas* se preocupa com diversas pautas políticas complexas, e uma delas é o direito à saúde, ao respeito e ao merecimento que corpos socialmente aceitos recebem.

Na imagem abaixo, observamos a atuação do Movimento *Vai Ter Gordas* na praia de Itapuã, em Salvador, em uma de suas manifestações contra a gordofobia,

ocorrida em 2019, com objetivo de incentivar outras mulheres a aceitarem seus corpos.

Figura 4 – Movimento *Vai Ter Gorda* na praia de Itapuã, Salvador/BA



Fonte: G1 BA¹⁶.

Esse e outros registros indicam que o Movimento *Vai Ter Gorda* é composto, em sua maioria, por mulheres negras. Muitas mulheres gordas vivem um verdadeiro isolamento sociocultural e com grandes índices de depressão, em casos mais graves chegam à automutilação e ao próprio suicídio, devido ao olhar julgador e desrespeitoso das pessoas¹⁷. Portanto, é preciso valorizar o empoderamento social de mulheres gordas, no sentido de que compreendam os padrões estabelecidos e posteriormente ressignifiquem esse ideal, com o objetivo de superar o ciclo de violência contra a mulher gorda.

Quando falamos de empoderamento feminino, não estamos nos referindo somente a dar espaço para as mulheres na sociedade, mas também estamos colocando o quanto é importante encorajar as mulheres gordas, que estão ainda mais à margem da sociedade, a serem o que quiserem, a terem autoestima elevada e a repassarem esse suporte a outras mulheres que precisam. É importante destacar que o empoderamento implica no desenvolvimento de capacidades das pessoas excluídas para transformarem as relações de poder que limitam o acesso e as relações em geral com o Estado, o mercado de trabalho e a sociedade como um todo.

¹⁶ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-preconceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

¹⁷ Idem.

Por isso, tomamos como base os escritos de Cecília Sardenberg (2006) para trazer as perspectivas de empoderamento, a partir de um olhar feminista:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da auto determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

É importante enfrentar a ideologia patriarcal e realizar ações que levem informações às mulheres, de modo que possam acessar tanto recursos materiais e financeiros como informações, e exercer controle sobre eles. Não existe uma fórmula mágica ou um desenho confiável para o empoderamento. Entretanto, a experiência mostra de forma explícita que as estratégias de empoderamento têm que intervir no nível da “classe” das mulheres, ao mesmo tempo em que estão transformando sua “posição”, abordando simultaneamente suas necessidades práticas e suas estratégias.

O que se pode observar é que o corpo obeso é visto como se fosse uma ameaça à proporcionalidade que a cultura exige. Tudo que foge aos padrões ameaça a ideia de controle e o corpo obeso seria uma demonstração “exagerada” do não controle dos corpos dentro dos padrões estabelecidos. Dito de outra forma, o corpo gordo é uma contravenção à regra e por isso é passível de punição para que se adeque.

Esse modo de aceitação ao corpo obeso, desde as formas de acessibilidade básica às capas de revista e à mídia, tem a ver com um modelo de saúde estabelecido, ou seja, as pessoas gordas rompem com esse ideal vendido na contemporaneidade. Dessa forma, partindo de reflexões desenvolvidas por Macêdo (1998) acerca das reações ao poder, observamos quatro tipos de reações ante a demanda por essa estética: duas delas são a *repulsão* e a *subordinação*, que implicam um posicionamento absorvido, em que há sujeição ao padrão dado – assim, o padrão estético enaltecido continua a ser a referência maior do posicionamento do indivíduo, seja ele combativo, como na rejeição, ou na irresistência; as outras duas possíveis são a *aceitação* e a *desigualdade*, que se orientam por uma posição crítica. Com isso, Macêdo (1998) denomina a conformidade como a adesão ao padrão enaltecido, enquanto um “consenso entre

os padrões oferecidos e as referências pessoais do indivíduo, ou seja, fruto de uma ação reflexiva” (p. 12). Já a inconformidade se dá nessa mesma via, mas em sentido oposto. Portanto, ambas as reações, conformidade ou inconformidade, não se referenciam exclusivamente no padrão cultuado.

São muitos ataques sofridos pelos corpos gordos, e é assustador ver e lidar com tantas notícias que acusam pessoas acima do peso de estarem doentes, e pior, em meio à pandemia da Covid-19, todos correm o risco de se tornarem: gordos, feios e doentes. Essa narrativa apoia o estigma criado sobre os corpos gordos em nossa sociedade contemporânea. Esse discurso é tão perigoso que acaba se estendendo para todos os espaços sociais, além da mídia, percebemos a falta de acesso do corpo gordo na sociedade como um todo, com a falta de cadeiras maiores em espaços públicos e privados, nas escolas, nas casas e, claro, não estamos representadas na moda, conforme aponta Alexandra Gurgel (2018, p. 96):

Ao descobrir que me odiava, eu percebi que vivia em uma sociedade patriarcal machista que coloca a mulher em segundo plano em todas as esferas sociais, o que me fez entender que as coisas que aconteciam comigo tinham um motivo. Nesse processo de conscientização, questioneei cada minúcia da minha vida, tentando entender se as coisas que eu sentia, gostava e fazia eram mesmo minhas ou me foram ensinadas, já que era uma constante na história desse país a forma como os papéis eram impostos às mulheres. Entendi que não tinha culpa por sofrer essas opressões e que eu poderia me libertar delas, mas não sabia por onde começar, com quem falar... Estava totalmente perdida. Estava totalmente perdida. Eu quis gritar, fazer alarde, ligar para alguém, mas quem? Meu cérebro explodiu.

Passamos por esse processo de exclusão, somos com seres invisíveis para a sociedade, mas quando entendemos o contexto e percebemos que a culpa não é nossa, pois há um padrão para atender aos interesses de uma estética dominante, concluímos que essa é uma demanda que não é nossa. Portanto, não se pode tentar atender às expectativas que criaram sobre nós, elas dizem respeito aos outros, não a nós mesmas/os.

1.3 Todos os dias mulheres gordas são xingadas nas redes sociais

Conforme apontado anteriormente, os espaços das redes têm sido palco de lutas, mas também de exposição de práticas gordofóbicas, dentre outros tipos de

preconceito. Um exemplo ocorreu com a artista Thais Carla, mulher branca e gorda que sofreu diversos ataques por aparecer em fotos sensuais na internet. Diante da situação, ela fez um desabafo à emissora Band. Nosso corpo vivencia uma estigmatização, é excluído das relações sociais porque não corresponde aos atributos e estereótipos considerados “naturais”, comuns e saudáveis pelo discurso que normatiza o que é bom e o que é ruim.

Figura 5 – Thais Carla é vítima de gordofobia



Fonte: Contigo¹⁸.

No dia 11 de julho de 2020, a dançarina Thais Carla, influenciadora digital, sofreu discriminação por parte da jornalista Cristina Calixto, da TV Band de Maringá, que criticou os cliques ousados de Thais.

A dançarina Thais Carla mostrou toda sua revolta nas redes sociais após ser vítima de comentários considerados gordofóbicos.

Em seu Instagram, a influencer dividiu partes de um programa na TV Band de Maringá no qual a apresentadora Cristina Calixto critica os cliques ousados de Thais.

“Eu não acho que tá certo o negócio do peladão, gente. Se é bonito ou feio, é ficar se expondo. Mais uma vez, em nome da fama”, disse na ocasião.

Nos Stories do Instagram, a influencer soltou os cachorros e desabafou sobre o episódio.

¹⁸Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/thais-carla-e-vitima-de-gordofobia-por-apresentadora-da-band-apos-clique-nua-e-se-revolta-meu-corpo-incomoda.phtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

“Quer dizer então que o meu corpo incomoda demais, né bandeirantes? Cadê o diretor desse programa? Eu não estou entendendo. Uma mulher, falando mal da outra. Por que será que o meu corpo e eu posar nua incomoda tanto? Agora se fosse uma magrinha, 'modelete' posando, ai falariam: "Olha que beleza".

Thais ainda lembrou os internautas que ficou famosa pelo talento na dança, dividindo palco com a cantora Anitta.

“Eu tenho minha fama e eu tenho meu talento porque eu danço, eu mostrei primeiro a minha dança. Não precisei ficar exibindo meu corpo. Se eu quiser posar nua, o que tem a ver com isso?”, disse.

Revoltadíssima, ela ainda mandou um recado sincero para a emissora: “O mal do povo é que não tem coragem de se exibir do jeito que é. Eu tenho peito pra isso. Eu tenho coragem, eu mostro mesmo quem eu sou. Eu não sou uma farsante, não. Eu sou a Thais Carla, do peito caído, barriga caída, meu amor. E eu não tô nem aí. Chega! Vai todo mundo pro c*****, vai todo mundo toma no c*!, porque falar de mim é muito fácil”, concluiu¹⁹.

Vivemos em uma sociedade onde precisamos debater e enfrentar a gordofobia, pois há uma tendência cultural em legitimar o preconceito. Isso acontece porque é considerado aceitável intimidar e censurar quem é gordo, fazer observações constrangedoras sobre o que a pessoa gorda está comendo ou vestindo e utilizar todos esses comportamentos intrusivos como justificativas para uma falsa preocupação com a saúde da pessoa. A obesidade é motivo de exclusão na sociedade contemporânea, assim como as ações afirmativas que a publicidade precisa utilizar para contemplar as pessoas consideradas gordas nos nichos de mercado e fazer uma relação entre sociedade de consumo, padrões de beleza e a cultura do excesso. Há um comportamento social que atribui um julgamento extremamente severo e crítico a todo e qualquer sujeito que não se enquadra nesse padrão estético.

Castells (2013) considera a comunicação uma potência, pois remonta ao pensamento coletivo a partir, não de uma amálgama de pensamentos individuais, mas da absorção e difusão de um pensamento no conjunto da sociedade, elaborado nos campos comunicacionais:

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e ao possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para

¹⁹Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/thais-carla-e-vitima-de-gordofobia-por-apresentadora-da-band-apos-clique-nua-e-se-revolta-meu-corpo-incomoda.phtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação (CASTELLS, 2013, p. 21).

Hoje, o ativismo de caráter político ou social busca apoio para suas causas através da internet e de outros dispositivos midiáticos, pois nessas vias são criadas redes de solidariedade, promovendo o exercício e o fomento às ações afirmativas. Cresce um movimento contra a gordofobia, que luta pelos direitos que são negados aos corpos maiores.

Um dos grandes problemas nos estudos sobre o ciberativismo, de acordo com Alcântara (2013, p. 23), “é sua abordagem como algo novo, separando-o do próprio desenvolvimento da Internet e das transformações dos mecanismos de protestos”. No entanto, existem algumas iniciativas que tentam tratar o ciberativismo como herdeiro de um processo de luta social, cultural e política, que é anterior à internet, mas também diretamente relacionado ao seu próprio desenvolvimento. Desde então, a aplicação das tecnologias para a atuação política tem tomado caminhos diversificados, como a organização e a disponibilização de informações sobre movimentos sociais, a formação de redes com organizações parceiras, a organização de protestos, e também a denúncia de irregularidades, o levantamento de fundos para uma causa, a publicização de abusos, as listas de discussão para trocas de experiências, entre tantos outros exemplos.

De acordo com Dailza Araújo **Lopes** (2017), o ciberativismo é também uma forma de participação política própria para o ambiente digital, onde

[...] mulheres negras têm ido além das organizações mais tradicionais, para pautar suas agendas demandas, o uso das redes de comunicação facilitadas através da internet está permitindo que novas formas de ativismo possam surgir no interior dos movimentos sociais. Além de estarem usando a internet para contarem suas histórias, ou fazer denúncias, mulheres negras têm usado os meios virtuais para divulgar trabalhos de outras mulheres negras acadêmicas e ativistas, trazendo uma nova perspectiva para a produção feminina negra na universidade, ocasionando também outras possibilidades para o meio acadêmico que ainda tem cor, classe e gênero. Elas estão em rede, em movimento, em marcha (LOPES, 2017, p. 49).

Esses movimentos encontram nas redes sociais parceiros de interlocução e ação. Organizações que historicamente reivindicam espaços de participação e promoção de oportunidades para a esfera civil veem na internet uma janela para a

expressão de identidades e valores. Nesse sentido, a internet propicia um canal em que os atores podem problematizar suas questões e interesses a partir de sua própria elaboração, questões essas que muitas vezes permaneciam ocultas pelos que controlam os meios de comunicação.

As pessoas que se propõem a desenvolver esse papel ativista têm suas ações vivenciadas em um mundo cruzado, que congrega estratégias organizadas e deflagradas, tanto no mundo real como no espaço virtual. A luta se dá no espaço público, muitas vezes em confronto com o poder estatal, político e econômico, que depende não somente da troca de mensagens nas redes sociais, mas da construção de projetos que possam delinear reivindicações e desejos de mudanças reais na sociedade.

Fonseca (2017) aponta que as propostas precisam ser definidas de forma concreta, para não ficar apenas nas palavras de ordem das manifestações de rua, que podem ser esquecidas na esteira do tempo:

A autonomia na criação, tanto de conteúdo como de ativismo, se dá pelo meio da criação de redes imprevisíveis e progressivas. A ausência de controle institucional e a espontaneidade do ativismo gerado por meio dessas redes faz com que essa ideia remeta à desescolarização do conhecimento e do saber, tal como sugere Illich (1985), proporcionada pela internet (mesmo que haja conhecimento acadêmico que por vezes é utilizado por algumas ativistas). A desescolarização do saber é mais contundente no questionamento ao discurso dominante sobre pessoa gorda e saúde e na afirmação da identidade gorda, há um processo educativo identitário no que concerne à redescoberta do que é ser gorda a partir de um processo autodidata. A legitimação do conhecimento sobre gordofobia se dá pelo próprio reconhecimento das gordas sobre as temáticas, selecionando-se assim as que possuem maior ressonância de forma espontânea, ampliando-as e as aprofundando (FONSECA, 2017, p. 11).

De fato, a internet também funciona como um grande espelho que permite às organizações se verem no contexto em que atuam, mas também de forma mais ampliada. Sendo assim, o uso da internet não se trata propriamente de participação política, na verdade, há uma busca entre os próprios atores na construção de suas identidades, interpretação de sua situação em relação a outros atores sociais, bem como a busca em construir novos padrões de autoapresentação e reconhecimento. A todo o momento o nosso corpo é colocado como um produto, dando aos outros o direito de opinar sobre ele, de dizer o que a gente deve ou não fazer. E, na maioria

das vezes, a nossa própria família se coloca nesse lugar de se preocupar com a nossa estrutura corpórea, e usa como disfarce uma falsa atenção com a nossa saúde, mesmo você apresentando todos os exames que apontam uma saúde equilibrada, ainda assim, te perguntam: “Por que você não entra na academia e emagrece?”.

Vivemos em uma sociedade tão opressora que não temos o direito de escolher por nós mesmas, o meio em que estamos inseridas nos faz pensar que nós estamos indo na direção errada. Desconstruir essa imagem que foi associada ao corpo gordo não é tarefa fácil, pois somos sempre silenciadas. A estigmatização de pessoas gordas reduz esse grupo à suas características corporais ou comportamentais tidas como anormais e as discriminam pela mesma razão, estabelecendo assim o controle coletivo sobre os corpos e limitando nossa atuação na esfera política. Essa pressão estética tem várias consequências, e uma delas é a própria gordofobia. Precisamos entender que existe um padrão de beleza que coloca muita gente de fora do que é considerado “bonito”, “ideal” e “perfeito”.

Figura 6 – Atriz Cacau Protásio vestida de bombeira



Fonte: Redação Pragmatismo²⁰.

Aqui temos o caso de explicitação de preconceito contra uma mulher negra e gorda, como se pessoas assim não pudessem ocupar lugares de destaque na sociedade e, quando conseguem, são alvo de ofensas e discriminações. Cacau

²⁰Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/11/atriz-cacau-protasio-bombeiros-racismo.html>. Acesso em: 12 out. 2020.

Protásio (Figura 6) é atriz, artista, ativista e escritora. Durante uma filmagem em que protagonizava uma bombeira, foi vítima de ataques gordofóbicos por parte de membros da corporação.

Além de gordofobia e desigualdade de gênero, a situação também revela racismo, que pode ser percebido mesmo quando há outras desigualdades sociais e econômicas, que ocorre por mecanismos diversos entre diferentes grupos, desde que haja práticas discriminatórias que podem ser atribuídas à ideia de raça. Neste caso, os grupos discriminados sofrem as desvantagens em relação aos demais. Conforme traz Stuart **Hall** (2003, p. 69):

[...] raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão, ou seja, o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza.

Em matéria veiculada pela Redação Pragmatismo, em novembro de 2019, a atriz explicita que passou por situação de gordofobia enquanto gravava cenas de um filme no quartel do Corpo de Bombeiros da cidade do Rio de Janeiro. Abaixo, segue um trecho da reportagem:

Áudios espalhados em grupos de bombeiros no WhatsApp atacam a atriz Cacau Protásio. “Gorda, preta, bucha de canhão filha da p****”. Antes de saber dos xingamentos, a artista havia agradecido aos bombeiros pelo “acolhimento”. Depois, muito abalada, ela se manifestou sobre os áudios.

No domingo, 24, a atriz e humorista Cacau Protásio gravou as cenas do filme “Juntos e Enrolados” no Quartel-Central do Corpo de Bombeiros, no Rio de Janeiro, mas membros da corporação destilaram racismo, gordofobia e homofobia com o episódio através de um grupo de WhatsApp. Na gravação da cena registrada isoladamente e fora de contexto por um bombeiro, Cacau usa farda e dança com quatro bailarinos.

Nos áudios que os bombeiros trocaram entre eles, compartilhado no blog do Leo Dias, um dos homens fala: “Olha a vergonha no pátio do quartel central. Essa mulher do ‘Vai que Cola’, aquela gorda, colocou a farda e botou os dançarinos viados com roupa de bombeiro. Isso é um esculacho, rapaz. Qual é a desse comandante? Vai deixar uma putaria dessas no pátio do quartel?”²¹.

²¹Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/11/atriz-cacau-protasio-bombeiros-racismo.html>. Acesso em: 12 out. 2020.

Os ataques sofridos por Cacau Protásio revelam como mulheres negras e gordas são alvo de ofensas que colocam sua constituição corpórea como algo pejorativo e seu corpo deve ser silenciado e invisibilizado. Nesse sentido, o Movimento *Vai Ter Gordas* na praia é fundamentalmente importante e necessário, pois assume debates e problematiza questões naturalizadas pela sociedade, apontando para a necessidade de mudanças significativas sobre o direito de ser dessas mulheres.

No capítulo a seguir trataremos as mobilizações do Movimento *Vai Ter Gordas* realizadas nas redes sociais e como esse Movimento apresenta definições do problema social que denuncia uma ideologia que inferioriza pessoas gordas e as coloca como alvo de ódio, quando se impõe que apenas a magreza é bela e saudável.

2 AÇÕES DO MOVIMENTO VAI TER GORDA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Neste capítulo nos propomos a contextualizar as dinâmicas históricas do ativismo contra a gordofobia, como também o surgimento do Movimento *Vai Ter Gorda*, e de que maneira são realizadas suas reivindicações nas redes e nas ruas no combate a esse tipo de preconceito. Serão apontadas algumas dificuldades na vida dessas mulheres gordas, pois vivemos em uma sociedade machista, patriarcal, sexista e muito preconceituosa com pessoas que fogem do padrão. O Movimento evidencia a valorização do respeito, o empoderamento e o protagonismo da mulher gorda em diversos espaços de poder.

O Movimento atua através do diálogo com a sociedade civil e o poder público, como forma de evidenciar as demandas específicas do público gordo, propondo mudanças significativas para uma população que sempre foi invisibilizada e excluída dos espaços de poder e decisão, na cultura, na moda, nos esportes, no mercado de trabalho e na política. É preciso lembrar que a base dessas modificações reside, primeiramente, no respeito às diferenças e, depois, na inclusão de políticas públicas que contemplem o corpo gordo em diversos seguimentos sociais.

Uma das principais pautas de luta do Movimento *Vai Ter Gorda* é o direito ao próprio corpo, enfatizando, desse modo, que o corpo da mulher não é de domínio público, mas sim algo que pertence à sua construção pessoal e individual, enquanto ser humano, e é nesse âmbito que se insere a luta contra a gordofobia, já que mulheres gordas se sentem cada vez mais excluídas, por conta do padrão de magreza imposto pela indústria da moda e pelas mídias em geral.

2.1 “Nosso corpo carrega a nossa história”

O padrão de beleza da atualidade valoriza corpos magros, mas uma parcela expressiva da sociedade brasileira é constituída por pessoas com sobrepeso e obesidade, dessa forma a gordofobia está penetrada nos pensamentos e comportamentos de muitos, constituindo limitações, desencadeando culpa e promovendo a exclusão de pessoas obesas. Está também enraizada na própria percepção de pessoas acima do peso, de que seus corpos não merecem ser vividos, pois elas sempre estão buscando fugir deles, alimentando a contínua

possibilidade de emagrecer. Segundo Naomi Wolf (1992, p. 17): “[...] nossa identidade deve ter como base a nossa ‘beleza’, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos”.

O Movimento *Vai Ter Gorda* iniciou suas atividades em janeiro de 2016, ou seja, já atua há mais de cinco anos na luta contra o preconceito relacionado às pessoas gordas. De acordo com informações, homens e mulheres podem participar das atividades do Movimento, que se manifesta nas redes sociais, como a criação de páginas no *Facebook* e no *Instagram*, com a intenção de identificar usuários gordofóbicos e encorajar as mulheres a aceitarem seus corpos.

Figura 7 – Adriana Santos, fundadora do Movimento *Vai Ter Gorda* em Salvador/BA



Fonte: *Instagram* do Movimento *Vai Ter Gorda*²².

A ativista Adriana Santos fez um pequeno vídeo, divulgado no *Instagram*, trazendo um pouco de sua trajetória de aceitação e relatando como a sociedade ainda vê e trata as pessoas gordas. Em suas palavras:

O “Movimento Vai ter Gorda”, tem suas demandas de um público específico que sempre foi invisibilidade, são várias demandas, mas a falta de acessibilidade e a inclusão do mercado de trabalho e a ausência das políticas públicas são as maiores solicitações e queixas das participantes. É um desafio pegar um transporte público com degraus tão altos, os assentos e catracas tão pequenas e estreitas, os constrangimentos em aferir a pressão arterial, em um equipamento

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CARyvw7gjqj/?igshid=1uzz3nviicull>. Acesso em: 28 maio 2020.

que não cabe em nosso braço as macas são terríveis minúsculas, vivemos em uma sociedade feitas para os magros, e desconstruir essa realidade é uma lutar diária, acredito que ampliar o centro da moda é algo positivo para todos os movimentos antes da gordofobia pois as grandes revolução acontece através da moda.

Acredito que a moda contribuir muito para o auto estima e o empoderamento da pessoa, gorda precisamos avançar nas políticas públicas precisamos avançar a representatividade das mulheres gordas na mídia nos espaços de poder, na política, pois temos demandas muito importantes e específicas o mercado de vestuário Plus Size, faturam milhões e a políticas públicas simplesmente são inexistentes, porém precisamos caminhar de modo mais harmônico para melhorar efetivamente a vida social, profissional, psíquica e estética destas ações.

Uma mulher gorda pode incentivar outras mulheres ao seu redor a terem uma percepção diferente a terem de si mesmo, acredito que primeiro passo, é ser você mesmo e não um personagem autoaceitação a autoestima e o amor próprio é fundamental para perceber a mulher incrível e maravilhosa que nós somos, acredito que com toda a representatividade e diversidade que estamos pautando nós espaços as futuras gerações terão a maior conscientização sobre o respeito às diferenças quero realmente poder imaginar um futuro para nós mulheres com menos violência menos assédio, mais equidade oportunidade e respeito, e para que isso aconteça precisamos desconstruir a violência estrutura dos estereótipos²³.

O trecho do depoimento demonstra a rotina dos confrontos diários de uma mulher gorda na sociedade. A concepção pejorativa sobre o ser gordo e, principalmente, sobre as mulheres gordas, faz com que elas sejam apontadas como desleixadas, preguiçosas, inadequadas e incapazes. Essas expressões deixam marcas nas subjetividades dessas mulheres, atingindo diretamente a autoestima, a saúde mental e até podem levar a óbito, devido à realização de intervenções que podem ter desfechos trágicos, além de poder causar depressão.

Nesse sentido, discutir academicamente sobre o assunto se configura como um instrumento no combate a esses padrões, além de ajudar a promover a construção de políticas públicas e leis que venham a minimizar esse tipo de violência que muitas mulheres sofrem. E é nesse lugar que o debate sobre a gordofobia se apresenta de forma urgente e necessária, como um problema presente na sociedade contemporânea e que ainda não tem a devida atenção, dificultando assim o desenvolvimento de ações e medidas que venham a combater efetivamente esse tipo de preconceito.

²³Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CArYvw7gjqj/?igshid=1uzz3nviucull>. Acesso em: 28 maio 2020.

Portanto, o Movimento *Vai Ter Gorda* tem incentivado o empoderamento de mulheres gordas, no sentido de que possam compreender esses padrões estabelecidos socialmente e, em seguida, ressignificar esse ideal, ultrapassando o que violenta suas trajetórias e subjetividades.

A gordofobia está presente em nosso cotidiano e muitas vezes é praticada dentro das próprias famílias, entre amigos ou desconhecidos. Ela ocorre nos âmbitos presencial e virtual, em casa, nas ruas, no trabalho, na televisão e nas diversas mídias. Como analisado, os padrões de beleza impostos contribuem efetivamente para uma propagação ainda maior desse preconceito.

Assim, o Movimento *Vai Ter Gorda* promove ações de visibilidade e valorização dos diferentes padrões estéticos e humanos e batalha pela construção de políticas públicas, visando à inclusão das pessoas gordas numa sociedade livre de preconceitos e estigmas. E, conforme podemos observar na imagem abaixo, o Movimento promove ações que extrapolam as redes sociais, como é o caso deste ato realizado na Praça das Gordinhas, com é conhecido esse espaço no bairro de Ondina, em Salvador/BA.

Figura 8 – Mulheres do Movimento *Vai Ter Gorda* realizam ato público



Fonte: G1 Bahia²⁴.

De acordo com o G1 Bahia (2020), o Movimento *Vai Ter Gorda* realizou, na manhã do dia 10 de setembro de 2020, em frente ao monumento “As meninas do Brasil”, no bairro de Ondina, em Salvador, um ato contra a gordofobia, apresentando uma performance de três mulheres artistas, com o intuito de combater o preconceito

²⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/10/mulheres-do-movimento-vai-ter-gorda-realizam-ato-no-bairro-de-ondina-em-salvador-queremos-respeito.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2020.

sofrido pelas pessoas gordas. O protesto buscou chamar a atenção para a importância do combate à gordofobia, que em meio à pandemia não pode reunir pessoas em manifestações nas ruas da cidade para lutarem por suas pautas. Assim, essas mulheres se articularam de outra maneira para se expressarem contra a gordofobia, promovendo uma movimentação política, reivindicando uma transformação social/legal/jurídica para atender às suas demandas.

Vejamos o que diz abaixo a reportagem do G1 Bahia:

O movimento realiza ações em busca de direitos e acessibilidade para as pessoas gordas. Por causa da pandemia, o ato é realizado com um número reduzido de pessoas, para manter as medidas de prevenção contra o coronavírus. Conforme Adriana Santos, organizadora do movimento, o movimento quer quebrar qualquer tipo de preconceito que existe contra as pessoas gordas.

“Hoje, dez de setembro, Dia do Gordo, ressignificado pelo ‘Movimento Vai Ter Gordas’, como dia de combate a gordofobia. Hoje, mulheres estão na rua protestando contra a gordofobia e valorizando o corpo gordo, que é violentamente atacado pelo discurso gordofóbico e a própria patologização do corpo gordo”, explicou.

Durante a performance, as artistas ficam vestidas com biquínis, para incentivar a aceitação de outras mulheres gordas que passam por preconceitos. “Estamos hoje reunidas com três artistas, três mulheres, três ativistas, mostrando a beleza do corpo gordo e a própria resistência aqui na nossa praça amada, ‘Meninas do Brasil’, conhecidas também como as Gordinhas de Ondina, da nossa saudosa Eliana Kertész, nossa artista plástica brasileira, baiana que deixa esse legado, faleceu em 2017, para o mundo de três mulheres gordas. Cada uma representando um continente, representando uma história de vida de mulheres gordas”, reforçou Adriana²⁵.

Essa foi a maneira que o Movimento encontrou para continuar chamando a atenção dos poderes públicos para suas reivindicações. De acordo com as integrantes, a “Praça das Gordinhas” é um lugar que representa resistência. Vejamos abaixo as características que demarcam esse espaço de luta:

Nas três esculturas expostas no Bairro de Ondina em Salvador as características são diferentes, tamanho, cor, textura, nem nas posições elas se repetem. Em comum, mesmo, só as formas arredondadas, braços, pernas, bochechas cheias de curvas e volume. Mas as Gordinhas de Ondina são feitas de bronze, essas “moças” de corpos sinuosos pesam cerca de uma tonelada e nos observam as Gordas, volumosas, rechonchudas, essas são as características das esculturas feitas pela artista plástica baiana

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/10/mulheres-do-movimento-vai-ter-gorda-realizam-ato-no-bairro-de-ondina-em-salvador-queremos-respeito.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Eliana Kertész. Todas as suas criações são mulheres gordas, fugindo totalmente dos padrões de corpo e beleza estabelecidos atualmente na nossa sociedade, esse trabalho já ganhou notoriedade na classe artística do Brasil²⁶.

Podemos observar o quanto esses corpos são marcados por estigmas sociais e a gordofobia é naturalizada na sociedade, sendo frequentemente motivo de piadas ou aversão. Dentre os hábitos de uma prática consumista capitalista, que dita comportamentos e padrões sociais, o culto ao corpo de gerações modeladas por aparelhos de ginástica e intervenções cirúrgicas levou a uma relação com o espelho que originou mais uma das discriminações e das intolerâncias às diferenças que fazem parte do convívio humano.

No dia 10 de maio de 2019, por conta de uma chuva intensa, o monumento “Gordinhas de Ondina” caiu, como descreve o trecho abaixo:

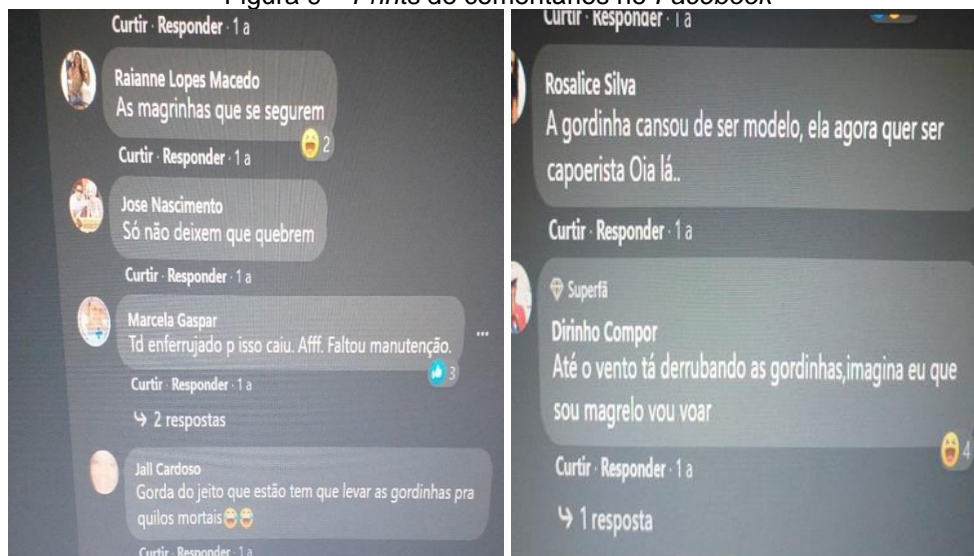
No local para avaliar as causas da queda, a diretora de Patrimônio e Humanidades da Fundação Gregório de Mattos (FGM), Milena Tavares, identificou o desgaste do material da estrutura da Mariana, gordinha que representa os brancos europeus. Por meio da assessoria da entidade, ela explica que, possivelmente, a oxidação foi provocada pela ação do tempo e dos ventos. Responsável pelo reparo da obra, a FGM agora faz uma vistoria para avaliar o dano e, em seguida, vai tomar as medidas necessárias para o restauro. A fim de solucionar o problema, a assessoria da entidade informou que a Superintendência de Obras Públicas (Sucop) também foi acionada. (TEIXEIRA; BRANDÃO, 2019, *online*)²⁷.

A gordofobia está tão presente em nosso cotidiano, que a queda de uma das esculturas motivou diversos comentários gordofóbicos nas redes sociais, que servem de exemplo para pensarmos o quanto o corpo gordo é vítima de preconceito na sociedade:

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/10/escultura-de-uma-das-gordinhas-de-ondina-tomba-na-manha-desta-sexta.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2020.

²⁷ Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/235623-em-dia-chuvoso-monumento-gordinhas-de-ondina-cai-em-salvador.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

Figura 9 – Prints de comentários no Facebook



Fonte: Bahia Notícias²⁸.

Dessa maneira, as ativistas do Movimento *Vai Ter Gorda* e pessoas que participam de manifestações e protestos contra a gordofobia em todo o mundo veem na Internet, mais especificamente nos blogs e redes sociais, uma oportunidade de ampliar o poder de comunicação e defesa da causa em foco.

De acordo com Magdalena Piñeyro (2016, p. 43):

A gordofobia está impregnada nos nossos pensamentos e comportamentos, constituindo limitações, desencadeando culpa e promovendo a exclusão das pessoas gordas, e está enraizada até mesmo na própria percepção de pessoas gordas, de que esse corpo não mereceria ser vivido, sempre buscando como fugir dele, alimentado pela contínua possibilidade de emagrecer. A pessoa gorda na sociedade gordofóbica está condenada ao exílio, motivo pelo qual o ativismo gordo busca romper com esse exílio, com essa “hipervisibilidade invisível” [...].

Podemos observar que os interesses não são da ordem da preocupação com o bem-estar e a felicidade da pessoa gorda, da liberdade em ser quem ela é e com a estrutura corpórea que ela possui, mas sim de provocar ações de transformação do corpo gordo, enquanto consequência do capital, que mais uma vez estabelece novos padrões, pois agora impõe até que ponto alguém pode ser gordo.

As mulheres gordas se encontram fazendo parte de uma minoria, não em termos numéricos, mas sim pela desvantagem social, resultante das hierarquias estabelecidas pelos poderes hegemônicos. E essas desvantagens se dão a partir de

²⁸Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/235623-em-dia-chuvoso-monumento-gordinhas-de-ondina-cai-em-salvador.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

relações de opressão, envolvendo desde a falta de direitos até as inúmeras formas de preconceitos.

2.2 Corpos gordos são sinônimo de revolução

A gordofobia tem ocupado espaços virtuais e físicos, exigindo que as pessoas que sofrem com esse preconceito tenham que se organizar estrategicamente em grupos que se mobilizam para discutir, questionar e acolher pessoas que sofrem ataques de diversas formas no mundo atual. O Movimento *Vai Ter Gorda* reafirma as suas reivindicações e debates relacionados à gordofobia durante a pandemia da Covid-19, através de diversas atividades virtuais. Uma delas teve como pauta “Gordofobia na pandemia”, como pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 10 – Card da live “Gordofobia na pandemia: o preconceito virou brincadeira?”



Fonte: Instagram do Movimento *Vai Ter Gorda*²⁹.

Na atividade realizada no dia 9 de setembro do ano de 2020, Adriana Santos conversou como a psicóloga Gabriela Henke. A seguir, um trecho da fala da ativista durante a *live*:

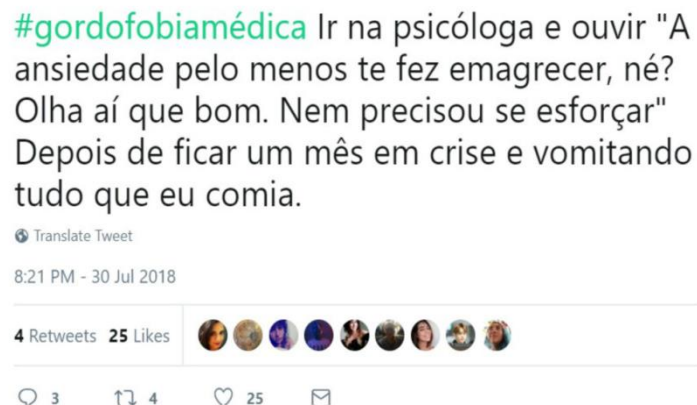
²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCceKEbFUIP/?igshid=1qmaarj0d1af8>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Gabriela Henke disse que estamos no período de confinamento, período em que ficamos muito nas redes sociais e daí notamos as ditas “brincadeiras”, onde circula muita imagem como eu entrei na pandemia e como vou sair da pandemia, são frases absurdas, como “Deus, se eu estiver gorda, manda um sinal”, assim como imagem de um porco associando com o corpo gordo, daí pensei que precisamos falar da gordofobia nesse momento, não que a gordofobia não existisse antes da pandemia, mas agora está mais aflorado o preconceito contra as pessoas gordas.

Conforme o exposto acima, é urgente trazermos essas discursões para o ambiente acadêmico, especialmente com o objetivo de combater o estigma da gordofobia médica, que ocorre quando pessoas gordas enfrentam o preconceito por parte dos profissionais da saúde durante consultas e exames, uma reflexão necessária para que possamos avançar na desconstrução desse corpo padronizado. São debates que precisamos realizar para entender os mecanismos dos estigmas construídos sobre o corpo gordo como parte da formação de profissionais da saúde, já que entender a gordofobia passa por salvar vidas e valorizar o acesso de todo cidadão à saúde, de forma igualitária, sem diferenciações e pré-julgamentos.

A seguir, podemos observar comentários feitos nas redes que retratam a gordofobia médica:

Figura 11 – Postagem sobre gordofobia médica



Fonte: Print do *Twitter*³⁰.

Nas redes sociais é possível perceber que há diversos relatos de mulheres em diferentes contextos com histórias que têm em comum episódios de preconceito em consultórios médicos, a partir de comentários baseados exclusivamente nos pesos corporais das pacientes. Entre as mulheres que sofrem com a gordofobia

³⁰Disponível em: <https://www.vix.com/pt/poder/562226/gordofobia-medica-e-real-e-pode-ter-graves-consequencias-para-quem-passa-por-isso>. Acesso em: 10 out. 2020.

médica, posso reafirmar essa agressão ao meu corpo, pois senti na pele esse preconceito. Assim, é preciso questionar o que esse tipo de constrangimento traz para a saúde física e mental de quem sofre com a gordofobia médica, e o que já vem sendo feito, inclusive por especialistas, para combater esse tipo de conduta.

A discriminação contra mulheres gordas age na crença de que os corpos acima do “peso padrão” indicam desleixo, falta de autocontrole e de amor próprio. Quando internalizadas, essas percepções afetam profundamente a autoestima dessas pessoas. Em contraponto a tanta opressão, mulheres vêm levantando a voz para exigir respeito, liberdade e igualdade.

Abaixo, trago outro trecho da *live* “Gordofobia na pandemia”, transmitida pelo *Instagram* do Movimento *Vai Ter Gordas*:

Adriana Santos: Estamos cada vez mais se assumindo como mulher gorda em uma sociedade machista, preconceituosa e estar estudando sobre essa temática tão importante e ter uma atenção voltada no âmbito acadêmico para desconstruir todo o preconceito existente, dentro do ambiente acadêmico, científico e da biomedicina, atrelada a questão da gordofobia, são muito importantes estas discussões na área acadêmica para que possa desagregar esse preconceito médico e desconstruir a palavra obesidade, ao corpo gordo, associado à questão da doença, e ter um novo olhar sobre esta realidade.

Gabriela Henke: O preconceito tem como pilares o estigma, o estereótipo onde trás aquelas marcas que o gordo é preguiçoso, ele é marginalizado, ele é evitado, enfim, marcas que já conhecemos. Nós vivemos numa sociedade que tem uma cultura da dieta. Você precisa ser magra, bonita, ser jovem e precisa ser produtiva, tem que seguir a ideia da moda, e como estamos no período de isolamento social, passamos a ter acesso a todos os alimentos, daí, toda restrição pode virar compulsão.

Adriana Santos: É muito triste, em meio à pandemia, ver essas brincadeiras tornando coisas comuns, isso significa que o ser humano ainda não aprendeu a respeitar o corpo do outro. É terrível esse preconceito onde o culto do corpo aceitável é muito maior e mais desejável do que o corpo gordo saudável, o corpo aceitável corre até muito mais risco de contrair o vírus, por fazer muito uso de vários medicamentos. As pessoas constroem muitos *cards* falando do corpo sarado como se fosse o corpo perfeito, acaba machucando muitas mulheres, atingindo a saúde mental delas. O corpo gordo se torna um corpo público, que todas as pessoas podem opinar, julgar, criticar sobre ele. O mais incrível sobre isso é que não se vê discussões sobre o que uma pessoa gorda vai passar, as dificuldades, caso ela precise ir ao hospital, que não tem macas para suportar o seu corpo, ficar na UTI então... Quais são os agravantes disso? A discursão deve ser essa, contudo, fazem um grande terror, onde as pessoas ficam com grande medo de engordarem, sendo que o medo fica em engordar e não no coronavírus, daí a preocupação é:

Como fica o meu corpo? O coronavírus fica em segundo plano. E o quanto isto movimenta a indústria, onde as pessoas consomem mais remédios para não engordar como *sheiks*, chás, comprimidos, assim como fazendo atividades físicas sem recomendações, sem prescrição de um profissional na área de educação física, pois é imprescindível passamos por um profissional para sabermos os tipos de exercícios adequados para fazermos. O nosso corpo precisa de uma estrutura, a qual só um profissional saberá indicar o tipo de exercício adequado. Tem muitas pessoas fazendo *lives* de educação física sem acampamento médico, não está se preocupando com a pessoa que se encontra do outro lado. Isso é o que capitalismo e a indústria faz com a gente.

Gabriela Henke: Essa indústria é da insatisfação corporal. Nós nunca vamos estar satisfeitas com o nosso corpo, sempre vai ter uma coisinha que vai querer mexer, vai mudar, enfim, sempre teremos alguma coisa que vamos modificar. Não é a questão, que você não possa mudar o seu corpo, o seu corpo é livre, para fazer uma cirurgia no rosto, colocar o silicone, a questão não é essa. O corpo é o meio da gente se expressar, mas que seja uma coisa consciente, só não pode ser uma escolha em decorrência do meio, obrigando a ser daquele jeito, deixando longe daquilo que sou. Então, fico correspondendo a essa indústria da insatisfação corporal, daí vieram os *sheiks*, a cinta modeladora, dentre outras. A indústria da insatisfação corporal está muito presente. Mas, qual é o problema se eu tenho uma gordura no pescoço, ou seja, papada? De ter gordura abdominal? Todo esse estereótipo que carrega ao redor do corpo gordo, essa insatisfação corporal... é ensinado que eu não posso gostar do meu rosto, do meu corpo, da minha barriga. Foi ensinado que a minha barriga tem que ser chapada, uma briga da gordura *versus* músculo. É preciso questionar alguns padrões que existe a gordofobia que está vindo de um modo muito abacelados na pandemia, e aceitar essas brincadeiras, até que ponto? Será que isso é brincadeira de fato?

Adriana Santos: A pandemia veio destacar ainda mais quais são os corpos que são invisíveis, o corpo gordo, o corpo negro, o corpo pobre que vive nas favelas, nas periferias, que por muitas vezes não têm o que comer dentro de casa, e como essas pessoas vão sair da pandemia gordas? E como essas pessoas vão sair desse círculo?

Gabriela Henke: Para a gente entender o corpo, é preciso entender todo o contexto social que a pessoa está envolvida e ver o entorno. Não adianta achar que todos vão sair dessa pandemia igual, pode até engordar um pouco, mas qual é o problema com isso? Essa generalização, a gente restringe o corpo gordo, anula toda a subjetividade que virá em torno dela. Um corpo carrega história, o corpo não é só um corpo, você se expressa através daquele corpo, você vai internalizar as suas crenças, seus desejos. Então, ali não é só um corpo. As pessoas julgam pela imagem corporal o caráter, aquela imagem que é criada pela sociedade.

Diante dessas reflexões apresentadas, podemos concluir que a pandemia só aumentou o preconceito sobre as mulheres gordas. Fazer brincadeiras e piadas com o corpo de uma pessoa, seja ele como for, é falta de respeito. Fazer memes sobre compulsão alimentar, que é uma doença e deve ser tratada como tal, não é engraçado. É preciso ter empatia para não levarmos ainda mais angústia a pessoas que já estão ansiosas pela crise sanitária que vivemos atualmente, além de contribuir com um sistema que ainda oprime muitas pessoas, principalmente as mulheres. Vivemos em uma sociedade lipofóbica, onde a magreza é endeusada, e algumas pessoas têm mais medo de engordar do que de serem infectadas pelo coronavírus, mesmo com a possibilidade de virem a falecer.

2.3 Não adianta disfarçar sua gordofobia com piada

Neste período de pandemia tem aumentado a circulação de *cards* na internet com frases gordofóbicas, uma forma agressiva de atingir o corpo gordo. Adriana Santos chamou a atenção para essas práticas ofensivas durante a *live* “Gordofobia na pandemia”:

A saúde mental dessas pessoas que estão acometidas ou representadas nos *cards*, dessas brincadeiras, que não é brincadeira. Muitas pessoas rir, mas do outro lado está magoando alguém. Dessa maneira circula e associa o corpo gordo à doença, para entender o corpo gordo é preciso entender aquele corpo. Essas pessoas são representatividade na mídia, ela reproduz e acaba tendo uma maior repercussão daquela imagem de corpo.

Também tem crescido a produção de memes sobre toda essa situação, que invadiram as redes sociais, e junto com várias piadas gordofóbicas que, apesar de parecerem inofensivas, podem ser muito perigosas. A suposta preocupação com a saúde física das pessoas gordas, que vem em comentários invasivos e críticos, esconde uma negligência com um potencial devastador e total falta de sensibilidade com a saúde mental de quem é alvo de deboche sobre seu corpo e seus hábitos alimentares, conforme podemos observar nas imagens abaixo:

Figuras 12 a 15 – Memes gordofóbicos na quarentena, uma forma de *body shaming*³¹



Fonte: Capricho³².

Essas piadas têm adoecido muitas mulheres gordas, afetando-as psicologicamente, pois adiciona os medos mais comuns, como o medo da morte ou de ficar gravemente doente, pelo fato de a obesidade ser considerada um risco à saúde. As relações sociais expressam explicita ou ocultamente os processos de rotulação e preconceitos como a gordofobia, assim, precisamos dialogar com novas reflexões e olhares sobre o tema e a subjetividade. Nesse contexto, na *live* supracitada também foi trazida uma reflexão importante para o combate à gordofobia:

Carolina Henke: A indústria e a insatisfação corporal, isso chega no nível que a pessoa começa a se comparar, a se sentir inferior, acaba atribuindo um valor para si mesma, a desvalorização de si. Tem o isolamento, vem a tristeza, isso vai agravando se não for acolhido, não for compreendido. É preciso olhar para essa pessoa para além do corpo. Eu costumo trabalhar no meu consultório isso, eu não quero: “Quanto você pesa?”, “Quanto você veste?”, “Qual a sua altura?”. Não! Eu quero saber da sua história, quem está por trás de você. Geralmente as pessoas vêm logo dizendo que é ansiosa. Ai, eu digo: “Tá, quem é que está por trás de você?”.

É esse olhar que falta, um olhar humanizado para o indivíduo, essa questão da gordofobia médica é muito importante. Que isso aconteça na pandemia e pós-pandemia. Tem a questão dos cuidados, sim, mas também tem uma grande contribuição da gordofobia médica, que vem no modo muito sutil.

³¹Termo em inglês utilizado para definir o julgamento em relação ao corpo de alguém e que pode trazer mais consequências negativas do que aparenta, impactando fortemente a saúde de quem lida com esses comentários. Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/bem-estar/materias/37095-body-shaming-o-que-significa-e-como-lidar-com-as-criticas>. Acesso em: 21 fev. 2021.

³²Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/os-memes-gordofobicos-na-quarentena-sao-mais-uma-forma-de-body-shaming>. Acesso em: 9 out. 2020.

Adriana Santos: A medicina chama de obesidade, onde enquadra que todo gordo é obeso, todo gordo é doente, as coisas não são bem assim, a medicina precisa entender que tem nomenclatura que eles utilizam que machuca demais. Se a pessoa sabe que a obesidade é atrelada a uma doença, e chama uma pessoa gorda de obesa, se me chamar assim eu entendo que estou doente. Na verdade, a medicina fala que eu sou obesa mórbido grau 3. Quando se fala de obesidade mórbida está carregada de doença, a própria palavra já diz “mórbida”, ou morbidez é um nome muito assustador, no falar. Ainda mais colocando ali mais estigma, e assim desconstruir algo que é tão legítimo quanto é a medicina. É muito complicado, temos alguns avanços, principalmente no lado da nutrição. Os nutricionistas estão estudando bastante sobre a gordofobia, como comportamento alimentar, metabolismo diferenciado, como o corpo gordo saudável e o corpo gordo doente. Nós necessitamos de receber atendimento adequado e humanizado e a dignidade de pessoas nada invasivas, que não venha machucar ou violentar o corpo gordo, ter estrutura para atender com maior qualidade. E esta desconstruindo para que nós possamos propagar que somos gordas saudáveis. Eu quero que a sociedade crie caminhos com políticas públicas que possa nos representar, que possa me incluir e as pessoas gordas, que tem alguma comorbidade, ela possa ter um atendimento adequado, um aparelho de pressão que não agrida, uma cadeira que seja confortável, pois a pessoa quando vai para um atendimento já está com dor e não quer mais um incômodo, isso é rever essas questões. Assim como as macas que são pequenas e estreitas, às vezes temos que deitar no chão para se ter um atendimento. É preciso ter um bom atendimento e uma boa estrutura.

Carolina Henke: Nesse período de isolamento fechou a academia. Como os meus pais são obesos, fui na internet pesquisa uma bicicleta ergométrica, fui em um site, quando eu olhei o peso máximo que podia foi 110 Kg. Insatisfeita, fui pesquisar em outros sites, vi que o peso era até 120 Kg. Eu pensei: como assim? Para que corpos são feitas essas bicicletas? O corpo gordo precisa ter acessibilidade, assim como o deficiente, o idoso, a gestante. É preciso pensar várias coisas, o quanto tudo isso vai gerando problemas psicológicos. Precisamos fazer as nossas consultas com profissionais que não são gordofóbicos. É preciso deixar as mulheres gordas falarem sobre gordofobia.

Recuero e Zago (2009) destacam que os atores no ciberespaço também filtram e republicam informações obtidas através de veículos de notícias ou mesmo observadas dentro da própria rede. O processo de difusão de informações é a repercussão, onde as notícias e opiniões são reavaliadas através de discussões e debates. Há, dessa forma, uma reverberação sobre determinada informação propagada e precisamos reconhecer que o sistema de difusão ocupa um importante espaço de veiculação de representações sociais sobre diversos objetos sociais, quer como produto quer como processo e, ainda, considera-se que as redes sociais

podem revelar muito das dinâmicas dos atores sociais sobre temas de relevância social e espessura cultural, como é o caso da gordofobia.

Mas o foco da discussão aqui é quando a gordofobia está presente na recepção e atendimento aos indivíduos obesos por diferentes profissionais de saúde. Não se questiona que o objetivo dos cuidados primários é melhorar a saúde, longevidade e qualidade de vida das/os pacientes. Considerando isso, seria pouco esperado que uma atitude gordofóbica intencional fosse flagrada nessas situações. Mesmo assim, existem várias maneiras em que as posturas desses profissionais levam os pacientes obesos a se sentirem desrespeitados, inadequados ou indesejados, afetando negativamente a qualidade do atendimento e a vontade de buscar cuidados. Um traço estigmatizado pode levar a experiências de discriminação e, por consequência, à baixa autoestima, à depressão e piorar a qualidade da vida. Referências ao indivíduo obeso, como sendo preguiçoso, lento, menos capaz, entre outras, refletem claramente preconceito e desconhecimento sobre a questão, e não há qualquer evidência científica que valide tais crenças inadequadas.

Para refletir sobre esse universo, entendemos que a mídia faz a mediação entre a sociedade e a indústria da “patologia da modernidade”, criando ou reforçando tendências, padrões e valores sociais relativos ao corpo e atrelados à atividade física, ou seja, estimulando o consumo de produtos e serviços destinados à finalidade de se tornar bela/o e atraente. Com efeito, os cuidados físicos se revelam incansavelmente como uma forma de estar preparada/o para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Da mesma forma, todo o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética se vincula à visibilidade social que o sujeito deseja atingir, evitando o olhar julgador do outro, o que está diretamente relacionado às qualidades estéticas do próprio corpo.

Desse modo, esse tipo de discurso confirma, agora de modo generalizado, a tendência de que todo gordo deve ser excluído dos espaços sociais, logo, o Estado não avança em políticas públicas para assegurar direitos a esse corpo é tido com anormal dentro de um discurso predominante e atual. Entretanto, crescem cada vez mais movimentos sociais que abrem espaços para as mulheres gordas estarem se posicionando enquanto sujeitos críticos diante dessa padronização do corpo feminino. Muitas delas expõem sobre suas posições em páginas na internet, *blogs*, artigos, televisão e estudos que se colocam contra o comportamento preconceituoso à mulher acima do peso.

A autora Alexandra Gurgel (2018, p. 91) traz as seguintes reflexões:

A palavra “gorda”, em suma, é resistência. E muitos não entendem ainda, querendo derrubar meu discurso, questionando: “Se gorda não é palavrão por que você problematiza quando chamam algum de gorda”? E aí, é que vemos como a sociedade está realmente cega. Quando praticam bodyshaming, ridicularizando o corpo das pessoas, geralmente a palavra “gorda” é usada, sim, mas muitas vezes não é. Baleia, rolha de porco, vaca, porca, balde de banha, chupeta de baleia, canhão, baranga, hipopótamo, jamanta, botijão, barriga positiva... São todas palavras consideradas “formas legais” de apelidar seu amigo “gordo” que vi num fórum gordofóbico, e que estão presentes nos ataques de ódio e humilhação do corpo gordo.

A luta contra a gordofobia é constante e une as mulheres gordas em meio às redes sociais e, ao mesmo tempo, cria entre elas uma identificação, por compartilharem suas dores diárias e dificuldades semelhantes que vivenciam. O compartilhamento de imagens de mulheres gordas em situações que antes sentiriam vergonha, como por exemplo, ir à praia de biquíni, identificar uma situação abusiva no transporte público, onde ficava presa nas catracas, dentre outras, recai na discussão sobre a autoestima da mulher gorda, sem associar magreza à saúde, fortalecendo a discussão ampliada sobre saúde.

2.4 Todos os dias mulheres gordas são rejeitadas em entrevistas de emprego

As pessoas gordas sofrem e são vítimas de preconceitos não só nas entrevistas de emprego, quando vão concorrer a vagas de trabalho, mas precisam torcer para que nenhuma pessoa magra queira o mesmo posto de trabalho. O preconceito nada mais é que um conceito formado previamente, sendo reducionista e equivocado. Apesar de as “modelos gordinhas” estarem na moda, o preconceito contra as mulheres gordas no mercado de trabalho ainda é muito presente.

A gordofobia nasce quando a pessoa gorda é dada como doente mesmo que não se saiba nada do seu histórico de saúde, focando apenas em sua aparência física. “É gordo? É doente?”. Ainda há muito a pesquisar nesse campo, e eu estou aqui muito mais para levantar questões do que para dar respostas. Precisamos pensar mais sobre o biotipo das pessoas, se alguém é realmente doente pelo fato de ser gordo ou se isso não é uma questão política, higienista (GURGEL, 2018, p. 89).

Devemos entender que a gordofobia é um estigma estrutural que tira direitos básicos e desumaniza pessoas. Existe uma construção social pautada nas diferenças, a exemplo das expectativas criadas a partir do nosso sexo, quando os papéis sociais nos são impostos e definem quem somos. Tudo isso é construído em nós, e nesse momento de conscientização é hora da desconstrução, de nos livrarmos do ódio próprio e encontrarmos o caminho do amor próprio. E embora a inserção das mulheres no mercado de trabalho exponha aspectos negativos, tais como diferenças salariais com bases discriminatórias de gênero, por outro lado, há uma questão relevante e positiva: trata-se da autonomia adquirida pelas mulheres por intermédio do exercício laboral, e o mercado de trabalho é mais uma esfera da sociedade onde é preciso lutar pelos direitos dos grupos oprimidos.

Desse modo, o Movimento *Vai Ter Gordas*, em comemoração ao seu aniversário no ano 2020, em parceria com o Sistema Nacional de Emprego (SINE BAHIA), intermediou a abertura de vagas de empregos para mulheres gordas, com o objetivo de quebrar o preconceito contra esse grupo e buscar equidade entre os corpos, para que todos sejam tratados da mesma maneira, e que tenham os mesmos direitos. Tal ação traz à tona a importância de chamar a atenção dos poderes públicos para a participação de mulheres gordas no mercado de trabalho, conforme podemos acompanhar na exposição a seguir:

Ação do Sine Bahia Mulher valoriza mão de obra de mulheres gordas em Salvador: Movimento Vai ter Gordas, junto a SINE BAHIA, disponibiliza vagas de emprego para mulheres gordas.

No aniversário do movimento 'Vai Ter Gordas Sim', o Sine Bahia Mulher, que funciona no Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) do Comércio, em Salvador, promoveu nesta sexta-feira (10), uma programação de valorização da mão de obra das mulheres gordas no mercado de trabalho, com intermediação para vagas de emprego, orientação profissional, emissão de carteira de trabalho, palestras, oficinas, oferta de cursos de informática, entre outras atividades.

"Hoje o movimento Vai Ter Gordas Sim completa quatro anos e nós fomos procurados para fazer uma ação de intermediação para as mulheres gordas que enfrentam muitas dificuldades no mercado de trabalho, que se vale de um padrão de beleza que, no Brasil, praticamente não existe. Somos mulheres mais cheias que têm curvas. A ação de hoje busca a inserção dessas mulheres pela qualidade curricular dela, pelo que ela tem de qualificação profissional e não pela aparência", afirmou a coordenadora de intermediação para ao trabalho, Karine Bárbara.

Aos vinte anos, a estudante Mariana Cerqueira tenta entrar no mercado de trabalho, mas ainda não encontrou uma oportunidade. A jovem, que sempre foi gorda e já tentou se adequar aos padrões de magreza com dietas radicais acredita que o peso a atrapalha na hora

da seleção, um fator que interfere também no seu estado emocional. “Eu faço cursos, tão caprichando cada vez mais, mas o padrão sempre vem na frente”, contou a jovem³³.

É necessária e urgente essa iniciativa de contratação de mulheres gordas, para que haja mais igualdade no mercado e que essas mulheres não venham a ser julgadas pela aparência, e sim valorizadas pela sua competência.

Sobre a questão da autonomia relacionada às mulheres, Telma Gurgel (2004, p. 100) no diz que:

Ao longo do tempo, a noção de autonomia, para o feminismo, passou por importantes ressignificações, chegando a desfigurar-se no enfrentamento com a questão do Estado. Sua abordagem deve levar em consideração pelo menos três aspectos: a noção de liberdade, o reconhecimento da opressão e a ação coletiva das mulheres, como elementos que conferem um nexos interno às variadas dimensões ontológicas dos sujeitos de ação da práxis feminista.

A autonomia econômica, alcançada em diferentes níveis, conforme o valor financeiro oferecido em contrapartida ao trabalho, é uma forma de controle de recursos materiais, o que reflete na habilidade para produzir relações sociais mais igualitárias e participativas.

No Brasil, as causas da injustiça social são muitas e profundas. Nossa cultura assimilou e aceitou conviver com certos tipos de violência, talvez a mais brutal, que foi a escravidão, acreditando, com certa naturalidade e por séculos, que os privilégios de poucos coexistiam com a supressão dos direitos de muitos outros.

De acordo com Nancy Fraser (2006, p. 232):

[...] proponho distinguir analiticamente duas maneiras muito genéricas de compreender a injustiça. A primeira delas é a injustiça econômica, que se radica na estrutura econômico-política da sociedade. Seus exemplos incluem a exploração (ser expropriado do fruto do próprio trabalho em benefício de outros); a marginalização econômica (ser obrigado a um trabalho indesejável e mal pago, como também não ter acesso a trabalho remunerado); e a privação (não ter acesso a um padrão de vida material adequado).

Nessa perspectiva, podemos comparar o princípio da dignidade humana, previsto no Artigo 1º da Constituição Federal (CF), que abrange o acesso e o exercício do trabalho, e a busca por essa dignidade passa, certamente, pelas

³³Disponível em: <http://www.setre.ba.gov.br/2020/01/2098/SineBahia-Mulher-valoriza-mao-de-obra-de-mulheres-gordas-em-Salvador.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

oportunidades de trabalho. Essa questão se torna cada vez mais objeto de importantes estudos e discussões em diferentes níveis, tanto em âmbito nacional quanto internacional, extrapolando fronteiras. O Estado deveria garantir oportunidades de melhores condições de vida para todos e todas, mas na prática esses direitos são negados à maioria da população. O Movimento *Vai Ter Gorda* chama a atenção para o caso das mulheres fora do padrão que vivem o processo de exclusão, buscando propor oportunidades de acesso e melhoria da condição de vida delas.

Recordamos que o estigma social traz uma situação na qual o indivíduo está impossibilitado de uma aceitação social plena e, por consequência, é um fator de exclusão social, na medida em que leva à perda da confiança pessoal e à deterioração da identidade social das pessoas. As mulheres gordas são desvalorizadas e rejeitas na sociedade, devido ao peso do olhar estético que recai sobre elas, trazendo à tona a obesidade como um estigma social significativo. Nesse contexto, como mulheres gordas conseguem independência financeira e afetiva numa sociedade que não lhes dá oportunidade de estudo e de trabalho?

O ingresso da mulher gorda no mercado de trabalho é uma transformação estrutural na composição da força de trabalho e é responsável por criar um ambiente favorável para outras mudanças diante da desigualdade de oportunidades. O mundo tem apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe, golpeando o antigo individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo, reduzindo a competição e incentivando a cooperação.

É importante ressaltar que a inserção da mulher gorda no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo dos anos, por um grau em ascensão de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas, tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres. Podemos fazer uma relação com as modelos *plus size*, como uma forma de padronização dos corpos, nem todos os corpos atendem a essa necessidade do mercado da moda. Entre as modelos *plus size* existe um corpo aceitável e padronizado a ser seguido: uma mulher gorda e branca, curvilínea, com peitos e bundas grandes, cintura mais fina e sem “muita gordura”. A realidade que temos agora é de modelos *plus size* tendo que emagrecer para conseguir trabalho. Se vestir acima de um manequim número 52 já está fora do “padrão”.

Conforme aponta Jarid Arraes (2013, p. 16):

A indústria da moda é construída sobre o pilar da padronização feminina. Para fazer sucesso nesse ramo, muitos critérios de aparência física precisam ser atendidos; e ser magra, certamente, é um dos requisitos mais importantes. Apesar disso, alguns segmentos da indústria da moda têm concedido espaço para a chamada “moda Plus Size”: uma alternativa supostamente voltada para as mulheres gordas. Mas a maior parte das marcas, sobretudo por meio da publicidade voltada a esse ramo, continua reproduzindo exclusão e criando uma hierarquização de corpos. Afinal, qual será o tamanho necessário para ser considerada plus size? E por que os catálogos de roupas mostram mulheres tão parecidas umas com as outras?

Portanto, estamos só repetindo formas de padronizar as pessoas, continuamos o ciclo de insatisfação para a maioria e fazemos as pessoas se caracterizarem como *plus size* quando são gordas.

2.5 Por uma moda *plus size* mais inclusiva

A moda *plus size* tem tido um grande crescimento atualmente, e dentro dessa padronização ainda há uma ausência de medidas para a inclusão de todos os corpos. Diante do crescimento desse público, as reivindicações e desejos sobre a moda *plus size* começam a ser escutadas, com o aparecimento cada vez mais frequente desse perfil na mídia e opções cada vez melhores para as/os consumidoras/es, mas ainda há muito que evoluir, e a principal barreira a ser quebrada para o desenvolvimento das marcas é o preconceito.

Segundo Mariana Goulart (2009)³⁴:

Tanto a moda quanto o mercado percebeu que um novo nicho precisava de atenção. Encontrar roupas em tamanho especial é uma realidade que está ganhando espaço diariamente. Antes a moda plus size estava acessível de poucas maneiras, como roupas feitas sob medida ou lojas especializadas. Hoje, as lojas da fast fashion e magazines têm em sua grade roupas do tamanho GG, ou seja, acima do 44. Algumas ainda possuem seções especiais para moda plus size, em lojas físicas ou virtuais. Antes, as roupas de tamanhos grandes eram feitas muito mais para funcionalidade. Hoje, as roupas plus size seguem tendências de modelagem, estampas e todos os elementos da moda. O ajuste é feito no tamanho, mantendo a mesma configuração da roupa inicial. O mercado entendeu e tem se adaptado a esse novo momento. Segundo informações do Ministério da Saúde 51% dos brasileiros estão acima do peso, sendo que 18%

³⁴ Disponível em: <http://www.revistacatarina.com.br/14464-2>. Acesso em: 28 fev. 2020.

destes são considerados obesos, contabilizando mais da metade da população brasileira como alvo da moda plus size. Ainda segundo dados do IBGE, o percentual de jovens de 10 a 19 anos acima do peso passou de 3,7% em 1970 para 21,7% em 2009, um aumento considerável. Com uma demanda real de tamanhos grandes, surgiu uma boa oportunidade de negócios, mesmo em marcas e lojas já existentes, oferecendo valor agregado e alavancando os negócios. A busca por roupas de tamanhos grandes, dentro das tendências de moda atuais pelo público plus size foi abrangente e cada vez mais existem novos nichos dentro da moda, como lingerie e biquínis.

Mesmo com o grande crescimento desse mercado, há uma insistente padronização dos corpos. Podemos observar as modelos que representam as *plus size* nas capas de revista, mas é notório que mesmo em meio às lutas pela moda inclusiva, há ainda uma grande parte de corpos que não é contemplada com esses tamanhos.

As marcas especializadas em tamanhos grandes, em sua maioria, ainda não têm muito investimento, por se tratar de marcas pequenas e focadas apenas nesse nicho de mercado. Na imagem que segue (Figura 16), observamos duas modelos *plus size* representadas, uma delas sendo gorda menor e a outra gorda maior:

Figura 16 – Modelo gorda menor *versus* modelo gorda maior



Fonte: Moda Maior.

A moda pode ser um problema para quem não se encaixa no padrão corporal que é imposto atualmente. Nas passarelas, as modelos, geralmente bem mais magras que a maioria das mulheres que vemos no dia a dia, desfilam com roupas que existem apenas em uma faixa limitada de tamanhos. As marcas mais renomadas não confeccionam peças realmente maiores, fazendo com que pessoas

acima do peso considerado ideal só encontrem seu tamanho em lojas “populares”. E isso não deixa de ser verdade, nem com pessoas famosas. A atriz Melissa McCarthy, protagonista do seriado *Mike&Molly*, revelou em entrevista à revista *Redbook* que, para uma cerimônia do Oscar, ela pediu a cinco ou seis *designers* famosos que fizessem um vestido para ela, mas todos recusaram³⁵.

Nas últimas décadas, algumas marcas lançaram coleções voltadas especialmente para mulheres maiores e contrataram modelos não tão magras, o que deu origem ao segmento de moda chamado de *plus size*. Em relação às lojas de roupas, o termo engloba manequins a partir do tamanho 16 nos Estados Unidos, o que equivale aproximadamente ao tamanho 46 no Brasil. Mas, para as modelos, o padrão é diferente: de acordo com Anthony Higgins, diretor da agência *MSA Models*, no passado as modelos *plus size* eram aquelas que usavam do tamanho 10-12 ao 18, mas agora até modelos que usam tamanho 8 (aproximadamente 38) são consideradas *plus size*.

A classificação como *plus size* de modelos que não correspondem ao que é essa categoria nas roupas, e que também são mais magras que a média nacional, causa muitas controvérsias. Ao fazer isso, as empresas, que tentam passar uma imagem de inclusão e diversidade, continuam limitando a moda e ditando qual tipo de corpo é aceitável, excluindo os demais. Além de levar mulheres saudáveis a acreditarem que estão acima do peso, a indústria da moda continua a excluir aquelas que são, realmente, *plus size*.

A exclusão é, na maioria das vezes, proposital. A marca *Abercrombie* gerou uma polêmica em 2020 por não disponibilizar roupas femininas em tamanhos grandes. Ao ser questionado sobre isso, o diretor da empresa, Mike Jeffries, afirmou que a marca não possui roupas maiores porque eles queriam vender apenas para pessoas bonitas e populares. Em suas palavras: “Nós somos exclusivistas? Absolutamente!”. Entretanto, após uma queda abrupta nas vendas, devido à competição com outras marcas, em novembro do mesmo ano a empresa anunciou que iria expandir a variedade de tamanhos de roupas femininas³⁶.

Apesar de haver problemas com a indústria *plus size*, a existência desse segmento é muito importante para a inclusão e aceitação corporal. A marca *plus size*

³⁵ Disponível em: <https://modamaior.com.br/dicas-da-nina/modelo-plus-size-magra-ou-gorda>. Acesso em: 12 set. 2020.

³⁶ Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/as-polemicas-da-moda-plus-size>. Acesso em: 10 mar. 2020.

de roupas de banho *Swimsuits for All* fez um calendário incluindo modelos de vários tamanhos, que ganhou atenção na internet por recriar a capa de uma edição da revista *Sports Illustrated*. Jada Sezer, uma das modelos que participaram do projeto, afirmou: “Eu acho que precisam existir mais publicações e campanhas para que as pessoas possam dizer, ‘uau, eu pareço com essas mulheres, e elas parecem confortáveis e sexy e elas estão representando o meu tipo de corpo’”³⁷.

É importante que tanto mulheres gordas quanto magras se sintam representadas na moda que consomem, e que todas e todos possam usar as roupas que desejarem, sem que o tamanho de seus corpos seja um empecilho. Por esse motivo, Melissa McCarthy, após a situação do Oscar, decidiu criar uma linha de roupas *plus size*. No mesmo sentido, Tim Gunn, criador da série de *designers* de moda *Project Runway*, anunciou estar interessado em fazer uma temporada do programa apenas com modelos que usem um tamanho maior que o 12. São passos pequenos, mas que abrem um espaço maior para a diversidade e a inclusão e podem fazer a diferença na vida de várias mulheres³⁸.

O mercado *plus size* já evolui muito, mas ainda há muito espaço a ser explorado. Hoje, ao entrar em uma loja desse ramo, ainda percebemos uma ausência de tamanhos de roupas para todos os corpos, e poucas cidades têm lojas multimarcas especializadas. Ainda, no mundo da moda existem padrões rigorosos, mesmo para modelos *plus size*: o excesso de peso só pode estar nos lugares certos, o corpo deve ter a forma de uma ampulheta³⁹, o que leva mulheres e garotas *plus size* a passarem muito tempo na academia aperfeiçoando a silhueta.

Certamente, a gordofobia não se resume ao que foi apresentado até aqui. A falta de oportunidade de emprego, a padronização da moda *plus size*, assim como a discriminação em consultórios médicos e as práticas gordofóbicas estão para além da não aceitação aos corpos gordos, trata-se de uma luta que precisa ser travada cotidianamente. É necessário pesquisar mais e buscar meios de combater esse preconceito estrutural que mata milhares de mulheres. É preciso criar leis que garantam nossos direitos em função de uma vida melhor e mais justa.

³⁷ Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/as-polemicas-da-moda-plus-size>. Acesso em: 10 mar. 2020.

³⁸ “As polêmicas da moda plus-size”. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/as-polemicas-da-moda-plus-size>. Acesso em: 10 out. 2020.

³⁹ Ampulheta significa também uma possibilidade de inversão do tempo, retornando às suas origens. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ampulheta>. Acesso em: 21 mar. 2021.

No capítulo a seguir, farei uma abordagem da invisibilidade da mulher negra e gorda na sociedade, e como o preconceito e a invisibilidade permanecem persistindo na vida dessas mulheres negras e gordas.

3 INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA E GORDA NO BRASIL

Neste último capítulo, trago reflexões sobre como as mulheres negras e gordas sofrem com as opressões engendradas pelo machismo e pelo racismo, e ainda com a gordofobia. O racismo é, para nós, portanto, uma ideologia que nasceu a serviço da exploração e da opressão, assumindo inicialmente o papel de justificativa da escravidão moderna. Ocorre que, nem sempre as práticas discriminatórias são tão explícitas ou intencionais, ou ainda oriundas de um único fator de opressão/exclusão, como só a raça, só o gênero ou exclusivamente a classe social.

Sendo o racismo um tipo de dominação social que procura manter o poder nas mãos do grupo racial dominante, suas formas de legitimação precisam também se modificar, pois suas práticas excludentes são sempre questionadas. Seu aspecto dinâmico permite que seus meios de operação sejam encobertos, de modo que relações hierárquicas possam ser explicadas a partir das características dos membros de minorias raciais e não a partir de estratégias de dominação (MOREIRA, 2019, p. 41).

Aqui, a proposta não é realizar um exercício teórico sobre a questão da violência contra mulheres, racismo, ameaça e gordofobia engendrada na nossa sociedade, mas antes analisar como, a partir das narrativas das mulheres citadas, a gordofobia recreativa⁴⁰ se mostra como uma das faces mais terríveis da intersecção de diversos eixos de opressão, como o gênero, a raça e a classe – o que não quer dizer, obviamente, que tenha sua ocorrência vinculada a uma classe ou etnia específica. Além disso, o Movimento *Vai Ter Gordas* aponta a gordofobia enquanto uma forma de violência contra a mulher gorda que apresenta uma frequência relevante também no interior das famílias, enquanto que a questão da violência de gênero⁴¹ está conectada a outros eixos de opressão, como é o caso da raça e até mesmo da classe.

⁴⁰ Compreendo a gordofobia recreativa como parte de uma pressão estrutural em busca de um padrão de beleza idealizado, ou seja, a sociedade funciona excluindo os corpos gordos, rotulando-os como feios e desleixados, sendo alvos de críticas e memes, configurando-se também como atos de violências nas redes sociais contra pessoas gordas.

⁴¹ “Essa compreensão analítica ancora a reflexão sobre a violência contra a mulher e de gênero, pois se trata de ‘uma força social’ que estrutura as relações de [poder] entre os gêneros, que modela as dinâmicas sociais, como bem é demonstrado no decorrer deste trabalho”, de acordo com Lourdes Maria Bandeira (2017, p. 19).

Assim, para compreender a construção da sociedade brasileira é preciso reconhecer que seu alicerce está fundamentado na escravização de corpos negros, que se sustentou na subjugação e objetificação de pessoas negras, no ocultamento e no apagamento da história de resistência desse grupo e, sobretudo, de mulheres negras. Tão eurocêntrico, sexista, capitalista e racista, o Brasil criou o mito da democracia racial, que se desenvolveu por meio da tentativa de desumanização do povo negro e da culpabilização desses próprios sujeitos quanto ao atraso no desenvolvimento da sociedade nacional. Trata-se da tentativa de afirmação de uma suposta supremacia branca em detrimento e à custa do desprivilegio, da humilhação, da violação de direitos, dos assaltos à verdadeira história de África, à identidade e à produção de sofrimento psíquico derivado do racismo e do sexismo.

Como aponta Eryl Guedes Barbosa e Silvano Bezerra da Silva (2010, p. 2):

Racismo e sexismo têm sido os principais obstáculos para que a mulher negra possa ter a sua cidadania assegurada, pois mesmo entre os negros, as diferenças de renda entre homens e mulheres são mais significativas que entre os demais grupos raciais. A pobreza no Brasil tem cor e sexo: é negra. Sobre a mulher negra, portanto, recai o peso da herança colonial, onde o sistema patriarcal apoia-se sobre a superioridade masculina branca na seguinte escala de valores: o poder político, econômico, social e cultural é privilégio do homem de cor branca; em seguida, numa degradação de valor, fica a mulher branca; abaixo dela, o homem de cor negra, ficando a mulher negra como o estrato mais desvalorizado da população brasileira.

Portanto, entender essa questão é essencial, sobretudo para as mulheres negras e gordas, em uma sociedade capitalista, racista e sexista produtora de iniquidades, mas que nega essas desigualdades, bem como estimula e promove convenientemente o silenciamento e a invisibilidade de mulheres negras e gordas. Isso se dá na banalização dos casos de racismo e sexismo contra nós, através da falta de interesse em não ouvir o que temos a dizer, no apagamento da história das mulheres negras no Brasil e na invisibilidade das nossas próprias produções acadêmicas, em especial quando nossos temas de pesquisa somos nós mesmas.

Pouco se fala sobre o racismo dentro desse movimento contra a gordofobia, o que é na verdade muito alarmante. Já sabemos que a pessoa gorda é patologizada na sociedade, mas uma pessoa gorda e negra sofre também com a deslegitimação de seu discurso e de seu intelecto. As hierarquias raciais apontam a pessoa negra como inferior à pessoa branca, mesmo em um movimento em que haja uma causa

em comum. Gabriela **Rocha** (2018, p. 124) afirma que: “As negras têm sido consideradas só corpo, sem mente”. Fico pensando na linha do tempo que separa a escravidão do tempo de agora. O que mudou?

É por isso que falta uma representatividade de recorte racial dentro de movimentos antigordofóbicos. Mulheres negras e gordas são ainda mais inferiorizadas diante do padrão de corpo da sociedade, e aí que se dá a importância de racializar a gordofobia, para que nossa voz seja ouvida e nossas demandas plenamente atendidas.

Adriana Piscitelli (1996), refletindo sobre a articulação de gênero e raça em textos sobre a mídia brasileira, ao tratar de turismo sexual destaca a categoria raça como uma das marcas, entre tantas outras, através das quais se estabelecem distribuições diferenciadas de poder. Tanto nesse trabalho de Piscitelli, quanto em todos aqueles que procuram dar conta de temas atravessados pelas categorias de gênero e raça, por exemplo, ressalta-se a importância de não só perceber a multiplicidade de diferenciações que marcam social e corporalmente os grupos, mas de compreender a forma como se articulam essas diferenciações. Assim, as reflexões sobre a natureza das categorias de gênero, raça e classe social não só se interceptam como se articulam em diferentes pontos e maneiras, o que nos leva a concordar com Luiza **Bairros** (1995, p. 46) quando diz que “uma mulher negra trabalhadora não é simplesmente triplamente oprimida ou mais oprimida que uma mulher branca naquela mesma classe social, mas que experimenta a opressão a partir de um lugar diverso”.

Na análise das relações raciais, o gênero se apresenta como uma categoria indispensável para o entendimento das vivências da população negra, pois as experiências de vida de homens e mulheres negras se dão na medida em que gênero, raça, racismo e sexismo se correlacionam. Por isso, para investigar e tratar sobre mulheres negras e gordas utilizarei a intersecção entre esses marcadores.

A seguir, trago os ensaios fotográficos de corpos excluídos pela sociedade, que buscam evidenciar o corpo negro gordo que vive à margem, carregado com ele os efeitos de existir em uma sociedade racista e sexista.

Figura 17 – Movimento *Vai Ter Gorda* promove a exposição “Gorbeleza”



Fonte: *Instagram do Vai ter Gorda*⁴².

O Movimento *Vai Ter Gorda* promoveu mais um ensaio fotográfico valorizando os corpos gordos, com o objetivo de romper com padrões impostos pela sociedade. A verdade é que o corpo perfeito não existe, e precisamos aceitar os nossos corpos como eles são.

“Sarada, pele bronzeada, marca de biquíni, seios firmes e redondos, bumbum volumoso e empinado, pernas torneadas... Bom, essas são apenas algumas das características da ‘mulher perfeita’, segundo a sociedade atual. Os padrões de beleza têm se tornado cada vez mais exigentes e, de certa forma, hipócritas. Toda mulher é perfeita, até mesmo nas suas imperfeições, com seu corpo de curvas únicas, se torna uma obra de arte ímpar e é aqui que queremos chegar. Ainda não tem data definida, mas a exposição de arte ‘Gorbeleza’, vem para mostrar a maravilha das mulheres plus size/gordas através da pintura corporal.

Deixo claro também que não fazemos apologia à obesidade, e sim ao bem-estar, bem consigo mesmo, a pessoa gorda saudável. Existem pessoas magras que são doentes. Digo que fazemos apologia ao amor próprio. É possível, uma pessoa gorda ser saudável, cuidando da sua autoestima, sua saúde e bem-estar.

Tudo isso é feito para que a gorda e o gordo se sintam bem, não se achem feios, não se achem deselegantes. Eles são como qualquer pessoa. O intuito é fazer com que eles saiam do ‘armário’, elevem sua autoestima e digam: ‘Tenho orgulho de ser quem sou e como sou’”.

⁴² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLLSwMEIzun/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 13 jul. 2021.

Essas são as palavras de Paulo Arcanjo, um dos fundadores do movimento que é liderado pela ativista, conselheira estadual dos direitos da mulher, modelo e Miss Plus Size 2011-2013, Adriana Santos.

“O ensaio corporal artístico representa para mim e para as mulheres envolvidas no projeto, uma libertação de paradigmas ao corpo da mulher gorda. Uma ruptura com o padrão de beleza que sempre foi idealizado pela estética”⁴³.

Estão envolvidas neste ensaio Adriana Santos e as modelos e ativistas Gilselene Araújo e Juliana Lago. A fotografia foi de Gabriela Dinigre e a pintura corporal ficou a cargo do artista plástico Valdir Santos⁴⁴ e, segundo ele:

Eu fiquei muito feliz e realizado. Trabalho com pintura artística, facial e corporal. Resolvi fazer um trabalho diferente com a corporal, decidi trabalhar com as meninas Plus Size. Muitas meninas vinham até mim dizendo estar insatisfeitas com seu corpo, mesmo sendo o seu corpo padrão da sociedade, mesmo estando de acordo com a exigência humana. Elas diziam que estavam barrigudas, estavam estranhas. Isso me incomodou. Resolvi, então, fazer esse trabalho com as Plus Size e olha... foi algo maravilhoso e tremendo. Tive o prazer de conhecer a Adriana, fundadora do Movimento *Vai Ter Gorda*, e que trabalho belíssimo nós fizemos. Não posso dizer que foi o maior trabalho que já fiz, mas com certeza é de maior significado para mim. Gostei tanto de trabalhar com essas meninas que já estou pensando em trabalharmos juntos de novo.

Nessa perspectiva, estudar sobre mulheres negras é investigar o modo como o racismo, o sexismo e a gordofobia recreativa e outros marcadores sociais se inter cruzam, incidindo e estruturando a vida dessas mulheres. Por isso a necessidade de se explorar o racismo e o sexismo em um patamar de igualdade, pois as mulheres negras e gordas não têm a possibilidade de negociar e escolher em quais momentos elas serão só mulheres, só negras ou só gordas.

Precisamos iniciar debates sobre representatividade e diversidade também quando pensamos nas bailarinas no Brasil. Quem está em cima do palco é majoritariamente branco, de elite e dentro dos padrões estéticos. Será que se as bandas musicais passassem a incluir bailarinas negras e gordas mais pessoas não teriam vontade de assistir aos espetáculos, por se sentirem representadas?

⁴³ “Movimento Vai Ter Gorda apresenta corpo *Plus Size* em evidência na arte corporal da exposição ‘Gorbeza’”. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2021/02/movimento-vai-ter-gorda-apresenta-corpo-plus-size-em-evidencia-na-arte-corporal-da-exposicao-gorbeza>. Acesso em: 15 jul. 2021.

⁴⁴ Idem.

Acredito que isso será possível em um futuro próximo, pois estamos avançando na questão da diversidade na dança, e a indústria da dança brasileira poderá conseguir se torar um lugar mais acolhedor para todos e todas. Só o fato de pessoas gordas não desistirem do sonho de dançar já é um avanço. Mas a participação de mulheres negras e gordas, por exemplo, ainda é muito pequena.

A seguir, podemos observar o quanto algumas bandas/artistas, como Anitta, passam a dar mais espaço para bailarinas “fora dos padrões”. Ao mesmo tempo, podemos perceber que mulheres brancas e gordas têm tido mais espaço do que mulheres negras e gordas nos palcos.

Figura 18 – Anitta apresenta as suas bailarinas *plus size*



Fonte: GShow⁴⁵.

A Reportagem do Jornal Extra, em junho do ano de 2017, mostra que depois de lançar o sucesso “Paradinha”, Anitta levou outra novidade para a turnê. Ela reforçou o seu time de bailarinas com duas modelos *plus size*, as cariocas Thais Carla e Tatiana Lima.

Moradora de Nova Iguaçu, na época Thais tinha 25 anos e uma filha de 7 meses. Ela dança desde os 4 anos de idade e em 2017 já era casada com o fotógrafo baiano Israel Reis (23 anos). A bailarina ficou conhecida depois de vencer o quadro “Se vira nos 30”, do “Domingão do Faustão”, em 2009, quando se

⁴⁵ Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/bailarina-plus-size-de-anitta-thais-carla-pesa-140-kg-ja-posou-nua-com-marido-sou-plena-21440624.html>. Acesso em: 14 jul. 2021.

apresentou dançando e faturou R\$ 15 mil reais. Thais também trabalhou como bailarina no programa “Legendários”, de Marcos Mion, por quatro anos. Em uma matéria publicada na época, ela diz:

“Se não fosse pela minha família, eu não ia continuar a dançar e já tinha desistido. Não podia ir aos testes porque não tinha perfil. Venci preconceitos. E agora, com a Anitta, estou ali de igual para igual, dançando como qualquer bailarina que ela tem”, afirma.

Thais também participou de um reality show na TV para perder peso. Atualmente com 140 kg, ela é tão orgulhosa das curvas que tem que fez um ensaio nua com o marido e também já posou sozinha sem roupa para uma campanha contra a gordofobia.

“Quando eu era mais nova, tinha essa pressão para emagrecer. Até já tentei, mas não tive muito sucesso (risos). Sou uma pessoa muito plena. Não ligo para nada. Se for para dançar de calcinha, eu danço, fica de sutiã, posar nua... Sou bem relax”. Ela, no entanto, faz questão de deixar a mensagem de que todo mundo deve ser aceitar como é.

“Não estou dizendo que é legal, maravilhoso ser gorda. Minha mensagem é que você pode ser quem você quiser, não importa como você seja. Em momento algum quero incentivar a gordura. Estou incentivando o empoderamento da mulher: a mulher correr atrás e fazer o que quiser. Se não se sentir bem gorda, emagreça. Mas cada um tem que ser como se sentir bem. A vida toda eu escutei que não poderia ser bailarina porque eu sou gorda. E aí eu botei na minha cabeça que eu ia ser bailarina e gorda do jeito que eu sou. Fui lutando, vencendo preconceitos. Mas tudo é na base do seu querer. Quando você quer, você consegue”.

A bailarina de Anitta, Tatiana Lima (24 anos), é tatuadora e professora de Educação Física, especialista em Psicomotricidade (que estuda o ser humano através do seu corpo em movimento). A carioca dança desde os 13 anos e trabalhou por dois anos como bailarina do circo de Marcos Frota, em um projeto musical do diretor Jorge Fernando. Em 2017 ela pesava 95 kg e sofreu críticas por ter aumentado o peso:

“A gente passa por muitos preconceitos. Eu e a Taís dançamos juntas numa academia. Éramos bem aceitas nessa academia, mas quando íamos para os concursos, os comentários eram sempre que as bailarinas precisavam emagrecer”, lembra ela, que pesa atualmente 95 kg.

“A gente sabia que não ganhava o primeiro lugar por ser gordinha. O problema mesmo é mais da sociedade. Mas hoje eu acredito que está um pouco mais fácil, mas ainda há pessoas que não aceitam, que acham que temos que manter um determinado padrão porque a sociedade impõe. A gente tem que se aceitar como a gente é. Me olho no espelho e vejo uma mulher bonita, guerreira e determinada. Não me sinto mal com o meu corpo. É ele que me faz viver, me leva

ao trabalho. Tenho que agradecer e não reclamar. Graças a Deus, tive o apoio da minha família. Se a minha mãe, Carla, não me desse apoio, eu não estaria dançando aqui hoje”, conclui.

Tatiana chama atenção para o fato de Anitta ter um balé tão diverso. “O que eu percebo é que um balé muito diverso e bonito. Tem homens e mulheres de perfis diferentes. Só não tinha plus size. E a Anitta tem essa percepção de que todos somos capazes. A Anitta dá oportunidades a todos, e eu a agradeço. Com esse balé, ela (a Anitta) está justamente falando para a sociedade que esse padrão imposto é uma besteira”, avalia.

Quando uma pessoa é vista como gorda, não é simplesmente sua aparência que está em jogo, e sim sua capacidade moral de disciplina e controle, de julgar o que é certo ou errado, e por aí em diante. Trata-se de um critério de exclusão social de um tipo de corpo distante do padrão vigente, não só de beleza, mas de estilo de vida. A pessoa gorda é percebida como alguém com menos valor, que não tem controle sobre si e sobre seus desejos, logo, é alguém que necessita de cuidado e controle externo, e aí entram as figuras do médico, do nutricionista e do instrutor físico, para fazerem cumprir essa necessidade de adequação do corpo.

É preciso admitir que nossas características físicas são interpretadas socialmente. Assim, certas características nos permitem ter privilégios ou desvantagens nas relações sociais. Algumas mulheres têm privilégios, por exemplo, mulheres brancas e gordas têm privilégios diante de mulheres negras e gordas, e isso se confirma através da presença/ausência em lugares de destaque na sociedade. Podemos observar o quanto a cor é um dos marcadores sociais que afeta as mulheres, deixando-as à margem da sociedade, tornando-as alvo de diversas opressões.

Atualmente estamos enfrentando uma pandemia, e poucas pessoas têm o privilégio de passar o período de isolamento social dentro de suas casas. E entre muitas preocupações que surgiram nesse período, incluindo a própria morte ou a morte de pessoas amadas, destacamos o receio de engordar. São muitos memes satirizando “o antes e o depois” da quarentena, mostrando a imagem de uma pessoa magra *versus* a imagem de uma pessoa com, pelo menos, trinta quilos a mais. Essa é uma questão que já trouxemos aqui, pois percebemos o efeito do discurso que induz ao medo de engordar, o que evidencia o quanto nossa sociedade é construída a partir de um pensamento gordofóbico, que teme a gordura mais do que a própria morte.

Abaixo, trago discussões em relação ao nosso corpo e nossa imagem em tempos de pandemia nas redes sociais, o que parece ter chegado a patamares patológicos, mas, por enquanto, o assunto continua sendo visto como uma “brincadeira”, quando na verdade estamos falando de uma violência, por não sermos magras e não nos adaptarmos ao padrão de beleza.

Figura 19 – Bailarina da Anitta, Alline Azevedo recebe ataques por ter engordado



Fonte: *Instagram* do Xododaalline (2020).

Bailarina da cantora Anitta, Alline Azevedo vem recebendo ataques nas redes sociais por ter engordado durante a pandemia causada pela Covid-19. A dançarina se pronunciou sobre o assunto e comentou sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade. A artista contou sobre como ela vê a “ditadura da beleza” e disse estarmos muito longe de quebrar essa barreira, sendo que pessoas por todo o mundo têm morrido em busca da perfeição, conforme podemos acompanhar no relato feito por ela através do site *Metrópoles*.

“Vejo a padronização como algo que ainda está muito entranhado na gente, é difícil viver fora dos padrões e se manter indiferente com tanto julgamento e crítica. Às vezes você está bem consigo mesmo, mas aí vem um comentário cruel e dá uma balançada nessa

confiança, estamos muito longe de quebrar essa barreira. Eu sou a favor de buscar o bem-estar, mas com segurança, sem precisar colocar a vida ou a saúde em risco e lógico temos que aprender a respeitar o outro. Temos pessoas morrendo em nome da beleza, isso deveria ser o suficiente para derrubar de vez esse padrão de perfeição que não existe. Mais um paradigma para irmos quebrando assim como tantos outros!", disse Aline.

Para a dançarina, as redes sociais e a televisão são quem influenciam e ditam o padrão a se seguir e as pessoas precisam filtrar o que é ou não construtivo: "A internet e a televisão influenciam em tudo! O que é bom e ruim. A informação chega do outro lado do mundo em um estalar de dedos e no meio vai muito conteúdo bom, informativo, que pode ajudar muita gente, mas também vai aquele conteúdo lixo. Hoje o necessário é filtrar o que pode ou não ser construtivo"⁴⁶.

Como observamos através do depoimento acima, o corpo tem sido objeto de interesse em evidência na mídia, denotando sua supervalorização no seio da sociedade. Nesse cenário, a mídia atua como um importante substrato informacional para o saber social, que é forjado sobre um dado objeto representacional (SILVA; BOUSFIELD; CARDOSO, 2013).

A obesidade, assim como a anorexia, é considerada uma doença de descontrole alimentar que se faz perceber no corpo, mas que produz efeitos diferentes nas subjetividades, já que o corpo magro é mais valorizado por nossa cultura, então, historicamente, mulheres anoréxicas costumam estar nas passarelas, nas mídias, na publicidade – adiante, voltaremos a este ponto. Por hora, é interessante observarmos que toda a preocupação com a saúde parece esconder, ou ter tido como efeito colateral, uma preocupação com a estética, com a imagem. Nas palavras de Aline Azevedo:

"Ultimamente tenho passado muitas situações desagradáveis porque engordei nessa quarentena e agora está sendo aquele sacrificio para voltar ao shape anterior, chove críticas nas redes sociais por conta disso, como se estar acima do peso me impossibilitasse de dançar! Triste, mas temos que lidar com os juízes da internet", desabafou a dançarina, e aproveitou para falar também sobre o empoderamento feminino:

"Defino o empoderamento como algo que precisa continuar sendo construído, aprendido e respeitado. Empoderar-se é o ato de tomar o poder para si, e temos um número grande de mulheres que ainda não assumiram de fato esse poder"⁴⁷.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/celebridades/bailarina-da-anitta-alline-azevedo-recebe-ataques-por-ter-engordado>. Acesso em: 5 jul. 2021.

⁴⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CFiScNHpSRG/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 5 jul. 2021.

A sociedade está em constante mudança, e o padrão de beleza, estereótipo ideal imposto aos indivíduos, segue o mesmo ritmo. Ser mulher em nossa sociedade pode significar ter o corpo exposto a violências físicas e simbólicas, que partem do princípio da sua objetificação. A historiadora Mary Del Priore (2000) é relativamente cética no que diz respeito aos padrões de beleza e de estética. Ela afirma que as mulheres do século XXI trocaram a submissão aos pais, companheiros, patrões e ao patriarcado em geral pela dominação da mídia e da publicidade e de suas imposições. Não que isso não ocorresse em outros tempos, mas é preciso concordar que a globalização estandarizou a figura do corpo ideal. O gênero mais afetado, alvo de maiores exigências, é o feminino, e sendo uma mulher negra isso se torna ainda mais agressivo.

Na sequência desse raciocínio, trazemos as palavras de Sueli Carneiro (2004, p. 76):

Antes da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em setembro de 2001, na África do Sul, as organizações de mulheres negras brasileiras produziram uma Declaração na qual constatava-se que a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida. Esses se manifestam em seqüelas emocionais com danos à saúde mental rebaixamento da auto-estima; numa expectativa menor de vida, em cinco anos, em relação às mulheres brancas; num menor índice de nupcialidade; e, sobretudo, no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. Essas práticas discriminatórias consubstanciam o patriarcado da miséria que caracteriza as condições de vida das mulheres negras no Brasil.

Para a mulher gorda negra, o peso da cobrança de si e sobre si, em relação à sua imagem, impacta ainda mais em sua tentativa de adequação, seja por meio de regimes alimentares ou de procedimentos cirúrgicos, as intervenções na *psique* feminina e a expectativa de corresponder ao que se espera de seu corpo e de sua sexualidade acaba por deixar marcas psicológicas e emocionais só percebidas a partir de uma atenção/investigação mais cuidadosa.

Em relação o nosso corpo, a nossa imagem nas redes sociais parece ter chegado a patamares patológicos no contexto da pandemia, mas, por enquanto, isso continua sendo visto como uma preocupação pautada na saúde, e não como

gordofobia. Ter medo de engordar é naturalizado em nossa sociedade, assim como ter repulsa por pessoas gordas. O cenário se agrava ainda mais quando falamos da relação das mulheres com seu próprio corpo. Ao ser identificada e se autoidentificar enquanto mulher negra e que aumentou uns quilinhos, é certo que essa pessoa vai sofrer com uma gama de discriminação, estereótipos e estigmas, que só podem ser compreendidos em sua complexidade quando são vivenciados por mulheres negras.

Sobre essa questão, Gabriela Rocha (2018, p. 126) aponta que:

O principal desafio da mulher negra e gorda é se enxergar. E isso pode ser bastante difícil, porque, não estamos no campo de visão de ninguém, nem de homens, nem de empregadores de grandes empresas. Quando alguém mim olha, já vem enviesado por preconceito. É como se usasse uma lente especial que tudo amplia tomando proporções que, muitas vezes, não tenho emocional para suportar.

Essa visibilidade se faz de extrema importância, porque existem mulheres gordas em todos os lugares do mundo, e no Brasil as estatísticas apontam para um crescimento de mulheres gordas⁴⁸. Encarar isso como uma realidade contribui, no sentido de ampliar os horizontes dessas representações, onde a mulher gorda e negra deve ser vista em todos os lugares, e ser reconhecida em sua beleza e capacidade.

No que tange à mulher negra e à criação desses estereótipos, é importante ressaltar que a figura da mulher negra traz à tona duas representações sociais: a da mulher negra, gorda e feia, com características que beiram a aberração; e a imagem da mulher negra construída através da hiperssexualização, responsável pelo estereótipo da mulata tipo exportação que está sempre pronta para o sexo. Para Lélia Gonzalez (1984), a figura da mulata, vista como objeto sexual, como alguém que está sempre disponível, é um das marcas de estereotipação da mulher negra na cultura brasileira.

Adriana do Carmo Figueiredo *et. al.* (2013, p. 11) apontam:

Desde as mucamas até as cozinheiras e amas de leite, presentes na vida doméstica da sede, todas as mulheres negras eram vulneráveis à violência sexual do homem branco, porque, dentro do casamento as condutas impostas pela moral conservadora e pela igreja

⁴⁸ "IBGE: obesidade mais do que dobra na população com mais de 20 anos". Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/ibge-obesidade-mais-do-que-dobra-na-populacao-com-mais-de-20-anos>. Acesso em: 20 jul. 2021.

limitavam a vida íntima e conjugal das mulheres brancas de família. Então, à mulher negra cabia com frequência o papel de satisfazer o seu dono, a iniciação sexual do “senhorzinho” e quando não, explorada por outros escravos e terceiros como uma “negra de ganho”, seja pela exploração de seus dotes de quitanda com a venda de quitutes no comércio de rua ou por meio da prostituição.

Ser mulher negra em uma sociedade escravista era especialmente complexo. Essas mulheres estavam expostas a todo tipo de violência, tiveram que enfrentar a crueldade da escravidão, a exploração do trabalho, a opressão dos homens, o desmembramento de suas famílias, a separação de seus filhos. Essa verdadeira desumanização ainda tem suas marcas na contemporaneidade, por isso o racismo e o sexismo devem ser combatidos de forma atuante e incessante, pois interferem não só na construção de políticas públicas, quanto na aplicabilidade destas, algo que só põe a saúde e as condições de vida da população negra em maior vulnerabilidade.

Patrícia Hill Collins (2019) aponta que as condições da economia política mais ampla que molda a subordinação das mulheres negras, ao mesmo tempo em que estimulam o ativismo. Na explicação de Winne **Bueno** (2019, p. 72):

As imagens de controle são centrais para que os sistemas interconectados de dominação de raça, gênero, sexualidade e classe perpetuem um simbólico estrutural que controla o comportamento de mulheres negras e sustenta as falácias da superioridade racial a partir da opressão de gênero. Além disso, a classe desempenha um papel significativo interpelando a raça, a fim de moldar imagens de mulheres negras. A forma como Patrícia Hill Collins, por exemplo, discorre sobre as imagens de controle da *mammy* e da *welfare mother* evidencia como a exploração econômica se apropria das imagens de controle como uma forma de justificar as consequências do capitalismo no cotidiano de mulheres negras.

É sob essa perspectiva que a história do controle dos corpos de mulheres negras e sua relação com o poder punitivo se revela, não apenas como mera referência ao passado, mas como possibilidade de provocar reflexões e repensar o presente e o futuro. Compreender essa questão é essencial, sobretudo para as mulheres negras, pois uma sociedade capitalista, racista e sexista, que produz iniquidades, mas que nega essas desigualdades geradas, estimula e promove o conveniente silenciamento e a invisibilidade de mulheres negras. Sobre essa discussão, Sueli Carneiro (2003) traz as seguintes pontuações:

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão-de-obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais. Em síntese, o quesito “boa aparência”, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discriminatório. A questão política que decorre dessa realidade será a exigência de que o combate ao racismo, à discriminação racial e aos privilégios que ele institui para as mulheres brancas seja tomado como elemento estrutural do ideário feminista; um imperativo ético e político que reflita os anseios coletivos da luta feminista de representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres (CARNEIRO, 2003, p. 5).

Afinal, quando isso não acontece, o que podemos perceber é que continua sendo reproduzida uma lógica de opressão que perpassa um discurso que se coloca como libertador. Se o feminismo ajuda mulheres brancas e gordas a se aceitarem e terem autonomia e libertação, isso não parece acontecer com mulheres gordas maiores e/ou negras, pois além de serem afetadas pelo racismo, são a última camada da esfera econômica. Por isso, a resistência da luta das mulheres, enquanto luta política, precisa ser contra toda uma lógica econômica liberal, já que esse regime atua junto ao patriarcado e à ideologia racista, que oprime mulheres e pessoas negras antes de chegar a oprimir mulheres brancas mais diretamente, sejam elas gordas ou magras.

Ainda nos deparamos na contemporaneidade com vários moldes de controle do corpo e da sexualidade das mulheres, entre outras possibilidades, vemos que mesmo com todo o desenvolvimento da sociedade, as mulheres ainda são coisificadas, revelando que a essência do patriarcado não mudou, pois assim como na Idade Média, mulheres ainda morrem por motivos fúteis ou pelo simples fato de serem mulheres. Acompanhamos diariamente nas redes de comunicação ex-companheiros e até companheiros cometendo feminicídio por não aceitarem rompimentos, motivados por ciúmes, da mesma forma que mulheres são estupradas e violentadas e, na maioria dos casos, os agressores não são pessoas desconhecidas, mas têm relações e vínculos afetivos com as vítimas.

Conforme aponta Heleieth Saffiotti (2011, p. 98-99):

A dominação e a exploração constituem um único fenômeno, apresentando duas faces. Desta sorte, a base econômica do patriarcado não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva. Seja para induzir as mulheres a ter grande número de filhos, seja para convencê-las a controlar a quantidade de nascimentos e o espaço de tempo entre os filhos, o controle está sempre em mãos masculinas, embora elementos femininos possam intermediar e mesmo implementar estes projetos.

Ainda que o conceito de Hartmann apresente inegáveis qualidades, é necessário se fazerem certos acréscimos. O patriarcado, em presença de, na verdade, enovelado com classes sociais e racismo (SAFFIOTI, 1996), apresenta não apenas uma hierarquia entre as categorias de sexo, mas traz também, em seu bojo, uma contradição de interesses. Isto é, a preservação do status quo consulta os interesses dos homens, ao passo que transformações no sentido da igualdade social entre homens e mulheres, respondem às aspirações femininas.

Dessa forma, a mentalidade patriarcal, que preconiza o controle das mulheres e a rivalidade entre homens está sempre presente nas agressões às mulheres, refletindo o medo da perda do objeto sexual e social.

Nesse sentido, Maisa Campos Guimarães e Regina Lucia Sucupira Pedrosa (2017) refletem que uma ação violenta está direcionada à destruição ou ao ataque da subjetividade do outro, no momento em que o sujeito sente que está perdendo seu poder ou se depara com sua impotência. Nessa linha de pensamento, a violência funciona como uma interposição à subjetividade, uma forma de impor coerções ao corpo com o objetivo de atingir a subjetividade, a afetividade e o pensamento de quem sofre a violência.

No mesmo sentido, Guimarães e Pedrosa (2017) citam que a disciplina é uma modalidade de poder, uma forma mesma do poder. Para tanto, ela se caracteriza por métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo e que realizam a sujeição de suas forças, impondo-lhes uma relação de docilidade/utilidade. Entretanto, a disciplina não se esgota apenas nessa técnica que reparte os corpos, ela extrai e acumula o tempo, pois ela também é combinatória, ou seja, compõe as forças dos corpos para melhor eficiência. O corpo individual também se torna uma peça do poder disciplinar que pode ser movido de um lugar para outro, articulado com outras forças, colocado no lugar que ele deve ocupar para ser mais produtivo.

A seguir, veremos como MC Carol relata sua experiência relativa ao racismo e à gordofobia, enquanto um mecanismo de opressão e exclusão em nossa sociedade.

Figura 20 – MC Carol lança o *single* “Levanta mina”



Fonte: Afroafeto.

De acordo com a reportagem do Jornal Estado de Minas Cultura, publicada em janeiro de 2021, MC Carol nasceu em Niterói, tem 27 anos, é cantora, compositora, militante feminista e um dos destaques do funk carioca. Sua carreira decolou depois de chamar a atenção na internet com os *singles* “Bateu uma onda forte”, “Liga pro Samu”, “Delação premiada”, “100% feminista” e “Não foi Cabral”, cujas letras pautam desigualdades e fazem crítica social.

A cantora MC Carol diz que o preconceito é a causa da depressão que atinge mulheres como ela. A funkeira expôs sua experiência pessoal como mulher negra e gorda no *single* “Levanta mina”, lançada este ano, que chegou às plataformas digitais acompanhada de clipe no *YouTube*. Composta por ela em parceria com a DJ Thai, a canção fala de autoaceitação e autoamor, desafiando o preconceito estimulado por padrões estéticos impostos pela sociedade.

“Fiz essa música mais pra mim do que para os outros. Estava num momento complicado, porque mesmo você se aceitando e se gostando, vivemos num mundo muito preconceituoso. A gente sofre pela forma como a gente é, acaba se deprimindo”, diz Carol. A MC sai em defesa da autoestima em versos como “vou mostrar que ser gorda e negra é virtude/ levanta a sua cabeça/ você não

pode parar” e “se valorizar não é querer ser melhor do que ninguém/ é entender que você não é pior do que ninguém”⁴⁹.

A letra da música de MC Carol valoriza as mulheres negras e gordas, tão invisibilizadas em nossa sociedade. Vejamos um trecho:

Um olhar confiante
Na voz a atitude
Vou mostrar que ser gorda e negra
É virtude
Levanta sua cabeça
Você não pode parar
O que te define
É o seu olhar
O seu olhar
O seu andar
O seu pensar
Você precisa se posicionar
Se valorizar
Não é querer ser melhor que alguém
É entender que você não é pior que ninguém
Levanta mina
Olha pra cima
Sente esse clima
Amor próprio é nosso rolê
Levanta mina
Olha pra cima
Sente essa clima
Hoje vamos exalar poder

Em sua composição, MC Carol traz elementos importantes para a valorização de mulheres negras e gordas, com o intuito de refletir sobre negritude e poder; valorização, autoestima e autoamor da mulher negra, além de tratar sobre sua importância para a história da humanidade, sobretudo considerando a condição de opressão de gênero e racial/étnica que vivem essas mulheres, explicitada em muitas situações cotidianas.

Ao compartilhar as dores das mulheres, a funkeira diz que elas são muito parecidas, criticando o racismo e a gordofobia. “Nada é igual para a gente. Você não vê mulher preta e gorda na novela, nas passarelas. Hoje, estamos refletindo muito sobre isso. Entra ano e sai ano, você sabe que um perfil como o seu não estará lá. Isso acaba te deprimindo aos poucos, mesmo você se amando”, lamenta.

⁴⁹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/01/19/interna_cultura,1230230/mc-carol-lanca-o-single-levanta-mina-desafiando-o-racismo-e-a-gordofobia.shtml. Acesso em: 3 jun. 2021.

Carol fez questão de lançar um clipe plural, reunindo mulheres que costumam ser alvo de críticas da sociedade. “Tive a ajuda da minha equipe, uma equipe de pretas. (Na canção) Estou falando com várias mulheres, mas também comigo.”

Participam do projeto Dani Lima, Mapoua, Rih de Castro, Samanta (Sassá) Quadrado, Niedya Ramos, Bia Marques, a escultora Virginia Santos, a desenhista Mariane Martins e a pintora Giulia Maria Reis, além de MC Elis, responsável por imagens e vocais. A direção é assinada por Mariana Jaspe, com concepção de Ana Paula Paulino. Levanta mina é o primeiro trabalho de Carol para o projeto Black voices, iniciativa internacional do YouTube que busca dar visibilidade a artistas negros. No Brasil, a funkeira foi selecionada ao lado de Urias, Rael e Péricles. O single também fará parte do próximo trabalho dela, o álbum Borogodó.

A seguir, o restante da letra da música “Levanta Mina”:

Levanta mina
Olha pra cima
Sente esse clima
Amor próprio é nosso rolê
Levanta mina
Olha pra cima
Sente essa clima
Hoje vamos exalar poder
Muita gente perversa
Puxando conversa
Fingindo que se importa
Passando dieta
Gente falsa
Gente rude
Comendo hambúrguer
Falando da minha saúde
É difícil sempre estar feliz
É difícil estar feliz
Com tanta cicatriz
É difícil se amar sendo excluída
Olhar pra TV
E ainda ver paquitas
Cadê as gays?
Cadê as pretas?
Cadê as gordas?
Nas capas das revistas
Olha esse rosto meu amor
É invista na mamacita
Sou feminista, artista, realista
Resista, insista, seja estrategista
Não vamos se esconder, a gente existe
Agora senta, aceita e me assiste
Assiste a gente se amando na praça
Assiste a gente de biquíni na praia
Assiste a gente dançando na balada
Assiste a gente feliz e casada

Levanta mina
Olha pra cima
Sente esse clima
Amor próprio é nosso rolê
Levanta mina
Olha pra cima
Sente essa clima
Hoje vamos exalar poder
Levanta mina
Olha pra cima
Sente esse clima
Amor próprio é nosso rolê
Levanta mina
Olha pra cima
Sente essa clima
Hoje vamos exalar poder
Levanta mina
Olha pra cima
Sente esse clima
Amor próprio é nosso rolê
Levanta mina
Olha pra cima
Sente essa clima
Hoje vamos exalar poder.

É a partir da percepção e compreensão da identidade negra que esta pesquisa trata as mulheres negras e gordas, como expressão identitária, e procura compreender de que maneira essas mulheres lidam com seus corpos, como os comentários preconceituosos de cunho gordofóbico e racista atingem sua autoestima e de que forma agem, construindo uma imagem positiva de si, através da valorização do corpo, da pele e do cabelo crespo, resultando em um processo de ressignificação da identidade.

Paralelamente ao lançamento do novo trabalho, a cantora é a capa da edição digital da Elle. “Ser capa de uma revista de moda é algo que muitas meninas sonham na vida! Mas quando você é preta, gorda e periférica você acha que isso nunca vai acontecer porque você só vê mulheres brancas, magras e de cabelo liso estampando essas revistas, fazendo **sucesso** na TV”, escreveu a MC no Instagram. “Cadê as gays? Cadê as pretas? Cadê as gordas nas capas de revistas? Olha esse rosto meu amor. É... invista na mamacita”, postou a artista (JORNAL ESTADO DE MINAS CULTURA, 2021, *online*).

Essas análises vão ao encontro dos pressupostos teóricos desta pesquisa, levando em consideração que os agentes não são simplesmente condicionados pelas estruturas sociais presentes nos sistemas de opressão, nos padrões e normas

internalizados. Considerando que a sociedade vivencia uma época de gordofobia generalizada, as pessoas acima do peso ficam vulneráveis à desumanização dos seus corpos (SORATTO, 2009; YOSHINO, 2010). Nesse contexto, mais recentemente, o termo gordofobia tem sido comumente utilizado, retratando a desvalorização, a estigmatização e a hostilização de pessoas gordas (ISAIA, 2015), que ocorrem por meio de aparatos de diversas ordens (sociais, midiáticos, culturais e médicos) para perpetuar modelos de corpos socialmente valorizados e aceitáveis, tais como os corpos magros ou hipertróficos. Dessa forma, a gordofobia ocorre por meio de processos de discriminação social das pessoas que não se adéquam ao padrão corporal de beleza considerada ideal, tendo como auxílio o discurso da medicina e do apelo estético, reforçando a dominação desses corpos frente aos padrões vigentes (ARCOVERDE; RODRIGUES, 2014).

A questão é que toda a pressão estética que está associada aos padrões de beleza feminina faz girar um mercado muito lucrativo que atinge desde o vestuário até procedimentos estéticos médicos, passando por alimentação, farmácias, academias, salões de beleza, enfim, é toda uma gama de produtos e serviços que são feitos para que a mulher gaste seu dinheiro, tempo e energia para se encaixar nos moldes físicos esperados pela sociedade patriarcal, e não é de se espantar que a publicidade em cima disso seja tão forte.

Foi a partir de uma necessidade de resistência a todo discurso opressor em relação à construção social que se faz sobre o que é ser mulher e como uma mulher deve parecer que surge o conceito de empoderamento. Para isso, trouxemos a contribuição da escritora e feminista negra Joice **Berth** (2019, p. 40):

A população negra foi confinada, entre outras práticas, à desumanização de escravizados de ontem e de hoje, ainda que a escravização de hoje seja oculta e consequente de séculos de escravização de fato, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade e avançou pouco mais do que algumas mudanças de legislação, muito devido à negação de saberes, produção e potencial intelectual negra que foi, é e tem sido mais um caminho eficiente para mantê-la no lugar da subalternidade.

A invisibilização do negro, e por consequência de sua cultura, ocorreu em vários momentos históricos, desde antes o pós-modernismo, e podemos ressaltar algumas características primordiais desse fenômeno: a marginalização do corpo

negro e tudo o que está ligado a ele, a “apropriação cultural”⁵⁰ de signos da cultura negra e a inviabilização de políticas culturais que venham a combater essas desigualdades. O negro não está ausente apenas dos meios de comunicação, dos cargos de poder e da visibilidade da produção cultural, pouco se atribui a esta população o protagonismo nas mais diversas áreas sociais.

As discussões que rodeiam o polêmico tema da apropriação cultural são inúmeras, e não se pode negar que a cultura negra tem papel fundamental na construção da identidade brasileira, porém, a população negra não desfruta dos benefícios disso. Trata-se, contudo, de um debate que pode contribuir e promover profundas reflexões sobre as múltiplas formas de opressão cotidiana, com destaque para o que ocorre no âmbito das redes sociais.

A seguir, proponho pensarmos o feminismo como um movimento libertador em relação às opressões que o corpo da mulher negra e gorda sofre.

Figura 21 – Bielo Pereira fala sobre gordofobia, racismo e militância



Fonte: Heloisa Tolipan⁵¹.

⁵⁰ Segundo Rodney William (2019), devemos tratar a apropriação cultural como uma das mais usuais estratégias do racismo e da colonização. Numa sociedade de consumo, onde tudo é visto como produto, alguns traços e componentes culturais, para serem aceitos, precisam passar por um processo de depuração. Ao apagar elementos ou características que podem ser rejeitados, reiteram-se práticas de dominação que contribuem para a invisibilidade de grupos minoritários, como negros e indígenas.

⁵¹ Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/gente/colocar-em-pauta-a-gordofobia-ainda-e-militancia-branca-so-agora-se-fala-sobre-racismo-no-movimento-diz-bielo-pereira>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Trago relatos da influenciadora Bielo Pereira, apresentadora do jornal Coisa Boa pra Você, que em parceria com o Quebrando o Tabu e Razões para Acreditar, produziu uma série para o canal do GNT no *Youtube*, “Gordofobia, até quando?”, onde Bielo Pereira fala da importância de pensar gordofobia e racismo de forma conectada.

“Isso foi um presente para mim, uma parceria e tivemos oito episódios incríveis. É preciso mudar a visão patológica que se tem em relação ao corpo gordo, uma vez que a gordofobia médica e social afastam a pessoa gorda de se cuidar e agravam situações que seriam facilmente evitadas se não fosse criado o medo de procurar ajuda, pois o processo de discriminação pelo qual passamos ao buscar essa ajuda é muito dolorido”.

A militância de Bielo veio engrossar o Movimento Corpo Livre, incentivando o autoamor e a aceitação do corpo que cada um habita. A gente já vem falando do quanto a gordofobia é algo estrutural, fincado na sociedade de forma nociva e subestimada. Ela está presente no cotidiano e é praticada até por “boa gente”, que a exerce muitas vezes sem perceber, de tanto que foi naturalizada. Segundo o dicionário, gordofobia é: “aversão a pessoas gordas que se efetiva pelo preconceito, intolerância ou pela exclusão delas”. Mas Bielo ressalta que quando falamos de corpos gordos, pretos e trans, doses extras de preconceito são adicionadas⁵².

A ausência de representatividade e os ataques racistas à estética negra afetam a saúde emocional das mulheres negras, causando complexos de inferioridade, insegurança, baixa autoestima, ansiedade, depressão, a recusa de sua identidade negra e a busca pela aproximação com a estética dominante. Por isso, os movimentos antigordofóbicos lutam contra esses moldes negativos e impostos aos corpos negros, estimulando a valorização do próprio corpo, do respeito à sua própria forma física e de busca por direitos das pessoas gordas, restando ampliar sua atuação no âmbito das políticas públicas, a fim de causar mudanças reais na vida dessas pessoas.

Pensando nisso, a apresentadora destaca a importância de se colocar em pauta também a racialização da gordofobia e a questão da representatividade. “Essa ainda é uma militância essencialmente branca e somente recentemente que se começou a falar sobre o racismo dentro desse movimento, o que é muito alarmante. A pessoa gorda é patologizada na sociedade, e uma pessoa gorda e negra também sofre com a deslegitimação de seu discurso e intelecto. A

⁵²Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/gente/colocar-em-pauta-a-gordofobia-ainda-e-militancia-branca-so-agora-se-fala-sobre-racismo-no-movimento-diz-bielo-pereira>. Acesso em: 15 jun. 2021.

pessoa negra é colocada como inferior à pessoa branca, mesmo em um movimento que as duas têm uma causa em comum. É por isso que falta uma representatividade de recorte racial dentro de movimentos antigordofóbicos. Mulheres e mulheres trans são ainda mais inferiorizadas diante do padrão da sociedade, e aí que se dá a importância de se racializar a gordofobia, para que nossa voz seja ouvida e nossas demandas plenamente atendidas”, alerta⁵³.

Entendemos que o processo de repulsão à configuração corpórea volumosa (leia-se, preconceito e discriminação baseados no peso) se desdobra de uma realidade social maior, pautada em conjunturas e ideologias específicas, refletindo atitudes, crenças e valores do tecido social num dado contexto histórico. A sociedade trata nossos corpos como mercadorias, nada além de produtos exibidos nas vitrines da mídia e agora expostos gratuitamente nas redes sociais.

Segundo Luana **Carvalho**:

Quando comecei a ter contato com o movimento antigordofóbico, eu percebi que ele é branco demais, elitizado demais. Se dentro do movimento negro eu sentia que metade da minha existência era apagada, dentro do movimento antigordofobia eu também sentia isso, porque minha vivência enquanto negra não era falada porque é extremamente branco, classista e racista esse movimento⁵⁴.

É notório que o afastamento da dita mulata de aspectos explicitamente negativos é aplicado não com o intuito de igualar a beleza ou a sensualidade da mulher negra à mulher branca; mas, pelo contrário, esse distanciamento funciona de forma a enquadrá-la, nem como a mulher preta, vista como “naturalmente” feia, nem como a mulher branca, símbolo de padrão estético e feminilidade. As supostas qualidades atribuídas às mulheres negras são também responsáveis pela sua desumanização.

Lélia **Gonzalez** pode ser considerada uma mulher à frente do seu tempo, pois foi capaz de refletir que dentro do próprio movimento que defende a igualdade entre gêneros, não foram consideradas as especificidades das mulheres negras. E, nas palavras da autora: “Não podemos mais calar. A discriminação racial é um juízo marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da comunidade afro-

⁵³ “Luana: um corpo político contra a gordofobia”. Disponível em: https://sul21.com.br/8mz_areazero/2020/03/luana-um-corpo-politico-contr-a-gordofobia. Acesso em: 15 jul. 2021.

⁵⁴ Idem.

brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano [...]”. (GONZALEZ, 1982, p. 43).

Nós, mulheres negras e gordas, sempre estivemos falando, lutando, guerreando, perpetuando conhecimentos preciosos através da oralidade, mas, mesmo dessa forma, nos colocam à margem da sociedade.

Por que acha que a gordofobia ainda é um preconceito que não é combatido com a mesma adesão da homofobia e do racismo, por exemplo? “Porque existe uma patologização dos nossos corpos, o que leva a uma crença de que somos pessoas gordas e, conseqüentemente doentes, porque queremos, e não porque a nossa morfologia é assim, e que os nossos corpos estão estabilizados e saudáveis quando gordo. O preconceito mascarado de preocupação com a saúde é um dos que mais machuca e deixa o nosso corpo e mente cada vez mais doentes. Ainda não há um entendimento de que o corpo gordo é um corpo saudável e que merece respeito. Isso precisa mudar”⁵⁵.

A partir dessa reflexão, podemos inferir que nenhum corpo estará sempre saudável no decorrer de sua existência e que o próprio conceito de doença faz parte da construção e vivência desse corpo. Nesse sentido, as mulheres gordas passam a buscar a cirurgia bariátrica, muitas vezes, como recurso para lidar com o sofrimento impulsionado pela gordofobia, estigmatização, preconceito, discriminação e exclusão, na tentativa de se adequar a um padrão de corpo imposto.

O que diria para quem afirma que “não é gordofobia. É preocupação com a saúde”? “Pediria comprovação da graduação em medicina, a liberação pelo conselho para atuar, e especialização em diagnóstico apenas pela visão e o direito de invadir a vida de uma pessoa que ela não conhece e nem sabe como funciona o histórico médico. Ser gordo não é ser doente! Ser gordo é ser gente, e quem tem que se preocupar com a minha saúde sou eu e o meu médico!”.

O que dá esperança no mundo de hoje? “Ver movimentações antirracistas, anti gordofobia e anti lgbtfóbicas me dão esperança, pois são atitudes e formas de ver essas causas baseadas em ação. Pela primeira vez vejo pessoas fora desse grupo se preocupando em fazer algo para que esses preconceitos não se perpetuem mais e isso é um sinal do início de um mundo melhor”.

Um mundo sem gordofobia é: “Um mundo justo, igualitário e com respeito”⁵⁶.

⁵⁵ “Luana: um corpo político contra a gordofobia”. Disponível em: https://sul21.com.br/8mz_areazero/2020/03/luana-um-corpo-politico-contr-a-gordofobia. Acesso em: 15 jul. 2021.

⁵⁶ Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/gente/colocar-em-pauta-a-gordofobia-ainda-e-militancia-branca-so-agora-se-fala-sobre-racismo-no-movimento-diz-bielo-pereira>. Acesso em: 15 jun. 2021.

A gordofobia, muitas vezes, vem atrelada a justificativas e pode ser percebida nos pequenos detalhes. Atitudes como “piadinhas de gordo” ou até mesmo comentários que aparentemente não são maldosos podem afetar a vida de pessoas obesas. Entre as justificativas, o acusador parte do princípio de que sempre há algo maléfico em ser gordo e, quando se retrata da mulher gorda negra, as críticas são ainda mais duras, tendo em vista a estrutura social racista e gordofóbica.

Conforme aponta bell hooks (2005), o racismo e o sexismo agem diariamente de todas as formas possíveis, e encontram nos meios de comunicação um modo de reprodução e reforço dessas ideias. Eles recordam permanentemente o falso pensamento que o amor e o desejo direcionados às mulheres negras só podem ocorrer quando estas, obrigatoriamente, mudam a si mesmas. E é nesse movimento de mudança que essas mulheres são compelidas a escolher, inconscientemente, entre amar aquilo que são, com a sociedade apontando a sua existência como ruim, e aquilo que querem ser. Geralmente, quando se é pressionada para a segunda opção, as mulheres negras acabam por abandonar a si mesmas.

Para a mulher, o peso da cobrança sobre si e de si, em relação à sua imagem, impacta ainda mais na sua tentativa de adequação, seja por meio de regimes alimentares ou de procedimentos cirúrgicos, as intervenções na *psique* feminina e a expectativa de corresponder ao que se espera de seu corpo e de sua sexualidade/sensualidade, acaba por deixar marcas psicológicas e emocionais, só percebidas na tentativa de se libertar das amarras sociais de beleza e da repressão sexual. Assim, a mulher recorre a outro profissional da saúde, o terapeuta.

Compreendendo o racismo recreativo como uma forma de exclusão e perdas de direitos, é importante observar que o racismo ou a injúria racial, quando praticados abertamente, passam por uma reprovação maior da sociedade, entretanto, quando se está camuflado pelo humor, a revolta social se torna bem menos expressiva. Surgindo diante de uma piada discriminatória, revelando o racismo encoberto e mal resolvido, essa característica incorpora o mito da democracia racial, pois historicamente existe uma tentativa de apagar todo o passado de exclusão racial e implantar a ideia de pacificidade das raças e orgulho da mestiçagem.

Como aponta Adilson **Moreira** (2019, p. 95):

O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais por estima social, sendo que ele revela uma estratégia empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas. A posse exclusiva desse bem público garante a elas acesso privilegiado a oportunidades materiais porque o humor racista tem como consequência a perpetuação da ideia de que elas são as únicas pessoas capazes de atuar como agentes sociais competentes. O racismo recreativo contribui para a reprodução da hegemonia branca ao permitir que a dinâmica da assimetria de status cultural e de status material seja encoberta pela ideia de que o humor racista possui uma natureza benigna. Embora ele almeje salientar a suposta degradação moral de minorias raciais por meio do humor, ele expressa também a intenção de impedir a mobilização política em torno da raça. Essa forma de política cultural possibilita a preservação de narrativas sociais baseadas na noção de neutralidade racial, elemento responsável pela manutenção de uma imagem positiva dos membros do grupo racial dominante que praticam crimes de injúria e racismo.

Assim, compreendemos o racismo recreativo como uma espécie de “racismo afetuoso manifestado”, especificamente pela forma de piadas ou representações humorísticas de cunho racial, aparentemente sem a intenção de machucar. O racismo utiliza o tom jocoso, característico dos diálogos brasileiros, para incutir o projeto racial de dominação no imaginário popular de modo sutil, por meio do propósito de produzir o riso tão comum em falas cotidianas. A narrativa do racismo criou uma visão das relações sociais no Brasil que permite esse tipo de atitude e a desqualifica de seu caráter racista. É importante salientar que, apesar do caráter velado desse método de racismo, sua sutileza não implica baixa frequência de manifestação.

Em contrapartida, o empoderamento dos corpos negros faz parte de um movimento contemporâneo que vem influenciando pessoas e ganhando mais adeptos nas redes sociais, que nada mais é do que ter um olhar positivo e sincero para seu corpo e sua imagem. Isso não significa fazer apologia à obesidade, mas deixar de lado padrões sobre o que é bonito ou feio e enxergar beleza em todos e todas, independentemente de como são, inclusive para ter amorosidade o suficiente por si mesmo/a e tratar questões de saúde, quando houver a necessidade disso.

Quando consideramos o empoderamento da mulher, conforme o conceito de Joice Berth (2019, p. 20), pensado como “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento”, é preciso não tomar de forma equivocada a ação de empoderar as mulheres como uma maneira de inverter a posição de poder social e

continuar agindo sob a mesma lógica opressora que a sociedade do consumo e predominantemente religiosa vem operando. O empoderamento é constituído de ações de resistência e não se trata de uma forma de o oprimido se tornar o opressor. Por muitos homens terem essa compreensão é que temem o feminismo e o empoderamento feminino, assim como muitas pessoas brancas temem o fim do racismo, e esse medo camufla o reconhecimento de que a lógica atual do patriarcado, do racismo e do sistema liberal é opressora.

Partimos da constatação de que há pouca ou uma frágil produção dos estudos sobre a gordofobia recreativa. Ser gorda é uma característica normal como qualquer outra. Ela não é o oposto de ser saudável ou de ser bonito. Muita gente diz que entende isso, mas usa frases e palavras no dia a dia que são absolutamente problemáticas e refletem o preconceito enraizado que as pessoas gordas sofrem. A próxima seção irá focar em frases gordofóbicas que precisamos retirar do nosso vocabulário.

3.1 Gordofobia recreativa: piadas que devemos apagar do dia a dia

Assim como o conceito de racismo recreativo, traço aqui um paralelo com a gordofobia recreativa, que consiste em criar uma imagem que reforça, sob a forma de humor, a marginalização de pessoas gordas, o que gera empecilhos e dificuldades cotidianas para pessoas gordas, sobretudo se forem também negras. O que aparentemente pode ser visto como “bobagem”, acaba afetando de diversas maneiras as pessoas gordas, alvo de críticas e piadas. Mas essas questões não são reconhecidas pelo Estado através de políticas públicas, e esses comentários reforçam ainda mais o preconceito sobre os corpos gordos.

Durante a pandemia da Covid-19, ficamos sabendo que o “vírus também é gordofóbico”, por haver uma maior pressão sobre os corpos gordos. Todas as pessoas são alvo desse vírus, trata-se de uma questão de saúde coletiva, mas esse é um contexto que revela o quanto a sociedade brasileira é gordofóbica! Ser obeso não determina outras doenças associadas, isso é tudo uma cabala do mundo da moda para que sejamos todos magros, para que as grandes e médias empresas possam lucrar mais, porque as roupas dos gordos são mais caras para fabricar, porque usam mais tecido e eles não geram tanto lucro.

Conceituando o peso da exclusão, Grasielle **Mota** (2020, p. 47) aponta que:

A pressão para o emagrecimento não se dava apenas no ambiente familiar, mas perpassava outros espaços como a escola, os vizinhos, membros da igreja e amigos. Aos 10 anos eu já frequentava a academia e era incentivada a fazer dietas restritivas. E por não ser algo espontâneo e ainda ser uma criança, tinha dificuldade em aderir às restrições alimentares e nunca conseguia emagrecer, o que me fazia sentir constantemente “a esquisita” e anormal. Por vezes comia exageradamente e posteriormente, me sentindo culpada, regurgitava a comida para não engordar. Na adolescência a cobrança da família e da minha rede de sociabilidade, para que eu emagrecesse se ampliou. Nas reuniões de família as tias teciam comentários sobre meu corpo, à exemplo de afirmações do tipo: “essa menina não vai achar um namorado gorda desse jeito”, “parece uma baleia”, “o bom é que pelo menos tem bunda e perna”. Tais opiniões eram frequentes e me afetavam sobremaneira, eu ficava triste e me calava.

Sendo assim, faz-se necessário perceber que os ataques à subjetividade de quem recebe esses insultos é, na verdade, uma afronta a todas as mulheres gordas o que deveria ser coibido penalmente, uma vez que a impunidade permite socialmente a validação dessa conduta, que pode ser repetida sem que haja consequências, incitando o ódio a minorias e mantendo o racismo institucional presente nessa realidade. A gordofobia é um preconceito específico, mas que não está expresso na legislação, então, acaba sendo enquadrada como injúria.

No trecho a seguir, vamos ver como são manifestados os atos de gordofobia no nosso cotidiano, como aponta Gurgel (2018, p. 91):

A palavra “gorda”, em suma, é resistência. E muitos não entendem ainda, querendo derrubar meu discurso, questionando: “Se gorda não é palavrão por que você problematiza quando chamam alguém de gorda?”. E aí é que vemos como a sociedade está realmente cega. Quando praticam *body shaming*⁵⁷, ridicularizando o corpo das pessoas, geralmente a palavra “gorda” é usada, sim, mas muitas vezes não é. Baleia, rolha de poço, vaca, porca, balde de banha, chupeta de baleia, canhão, baranga, hipopótamo, jamanta, bujão, barriga positiva...São todas palavras considerada “formas legais de apelidar seu amigo gordo” que eu vi num fórum gordofóbico, e que estão presente nos ataques de ódio e humilhação do corpo gordo.

Assim, podemos perceber como surge a gordofobia recreativa, com piadas através dos meios de comunicação. Esse é também um campo fértil para

⁵⁷ É um termo novo que, em português, significa “vergonha do corpo”, causada principalmente pelo outro, por meio de comentários ofensivos, geralmente disseminados pelas redes sociais. Disponível em:

<https://www.clinicamaia.com.br/bodyshaming.html#:~:text=Body%20shaming%20%C3%A9%20um%20termo,geralmente%20disseminados%20pelas%20redes%20sociais>. Acesso em: 15 jul. 2021.

comportamentos doentios e abusivos que têm feito tanto mal a tanta gente e à sociedade como um todo, acionando gatilhos perigosos nas pessoas que são alvo de *body shaming*. São comentários desagradáveis que causam vergonha, a partir do olhar e da ofensa. Isso, claro, sempre existiu, mas nunca com tanta força e vinda de todos os lados de pessoas que não nos conhecem, que nunca nos viram e não se dão conta do poder que as palavras têm.

A seguir, trazemos uma lista organizada pela autora Gurgel (2018, p. 94), que contém comportamentos gordofóbicos que podemos evitar no nosso dia a dia:

- 1) Não ache que pessoas gordas são assim porque fazem “gordice”, comem demais e têm uma vida sedentária.
- 2) Não comente sobre o corpo dos outros.
- 3) Não ofereça ou compartilhe qualquer tipo de dieta, exercício ou solução emagrecedora caso não tenha sido solicitado. Não ache que, só porque a pessoa é gorda, ela automaticamente está querendo perder peso.
- 4) Não use seu preconceito disfarçado de preocupação com a saúde quando o que incomoda é a aparência.
- 5) Não seja fiscal do prato alheio.
- 6) Não ache que pessoas gordas não podem ser saudáveis e não consegue fazer coisas como dançar, transar, ter filhos, praticar ioga e correr uma maratona, por exemplo.
- 7) Evite expressões e palavras gordofóbicas.
- 8) Respeite a pessoa gorda
- 9) Não trate pessoas gordas como doentes, fracassadas ou coitadas.
- 10) Não faça piadas com pessoas gordas. Gordofobia não é piada.

Todas essas teorias são de suma importância para a compreensão do fenômeno que estamos analisando, e a gordofobia recreativa surge de forma “engraçada” para esconder o preconceito que está por trás de tudo isso. Na verdade, a gordofobia vai muito além do que tratamos aqui, e quanto mais a pessoa entende o contexto em que está inserida, ela se torna ainda mais consciente de que a culpa não é sua. Não podemos viver para atender às expectativas que criam a nosso respeito, pois elas dizem respeito aos outros, não a nós mesmas/os.

Apesar de a sociedade compreender que a beleza é algo mais subjetivo que físico, a nossa existência é atravessada por relações culturais patriarcais e racistas, nas quais a compreensão do corpo negro e gordo é algo construído e manipulado, existindo uma busca por um corpo idealmente magro e branco, que é o padrão ocidental de beleza. É um grande equívoco achar que “só é gorda quem quer”, emagrecer é um processo que depende de cada indivíduo enquanto organismo, e há

muitos fatores externos, biológicos e psicológicos que influenciam na obesidade, e ser magra/o não significa ter um ótimo atestado de saúde.

Precisamos lutar para que, assim como o racismo é considerado crime, a gordofobia também possa ser reconhecida da mesma forma, não sendo mais percebida como piada e, se queremos continuar caminhando para mudanças importantes, ela precisa sim ser criminalizada. É importante conscientizar sobre o estrago que a gordofobia faz na vida das pessoas, mas, infelizmente, nem todos querem ter essa consciência, por isso acredito que seja sim importante criar leis que punam pessoas que não respeitam o corpo do outro, pois a gordofobia é também uma forma de violência. Converse com pessoas que são contra piadas sobre gordos e tentem entender as justificativas delas. Não precisa ser gordo para lutar contra a gordofobia, é preciso ser humano.

Por fim, antes de compartilhar qualquer coisa na internet, existem algumas atitudes simples que podemos ter para garantir que o conteúdo não ofenderá ninguém, evitando afetar as outras pessoas. Todos os dias somos confrontadas/os com preconceitos de diversas formas. Nosso papel é olhar para dentro de nós mesmas/os e entender como isso nos afeta. Na ausência de uma lei que regule esse tipo de preconceito e com a constante presença de *stand-ups*⁵⁸, programas de TV e filmes em que pessoas acima do peso viram alvo de chacota, a gordofobia está tão entranhada na sociedade que às vezes somos gordofóbicos sem perceber.

⁵⁸ *Stand up* significa ficar de pé; levantar-se. *Stand up* também é um tipo de espetáculo de humor, onde o indivíduo faz sua performance em pé, por isso recebe esse nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o conteúdo apresentado aqui, ressaltamos que as discursões sobre a gordofobia promovidas pelo Movimento *Vai Ter Gordas* trazem contribuições significativas para a mudança do pensamento social e, conseqüentemente, das ações dos sujeitos e a promoção de políticas públicas para que pessoas gordas tenham os mesmos direitos que pessoas magras, e que possam viver em uma sociedade com dignidade e respeito, sendo atendidas em seus direitos.

O Movimento tem chamado a atenção dos poderes públicos com ações, e essa visibilidade tem sido ampla e muito importante para termos acesso aos espaços diversos, quantos mais estivermos levantando essa pauta, mais visibilidade teremos sobre a questão da gordofobia, que é um assunto de interesse mundial. O Movimento tem se articulado para manter acesas as manifestações e reivindicações em meio à pandemia da Covid-19, trazendo debates para o fomento dessas pautas, sobretudo no âmbito virtual, promovendo ações pontuais que não envolvem o público, considerando as medidas necessárias de segurança sanitária.

Ao longo desta dissertação, foi possível observarmos o contexto histórico e cultural onde está inserida a mulher negra e gorda e como os diversos preconceitos que ela sofre, que atingem sua subjetividade, comportamento e sua própria forma de ver a si mesma. Reafirmamos que o racismo e as demais formas de discriminação vêm interferindo historicamente, sempre de forma negativa, na vida das mulheres negras e gordas, em especial na imagem que elas constroem de si mesmas, que é alicerçada pela forma como a sociedade a percebe. Isso acontece devido à imposição de padrões irrealistas e racistas, que são impossíveis de serem atingidos.

Apesar do discurso que nega ou ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver manifestações de racismo no dia a dia da vida social brasileira. Ora ele é escancarado, como nos massacres físicos e virtuais frequentes contra pessoas negras; ora é silencioso, que aparece no olhar julgador que põe constantemente os corpos negros como o “outro”.

Aqui, trouxemos também elementos para pensar que a gordofobia possui um significativo potencial para fomentar problemas alimentares e psicológicos, demonstrando que essas questões estão vinculadas a um pensamento preconceituoso que provoca atitudes gordofóbicas, que se expressa em diversos setores da sociedade, a exemplo do mercado de trabalho, onde pessoas gordas

sofrem para conseguir emprego, pois os empregadores também fazem suas escolhas com base na aparência física.

Entendemos que há um poder normalizador socialmente construído que gera a exclusão do corpo gordo, que pode ser fortemente percebida através de olhares vigilantes e ações punitivas, desde a disposição dos tamanhos das roupas no mercado da moda, até a inadequação de assentos e catracas de transporte público, nos cinemas, nas escolas, até a rejeição familiar, afetiva e sexual. Tudo que foge ao padrão social do que é aceito como bom, saudável e belo sofre exclusão de forma consciente ou inconsciente, em diferentes níveis e contextos.

A sociedade não permite que as pessoas vivam livremente seus corpos, mas constrói padrões sem considerar a diversidade humana e cria modelos de beleza, saúde e feminilidade. Assim, ser gorda e negra não deveria excluir a possibilidade de uma mulher ser considerada inteligente, linda e atraente, mas a mulher gorda e negra sofre extremamente com tal realidade. É vergonhoso e infeliz o quão cruel a sociedade pode ser com quem não se enquadra nos padrões de beleza. Todos os dias, diferentes mulheres sofrem preconceitos, são vítimas de insultos e levam desvantagem somente por não estarem na “medida certa”.

As mulheres são diferentes, podem ser altas, baixas, gordas, magras, de todas as formas e tamanhos e não há nada de errado em não atender ao padrão. Esses ditames se opõem à valorização da mulher como ela é, que simplesmente deveria amar a si e ao seu corpo. A beleza é tão somente uma contemplação subjetiva e relativa, não deveria ser enquadrada em padrões que excluem e discriminam. Pode ser clichê, mas é legítimo: bonita é ser você!

Em oposição a isso, a pessoa gorda vai sendo vista como alguém que não tem controle sobre si e sobre seus desejos, logo é alguém que necessita de cuidado e controle externo, e aí estão as figuras do médico, do nutricionista e do instrutor físico, para fazerem cumprir essa necessidade de adequação do corpo. Então, quando falamos em reflexões que envolvem mulheres negras e gordas, significa que a essência da luta feminista deveria representar todas as mulheres, no sentido da libertação do patriarcado, mas também do racismo, da gordofobia e das mais diversas formas de opressão, considerando as diferentes experiências e suas especificidades. Desse modo, uma mulher negra e gorda sofre mais opressão que uma mulher branca e gorda.

A partir do momento em que se entende que o corpo gordo sofre restrições diante da estrutura social pensada apenas para corpos que estão no padrão, entendemos a necessidade de construir espaços inclusivos, que pensem na realidade e diversidade dos corpos da população. Existe todo um pensamento social e cultural, reforçado pelo discurso religioso, pelo discurso médico e pelo discurso capitalista, que não associa o corpo de mulheres gordas a uma imagem positiva, mas sim à doença, vergonha, culpa, desleixo, preguiça, feiura, ausência de feminilidade e falta de controle e amor próprio. Por isso é necessário nomear o preconceito da gordofobia, conhecer a forma como ela se constitui, para assim criarmos estratégias de resistência e ferramentas de atuação a fim de combatê-la.

Então, podemos problematizar que quando o feminismo e suas pautas se tornam produtos de consumo, algo que pode ser comprado, a real luta pelo fim das opressões, a partir de ações políticas, parece ficar em segundo plano quando se pensa no coletivo. E aí, enquanto uma reafirmação do poder coletivo, o empoderamento se perde e se transforma em um discurso individualista liberal de subjetivação dos sujeitos e seus corpos para, mesmo que de outra perspectiva, servirem à lógica do mercado. A real liberdade faz com que você rompa seus medos; as críticas ou piadas já não interessam, o que passa a importar é o que te traz sossego, leveza, gargalhadas, festividades e a convicção de que se aceitar como se é, aceitar suas próprias qualidades e defeitos, é um processo individual e ao mesmo tempo coletivo.

Quando falamos de empoderamento feminino, não estamos nos referindo somente a dar espaço para as mulheres na sociedade, mas também estamos colocando o quanto é importante encorajar as mulheres diversas a serem o que querem, a terem autoestima elevada e a repassarem esse suporte a outras mulheres, falamos especialmente das mulheres negras e gordas, que estão ainda mais à margem da sociedade. Assim, é necessário fomentar discussões, gerar questionamentos para que as exigências de mulheres negras e gordas sejam ouvidas e consideradas na construção de políticas públicas e nas relações sociais como um todo, inclusive no interior das famílias, rompendo com a estigmatização e a patologização do corpo gordo, enquanto questão de direitos humanos.

As condições sociais que influenciam para o desenvolvimento de neuroatipicidades⁵⁹ têm impacto negativo direto sobre as mulheres negras e gordas. Isso porque são elas que estão submetidas a essas condições em maior proporção, quando comparadas às mulheres brancas. É necessário, portanto, modificações urgentes quanto ao atendimento do SUS, mas, também, é essencial que mudanças mais amplas ocorram nos mais diversos setores da sociedade, para que, desse modo, práticas opressoras não afastem mulheres gordas dos ambientes sociais: família, escola, trabalho e do mundo virtual. Desse modo, não só o direito à saúde das mulheres gordas será garantido, mas também o compromisso social com os direitos humanos.

Por fim, os ciclos pelos quais nós mulheres negras e gordas passamos ocorrem processualmente, e um passo importante é buscar se libertar das amarras do patriarcado, mas esse é um movimento que precisa incluir as mais diversas formas de opressão, como o racismo e a gordofobia, já que possuem a mesma matriz opressora, para que essa libertação seja coletiva e plena. Nesse sentido, o papel do ativismo é fundamental, para colaborar nos processos de tomada de consciência individual e coletiva, a partir de estudos teóricos e ações práticas. Em relação ao processo de aceitação de si, enquanto mulher negra e gorda, geralmente é uma construção que se dá por meio da militância, e o Movimento *Vai Ter Gorda* exerce um papel muito importante na construção de uma luta pela aceitação de si e contra a gordofobia. Por fim, ressaltamos que urge o feminismo incluir em suas pautas as reivindicações das mulheres negras e gordas.

⁵⁹ Termo que se refere a movimentos de pessoas diagnosticadas com autismo que lutam para que não sejam vistas como portadoras de uma doença e que, portanto, não precisam de cura.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Lívia Moreira de. Ciberativismo: mapeando discussões. **Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22474>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ARCOVERDE, Vanessa; RODRIGUES, Ramilla. **Cinderela não é gorda**: análise de conteúdo da personagem Perséfone na novela Amor à Vida. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ARRAES, Jarid. Gordofobia: um assunto sério. **Geledés**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gordofobia-um-assunto-serio-por-jarid-arraes>. Acesso em: 10 set. 2020.

_____. Criticar a indústria Plus Size é preciso. **Revista Fórum**, 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/criticar-industria-plus-size-e-preciso>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ASSIS, Dayane. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisados. **Revistas Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 2, p. 458-463, 2º semestre, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência, gênero e poder: múltiplas faces. *In*: STEVENS, Cristina *et al.* (org.). **Mulheres e violências**: interseccionalidades. Brasília: Technopolitk, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35386>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BARBOSA, Eryl Guedes; SILVA, Silvano Bezerra da. Os espaços ocupados pela mulher negra nas revistas femininas brasileiras. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291434_ARQUIVO_artigo_completo_fazendo_genero.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividade no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowfedge, Consciousness, and the Politics of Empowerment, a partir do conceito de imagens de controle. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio Sino, 2019.

CARNEIRO, Suely. Mulheres em movimento. **Estud. Av.**, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>. Acesso em: 2 jul. 2021.

_____. Raça, gênero e ações afirmativas. In: BERNARDINO, Joaz; GALDINO, Daniela (Org.). **Levando a raça a sério**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. (Coleção Políticas da Cor).

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (org.). **Por outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Boitempo, 2019. Disponível em: https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Adriana do Carmo *et al.* Racismo cordial desconstruído: uma leitura pós-positivista do papel da mulher negra no Brasil Colonial. **E-Civitas – Revista Científica das Áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 4-14, 2013. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/912/906>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus – Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, n. 3, v. 1, 2015. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso em: 27 fev. 2020.

_____. Apresentação e comentários à entrevista de Ochy Curiel. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, Cachoeira/BA, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/cgd.v3i4.25199>. Acesso em: 12 set. 2020.

FILHO, Moiseis *et al.* Olhares e reflexões sobre o corpo na cultura contemporânea. **Revista Dialektiké**, v. 3, n. 2, p. 2-9, 2015.

FONSECA, Natália. A emergência do ativismo gordo no Brasil. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11 & 13, Florianópolis, 2017. In: **Anais...** Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334_ARQUIVO_AemergenciadoMovimentoGordonoBrasilNataliaRangel.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da Justiça numa era pós- socialista. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 232-233, 2006.

GÓES, Laércio. Contra-hegemonia e internet: Gramsci e a mídia alternativa dos movimentos sociais na web. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 9. In: **Anais...** 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitado, 1982.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, 1984. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247561/mo_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

_____. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000180&pid. Acesso em: 28 fev. 2021.

GOULART, Miriam. Mercado plus size em alta. **Revista Catarina**, 2009. Disponível em: <http://www.revistacatarina.com.br/14464-2>. Acesso em: 28 fev. 2020.

GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Violência contra a mulher**: problematizando questões teóricas, filosóficas e jurídicas. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822015000200256&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 12 jul. 2021.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. 3 ed. Rio de Janeiro: Best Saller, 2018. p. 91-94.

GURGEL, Telma. Feminismo e liberdade. **Universidade e Sociedade**, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v12e222018337-349>. Acesso em: 23 nov. 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Unesco no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **Não sou eu uma mulher**: mulheres negras e feminismo. Tradução da Plataforma Gueto, 2005. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-umamulher_traduzido.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

ISAIA, Leticia. **A revolução fashion**: os blogs como instrumentos de consolidação da identidade plus size. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura) – Universidade do Minho, Portugal, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES, Dailza Araújo. **Ciberativismo como estratégia política**: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook e em Salvador/BA. 2017. Dissertação (Mestrado em Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MACÊDO, Katia. B. Sobre a politicidade e a dinâmica do poder nas organizações: um recorte psicossocial. **Psicologia & Sociedade**, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. 3, 1998.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

MOTA, Grasielle. **Gordofobia e gênero**: preconceitos vivenciados pelas mulheres gordas da cidade de Cachoeira/BA. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2020.

NOVAES, Joana. **Com que corpo eu vou?** Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2005.

PIÑEYRO, Magdalena. **Stop gordofobia y las panzas subversas**. Málaga: Zambra y Baladre, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156453>. Acesso em: 16 set. 2020.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. **Cadernos PAGU**, Campinas, v. 6/7, p. 9-35, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1859>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/178668/TCL%20Nat%C3%A1lia%20Rangel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 dez. 2020.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *In*: ENCONTRO DA COMPÓS, 19. PUC/MG, 2009. **Anais...** Disponível em: <http://docplayer.com.br/14203503-Em-busca-das-redes-queimportam-1-redes-sociais-e-capital-social-no-twitter.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ROCHA, Gabriela. **Gabyanna negra e gorda**. Salto: Schoba Editora, 2018.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Graphium Editora; Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/Genero-%20Patriarcado-%20Violencia%20%20-livro%20completo.pdf/view>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador/BA. Salvador: EDUFBA, 2008.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SILVA, Jean; BOUSFIELD, Andrea. B. S.; CARDOSO, Luiza. H. A hipertensão arterial na mídia impressa: análise da revista Veja. **Psicologia & Saber Social**, v. 2, n. 2, p. 191-203, 2013.

SORATTO, Rafaela. **O conceito de beleza pelo processo midiático: corpo gordo e corpo magro**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em moda: criação e processo produtivo) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2009.

SOUZA, Ariele. A beleza que muda ao longo dos tempos. **Instituto de Alimentação Consciente e Intuitiva (IACI)**, 2017. Disponível em: <https://www.institutoaci.com/single-post/2017/10/26/a-beleza-que-muda-ao-longo-dos-tempos>. Acesso em: 27 fev. 2021.

TILIO, Rafael. Padrões e estereótipos midiáticos na formação de ideais estéticos em adolescentes do sexo feminino. **Revista Ártemis**, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis>. Acesso em: 12 nov. 2020.

UGARTE, David. **O poder das redes**. Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

YOSHINO, Nair. **A normatização do corpo em excesso**. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.